



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Programa de Mestrado Profissional em Letras



ProfLetras
Unidade Pau dos Ferros

PAULA VERÔNICA FERREIRA RODRIGUES

**ANÁLISE DOS FATORES DE COERÊNCIA NOS TEXTOS DE
ALUNOS DO 6º ANO VEICULADOS VIA *FACEBOOK***

PAU DOS FERROS

2015

PAULAVERÔNICA FERREIRA RODRIGUES

ANÁLISE DOS FATORES DE COERÊNCIA NOS TEXTOS DE ALUNOS DO 6º ANO
VEICULADOS VIA *FACEBOOK*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), do *Campus* Avançado Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Linha de Pesquisa: Leitura e Produção textual: diversidade social e práticas docentes

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa.

A dissertação “**ANÁLISE DOS FATORES DE COERÊNCIA NOS TEXTOS DE ALUNOS DO 6º ANO VEICULADOS VIA FACEBOOK**”, de autoria de Paula Verônica Ferreira Rodrigues, foi submetida à Banca Examinadora, constituída pelo PROFLETRAS/UERN, como requisito final necessário à obtenção do grau de Mestre em Letras, outorgado pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dr.^a Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa (UERN)

(Presidente)

Profa. Dr.^a Ana Maria Pereira Lima (UECE)

(1ª Examinadora Externa)

Profa. Dr.^a Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra (UERN)

(2ª Examinadora Interna)

Prof. Dr.^a Maria Lúcia Pessoa Sampaio (UERN)

(Suplente)

DEDICO:

Aos meus pais, José Camilo Rodrigues e, principalmente, à minha mãe, Maria da Paz Ferreira Rodrigues, por todo amor, empenho e sacrifício em me educar.

Aos meus filhos, João Felipe Ferreira Vital e Suzana Isly Ferreira Vital, com quem aprendo a cada dia a função de amar e educar.

Ao meu esposo, Manoel Messias Batista Vital, pela paciência, amor e companheirismo nesta caminhada.

À toda minha família, minha base.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todas as bênçãos e por ter me permitido fazer parte da 1ª turma do PROFLETRAS/CAMEAM/UERN e, conseqüentemente, alcançar o título de mestre, apesar de todas as minhas limitações.

À minha mãe, por todo apoio e exemplo, minha primeira e maior professora, a quem sigo a profissão.

Aos meus filhos, pela alegria proporcionada nos momentos de angústia e insegurança.

Ao meu esposo, por toda compreensão, carinho e dedicação nos momentos de aflição.

Aos professores do PROFLETRAS, pelo aprendizado.

Aos colegas da turma, pela socialização dos saberes.

Às colegas Ana Cátia, Ana Maria, Eliete e Luciana, pela troca de experiências e amizade.

À minha orientadora, Dra. Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa, pela contribuição para a realização deste trabalho.

Às examinadoras, Dra. Ana Maria Pereira Lima e Dra. Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra, por todas as pontuações necessárias para a melhoria deste trabalho.

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudo.

Aos meus colegas de profissão, Francisco das Chagas e Silva Neto, pelo incentivo para participar da seleção para o PROFLETRAS.

À escola Waldemar de Sousa Veras e à diretora Maria José F. Abrantes Ferreira, por todo apoio antes, durante e depois da intervenção.

Aos alunos, pelas produções, troca de saberes, participação e contribuição para a pesquisa.

A todos que contribuíram, de alguma forma, para a realização desta pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de investigar a prática de leitura e de produção textual realizada através do ciberespaço em um grupo fechado no *Facebook*, analisar os fatores de coerência presentes nas produções textuais dos alunos, bem como, se houve avanço do letramento alfabético e digital. O *lócus* da pesquisa é uma turma de 26 alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II, da Escola Estadual Waldemar de Sousa Veras, em Alexandria-RN. O *corpus* desta pesquisa é constituído por 43 comentários/produções textuais de 9 alunos desta turma sobre 10 textos/atividades de gêneros variados, postados pelo professor pesquisador no grupo do *Facebook* nomeado ESPAÇO DA APRENDIZAGEM/ 6º ANO “B” 2014 WSV durante o processo de intervenção nos meses de julho, agosto, setembro e dezembro de 2014. O suporte teórico e metodológico da pesquisa está ancorado nas concepções de Collares e Moysés (1996), Bossa (2002), Rojo (2009), Lugli e Gualtiere (2012) sobre o fracasso escolar; em Soares (2006) e Rojo (2012) sobre letramentos; em Ribeiro (2009), Coscarelli (2007), Kenski (2012), Moran (2013), Lévy (1999), Recuero (2010), Nazaré (2013), Couto Júnior (2013), Sousa (2014) e Brito (2014) acerca do letramento digital, das tecnologias e das redes sociais; em Abaurre (2012), Antunes (2003, 2005, 2009), Cavalcante (2012), Charolles (2002), Koch (1999, 2008, 2009), Marcuschi (2008), Canonice (1999) e Freitas (2006) sobre produção de texto, gêneros textuais e coerência; e relacionado à metodologia e ao tipo de pesquisa temos Chizzotti (2008), Richardson (2010), Gressler (2007), entre outros autores. Quanto ao tipo de pesquisa, trata-se de uma pesquisa descritiva e interpretativista, com abordagem quantitativa. No *corpus* analisado, concluímos que alguns textos apresentam problemas quanto ao estabelecimento da coerência sintática, semântica, pragmática, temática e estilística. A análise também apontou que, através de um trabalho mais frequente de leitura e escrita, os alunos conseguiram progredir em relação aos aspectos da coerência textual: continuidade, progressão, não contradição e articulação. Essa progressão também deu-se em relação ao letramento alfabético ao observarmos que os textos apresentavam mais organização no que diz respeito aos aspectos lexicais e gramaticais e em relação ao letramento digital por estas atividades contemplarem o uso do *Facebook*. Diante de tudo isto, constatamos que o uso pedagógico das tecnologias é propício para o desenvolvimento das competências de leitura e escrita.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Letramento. *Facebook*. Coerência.

ABSTRACT

This research aims to investigate the practice of reading and of textual production conducted through cyberspace in a closed group on *Facebook*, analyze the coherence factors present in the textual productions of the students as well, if there was progress of alphabetical and digital literacy. The locus of research is a class of 26 students of the 6th grade of elementary school II, the State School Waldemar de Sousa Veras in Alexandria-RN. The corpus of this research consists of 43 comments / textual productions of 9 students of this class about 10 texts / activities of different genres, posted by research professor in the *Facebook* group named SPACE LEARNING / 6th YEAR "B" WSV 2014, during the process intervention in the months of July, August, September and December 2014. The theoretical and methodological support of the research is anchored in the concepts of Collares and Moyses (1996), Bossa (2002), Rojo (2009), Lugli and Gualtiere (2012) about school failure; in Smith (2006) and Rojo (2012) on literacies; in Ribeiro (2009), Coscarelli (2007), Kenski (2012), Moran (2013), Levy (1999), Recuero (2010), Nazareth (2013), Couto Junior (2013), Sousa (2014) and Brito (2014) about digital literacy, technology and social networks; in Abaurre (2012), Ali (2003, 2005, 2009), Choi (2012), Charolles (2002), Koch (1999, 2008, 2009), Marcuschi (2008), Canonice (1999) and Freitas (2006) on the production text, text genres and consistency; and related to the methodology and the type of research we Chizzotti (2008), Richardson (2010), Gressler (2007), among other authors. Regarding the type of research, it is a descriptive and interpretative research with quantitative and qualitative approach. In corpus analysis, concluded that some texts present problems regarding the establishment of syntactic consistency, semantic, pragmatic, thematic and stylistic. The analysis also pointed out that, through more frequent work reading and writing, students were able to make progress in relation to aspects of textual coherence: continuity, progression, not contradiction and articulation. This progression also occurred in relation to the level of alphabetic literacy to observe that the texts were more organization with regard to lexical and grammatical aspects and the level of digital literacy by these activities contemplate the use of *Facebook*. Given all this, we find that the educational use of technology is conducive to the development of reading and writing skills.

Key-words: Reading. Writing. Literacy. *Facebook*. Consistency.

LISTA DE QUADROS

COMENTÁRIO 1.....	69
COMENTÁRIO 2.....	70
COMENTÁRIO 3.....	71
COMENTÁRIO 4.....	71
COMENTÁRIO 5.....	73
COMENTÁRIO 6.....	74
COMENTÁRIO 7.....	74
COMENTÁRIO 8.....	74
COMENTÁRIO 9.....	76
COMENTÁRIO 10.....	77
COMENTÁRIO 11.....	77
COMENTÁRIO 12.....	78
COMENTÁRIO 13.....	81
COMENTÁRIO 14.....	81
COMENTÁRIO 15.....	82
COMENTÁRIO 16.....	82
COMENTÁRIO 17.....	84
COMENTÁRIO 18.....	84
COMENTÁRIO 19.....	94
COMENTÁRIO 20.....	94
COMENTÁRIO 21.....	95
COMENTÁRIO 22.....	96
COMENTÁRIO 23.....	96
COMENTÁRIO 24.....	97
COMENTÁRIO 25.....	99
COMENTÁRIO 26.....	100
COMENTÁRIO 27.....	100
COMENTÁRIO 28.....	101
COMENTÁRIO 29.....	101
COMENTÁRIO 30.....	102
COMENTÁRIO 31.....	102

COMENTÁRIO 32.....	104
COMENTÁRIO 33.....	105
COMENTÁRIO 34.....	105
COMENTÁRIO 35.....	106
COMENTÁRIO 36.....	106
COMENTÁRIO 37.....	106
COMENTÁRIO 38.....	106
COMENTÁRIO 39.....	106

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Dificuldades dos alunos no uso da Língua Portuguesa.....	57
GRÁFICO 2: Uso da internet ou do <i>Facebook</i> nas aulas de Língua Portuguesa.....	58
GRÁFICO 3: Quantidade de textos e porcentagem referentes aos tipos de incoerências	91

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 SUBSÍDIOS TEÓRICOS DA PESQUISA	17
2.1 O Fracasso Escolar	17
2.2 Letramento	20
2.2.1 Letramento digital	24
2.3 Os recursos tecnológicos e o processo de ensino e aprendizagem	26
2.3.1 As redes sociais	30
2.3.2 A rede social <i>Facebook</i>	32
2.4 A leitura e a escrita na internet	34
2.5 A produção de texto no contexto escolar e a influência dos gêneros discursivos/textuais	38
2.6 Fatores de coerência	43
3 O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	50
3.1 Contextualizando a metodologia	50
3.2 Natureza da pesquisa	51
3.3 Universo da pesquisa: o <i>locus</i> e o <i>corpus</i>	52
3.4 A ação didática.....	55
3.4.1 A análise do questionário	56
3.4.2 As principais dificuldades no uso da Língua Portuguesa.....	56
3.4.3 O uso da internet ou do <i>Facebook</i> como suporte e estímulo para melhorar a participação e a aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa.....	58
3.5 A proposta interventiva	60
3.5.1 Plano de intervenção: Sequência didática	63
3.6 Conclusão da intervenção	66
4 A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NOS TEXTOS CONTIDOS NO GRUPO ESPAÇO DA APRENDIZAGEM	67
4.1 Tipos de coerência	67
4.1.1 Coerência sintática.....	67
4.1.2 Coerência semântica	72
4.1.3 Coerência pragmática	75
4.1.4 Coerência temática	78

4.1.5 Coerência estilística.....	83
4.1.6 Coerência genérica	85
4.2 Aspectos da coerência.....	93
4.2.1 Continuidade.....	93
4.2.2 Progressão.....	95
4.2.3 Não contradição	97
4.2.4 Articulação.....	101
4.3 Letramento alfabético e digital.....	103
5 CONCLUSÃO.....	109
REFERÊNCIAS	113
APÊNDICES	118
ANEXOS	124

1 INTRODUÇÃO

As atividades de leitura e escrita são complementares. Uma não existe sem a outra. E é na escola que essas atividades são praticadas de modo organizado e sistemático. (ABAURRE, 2012, p. 9)

A leitura e a escrita são atividades imprescindíveis para a formação e o desenvolvimento dos indivíduos. Por este motivo, essas práticas devem ser realizadas de maneira prazerosa visando ao desenvolvimento crítico e reflexivo destes sobre a realidade que os rodeia. Diariamente, nos deparamos com alunos que não encontram interesse e motivação pelos estudos, principalmente no que diz respeito à leitura e à escrita, e quando os fazem, é de maneira superficial, sem sentido e sem criticidade.

O incentivo à leitura e à escrita é uma tarefa desafiadora para o professor e, muitas vezes, a forma como esta é realizada resulta no sucesso ou no fracasso escolar. Sendo assim, é necessário que, nas aulas de língua materna, o professor incentive e desperte o interesse dos alunos pela leitura e pela escrita, fazendo uso de diversos gêneros e suportes, para que essas práticas não se tornem uma obrigação e sim uma atividade prazerosa e instigante que leve o aluno a atribuir sentido àquilo que leem e escrevem. Cabe principalmente ao professor, colaborar para que os alunos possam desenvolver o interesse pelas aulas e as habilidades necessárias para a compreensão, o sentido e a prática de produção de textos.

Na atualidade, a forma como nos comunicamos e aprendemos está sendo ampliada mediante a presença constante das tecnologias em nosso cotidiano. A escola não pode ficar avessa às transformações tecnológicas que a sociedade vem enfrentando. É preciso inseri-las na tarefa de ensinar e aprender para que se possa acompanhar as crescentes exigências dessa “era digital” e promover, juntamente com o letramento alfabético, o letramento digital.

Todas essas alterações tecnológicas que atingem a educação põem em evidência a ação do professor que precisa estar em constante processo de aprendizagem para a ampliação e o aprimoramento da sua atuação profissional no que diz respeito à aquisição de habilidades e competências para o trabalho com as novas tecnologias.

Quando se tem o propósito de redimensionamento da prática pedagógica com o auxílio de algum suporte digital, o devido conhecimento tecnológico torna-se necessário, pois esse conhecimento é uma possibilidade de renovação da prática e da melhoria no processo de ensino e aprendizagem, e do rompimento de práticas repetidas e tradicionais que resultam na

insatisfação e insucesso escolar. De acordo com o posicionamento de Kenski (2012, p. 78), o que ela define como resultado é: “insatisfação de ambas as partes (professores e alunos) e um sentimento de impossibilidade de uso dessas tecnologias para (essas) atividades de ensino.” Daí a importância e a necessidade de conhecimento do professor acerca do uso dos recursos tecnológicos em sala de aula.

Sabendo que as tecnologias da informação e comunicação são fontes inovadoras que possibilitam a ampliação do potencial de cada indivíduo, iremos incluir essa ferramenta digital, mais precisamente, o *Facebook*, nas aulas de Língua Portuguesa, em uma escola pertencente à rede pública do Estado do Rio Grande do Norte, na cidade de Alexandria, com o intuito de promover a construção do conhecimento dos alunos, estimulando seus interesses, participação nas aulas e superação das dificuldades de aprendizagem acerca da leitura e da escrita, na perspectiva de amenizar o fracasso escolar.

Como medidas de enfrentamento destas problemáticas, as novas tecnologias entram em cena como suporte no processo de ensino e aprendizagem, pelo fato de criarem novas possibilidades de redimensionamento do fazer pedagógico. A necessidade da presença da tecnologia na escola é justificada por ela fazer parte do cotidiano das pessoas, por ser uma nova forma de conhecimento e aprendizado e por dinamizar e inovar pedagogicamente o desenvolvimento da prática da leitura e da escrita.

Com base nessa afirmação, o uso das tecnologias, especialmente o *Facebook*, por ser uma ferramenta de produção e expressão do conhecimento, é capaz de dinamizar as aulas, possibilitar uma maior interação entre professor e aluno e propiciar a espontaneidade. O desafio está em promover a utilização desse recurso em prol da melhoria da qualidade do ensino e, conseqüentemente, conscientizar o aluno da relevância da leitura e da escrita na sociedade, superando os índices negativos relacionados à qualidade do ensino.

A justificativa desse trabalho dá-se por meio da nossa atuação como docente na Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Norte há alguns anos, aonde percebíamos, durante as aulas, a desmotivação de alguns alunos pelos estudos, o que ocasionava a falta de atenção, desinteresse pelas atividades de leitura e escrita, dificuldade de aprendizagem, e evasão dos mesmos. A partir desta realidade, foi possível constatar que esses, dentre muitos outros fatores, têm provocado o chamado fracasso escolar.

Diante de nosso fazer pedagógico, todos os fatores acima mencionados têm nos inquietado muito, por isso, percebemos a necessidade de inovação da prática pedagógica nas aulas de Língua Portuguesa com o intuito de promover a construção do conhecimento dos

alunos, estimulando seus interesses, participação e superação das dificuldades de aprendizagem de leitura e produção textual, utilizando como suporte as tecnologias.

Para tal ação, fomos buscar suporte teórico e metodológico em estudiosos como: no campo do fracasso escolar, Collares e Moysés (1996), Bossa (2002), Rojo (2009), Lugli e Gualtiere (2012); sobre letramentos, Soares (2006) e Rojo (2012); sobre letramento digital, tecnologias e redes sociais, Ribeiro (2009), Coscarelli (2007), Kenski (2012), Moran (2013), Lévy (1999), Recuero (2010), Nazaré (2013), Couto Júnior (2013); sobre produção de texto, gêneros textuais e coerência, Abaurre (2012), Antunes (2003, 2005, 2009), Cavalcante (2012), Charolles (2002), Koch (1999, 2008, 2009) e Marcuschi (2008); e quanto à metodologia e o tipo de pesquisa em Chizzotti (2008), Richardson (2010), Gressler (2007), entre outros autores correlacionados.

Além destes, nos baseamos também em outros autores que já estudaram sobre a temática discutida, como por exemplo, em Freitas (2006), que aborda a coerência local em textos de vestibulandos, em Canonice (1999), que faz um estudo sobre a coesão e a coerência em textos dos formandos de letras, em Brito (2014) e em Sousa (2014), que utilizam ferramentas que situam/realizam processos de interação nas aulas de língua materna, o *Twitter* e o *Blog* respectivamente, para a prática da leitura e produção de textos. Contudo, nosso trabalho se diferencia destes por discutir a coerência global ou a falta dela, nos textos de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental veiculados via *Facebook*.

Procuramos, também, por meio desta pesquisa encontrar e aplicar medidas de intervenção que tornem a permanência do aluno na escola mais motivadora e produtiva e contribuir para o desenvolvimento das suas habilidades de leitura e produção textual.

Levando em consideração as observações feitas em nossa sala de aula, a necessidade do redimensionamento do nosso fazer pedagógico e a relevância do recurso digital *Facebook*, optamos em elaborar o presente trabalho visando também propiciar a dinamização das aulas e a interação entre professor e aluno.

O *corpus* da nossa pesquisa intitulada de: “Análise dos fatores de coerência nos textos de alunos do 6º ano veiculados via *Facebook*” foi coletado nas aulas de Língua Portuguesa em uma escola pública da rede estadual de ensino, localizada no centro da cidade de Alexandria, interior do Rio Grande do Norte, com 09 alunos¹ da turma do 6º ano “B” do Ensino Fundamental. A pesquisa está vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), desenvolvida

¹ A turma era formada por 26 alunos, porém 12 deles não quiseram se envolver na pesquisa, apesar de todos os pais terem assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

na linha de pesquisa “Leitura e produção textual: diversidade social e práticas docentes”, por esta relacionar-se à temática abordada na pesquisa em questão.

Para realizarmos tal pesquisa, nos deparamos com a seguinte questão: Como estimular a participação e a aprendizagem dos alunos na prática de leitura e produção de textos fazendo uso das tecnologias, mais precisamente, o *Facebook*, para minimizar o fracasso escolar, este, caracterizado pelo desinteresse do aluno em desenvolver tais atividades e pela falta de sentido nos seus textos? O objetivo geral da pesquisa é: Investigar a prática de leitura e produção textual realizada em um grupo fechado no *Facebook* denominado de “Espaço da Aprendizagem” para podermos analisar os fatores de coerência predominantes nas produções textuais dos alunos, quando as fazem para que sejam veiculadas via *Facebook*. Em concordância com o objetivo geral, os nossos objetivos específicos são:

- i) Investigar se as produções textuais dos alunos apresentam problemas ou não quanto ao estabelecimento da coerência para analisar se há incidência de incoerência (sintática, semântica, temática, pragmática, estilística ou genérica);
- ii) Analisar quais aspectos da coerência (metarregras) estão presentes nas produções textuais dos alunos (continuidade, progressão, não contradição e articulação).
- iii) Averiguar o avanço do letramento alfabético e digital por meio das atividades que envolvem o uso do *Facebook*;

Para atingir nossos objetivos, aplicamos um questionário aos alunos para percebermos se o uso das tecnologias na sala de aula estimularia a participação deles nas tarefas de leitura e escrita, como também para conhecer quais eram as dificuldades no uso da Língua Portuguesa, para, a partir dos resultados deste, aplicarmos uma ação interventiva e coletar o nosso *corpus*. Por constarmos o constante acesso dos alunos à rede social *Facebook*, decidimos utilizá-la na nossa pesquisa. O *corpus* dessa pesquisa é 43 produções textuais de nove alunos realizadas por meio do *Facebook*, e coletadas através da ação interventiva que será detalhada no terceiro capítulo. Analisaremos as produções textuais dos alunos, observando os fatores de coerência presentes nas produções como indispensáveis para a construção do sentido do texto, como também, averiguaremos o avanço do letramento alfabético e digital.

Pelo fato de as redes sociais serem um espaço propício, fértil, dialógico e de interesse do aluno, exploraremos a prática de leitura e escrita através dos meios digitais, estritamente no *Facebook*, ampliando, assim, o letramento alfabético e digital. Será oportunizada ao aluno a condição de leitor e produtor de textos na qual ele poderá, de maneira mais espontânea e interativa, desenvolver e ampliar sua criatividade, criticidade e o seu letramento.

A inclusão da tecnologia no universo escolar é uma das muitas possibilidades de despertar o interesse e a curiosidade do aluno pelo conhecimento, pois ativa no educando a imaginação, a motivação e a necessidade de aprender algo novo.

Tendo em vista as várias causas do fracasso escolar, é possível concluir que estas não são atribuídas somente ao aluno ou tão somente ao professor, mas também a todo o meio em que os envolvidos estão inseridos. É preciso que haja o enfrentamento de tal problemática onde escola, família e sociedade não meçam esforços para que esta realidade seja transformada.

O trabalho está estruturado da seguinte maneira: introdução, primeiro capítulo da pesquisa, apresentamos uma visão geral do nosso trabalho, os nossos objetivos e a questão da pesquisa. No segundo capítulo, os subsídios teóricos da pesquisa, apresentamos as contribuições teóricas e metodológicas de alguns autores relacionadas à nossa temática. No terceiro capítulo, o percurso metodológico da pesquisa, analisamos um questionário aplicado para sabermos se o uso do *Facebook* pode estimular a prática da leitura e da escrita dos alunos e também para sabermos quais são as dificuldades deles no uso da Língua Portuguesa, para, a partir daí, podermos realizar uma ação interventiva. Evidenciamos também neste capítulo, o tipo de pesquisa, o objeto de investigação e a apresentação do *corpus*. No quarto capítulo, realizamos a análise e interpretação dos dados coletados, ou seja, os textos contidos no grupo do *Facebook* intitulado de ESPAÇO DA APRENDIZAGEM 6º ANO “B” 2014, que pode ser visualizado em (<https://www.facebook.com/groups/501925686600666/>). No quinto capítulo, apresentamos as nossas conclusões, ressaltando alguns aspectos importantes da pesquisa e do uso dos recursos tecnológicos como proposta para incentivar a participação e a aprendizagem dos alunos nas aulas de leitura e produção de textos. Em seguida, temos as referências utilizadas na pesquisa, os apêndices e os anexos.

2 SUBSÍDIOS TEÓRICOS DA PESQUISA

O fracasso escolar, que tem sido concebido como o fracasso do aluno ante às demandas escolares, é hoje provavelmente o maior empecilho à democratização das oportunidades de acesso e permanência da grande massa da população em nossas instituições escolares. É, nesse sentido, o maior sintoma da crise de nossas escolas. (AQUINO, 1997, p. 21)

Neste capítulo, discutimos sobre o fracasso escolar ancorados nas teorias de Collares; Moisés (1996), Bossa (2002), Aquino (1997) e Rojo (2009). Com base nestes autores, buscamos as explicações sobre esta temática e destacamos algumas medidas de enfrentamento adotadas para a superação desta problemática. Destacamos, ainda, os altos índices de analfabetismo apontados pela Pesquisa Nacional de Domicílios (PNAD) e pelo Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF). Discutimos também, neste capítulo, sobre o letramento e o letramento digital; os recursos tecnológicos e o processo ensino e aprendizagem; as redes sociais e a rede social *Facebook*; a leitura e a escrita na internet; a produção de texto no contexto escolar e a influência dos gêneros discursivos/textuais para a construção de sentido do texto, como também os fatores de coerência responsáveis pela construção de sentido do texto.

2.1 O Fracasso Escolar

No Brasil, o fracasso escolar é um tema preocupante, antigo e de grande complexidade. A sua discussão tem provocado vários questionamentos e tentativas de intervenções no sistema de ensino. Porém, vale salientar que não existe um único culpado para toda essa problemática. Collares; Moisés (1996, p. 217) afirmam que:

Centrar as causas do fracasso escolar em qualquer seguimento que, na verdade, é vítima, seja a criança, a família, ou professor, nada constrói, nada muda. Imobilizante, constitui um empecilho ao avanço das discussões, da busca de propostas possíveis, imediatas e, ao longo prazo de transformações da instituição escolar e do fazer pedagógico.

Percebemos, com essa afirmação, que vários fatores estão associados a esse tema que vão desde questões cognitivas, culturais, familiares, escolares até questões econômicas, políticas e sociais, portanto, a responsabilidade não está centrada em um único seguimento. Para Aquino (1997, p. 21), “As poucas tentativas de escapar desse julgamento atribuem, em geral, o fracasso a condições exteriores à escola, à desigualdade e perversidade sociais e à ‘lógica de exclusão’ que parece dominar nossas instituições sociais.” Diante dessa constatação, faz-se necessário que, não somente a escola, mas a sociedade como um todo, esteja envolvida no processo de superação ou amenização do fracasso escolar, já que este não é um problema só do aluno ou só da escola, mas de todos nós, de toda a sociedade.

Os processos de insucesso ou fracasso na escola brasileira do último século e sua relação com a exclusão social são tratados também por Rojo (2009). A autora faz alguns comentários sobre o analfabetismo, evasão e fracasso escolar no Brasil, no século XX. Rojo (2009) destaca que, durante o século XX quase todo, até a década de 1990, a relação da escola com meios populares é de exclusão e de fracasso. Esse apontamento da autora deixa claro que esse é um problema que vem se arrastando durante décadas e que as classes sociais menos favorecidas são as mais afetadas.

Em relação ao século XXI, a realidade não é tão diferente, pois, apesar de algumas medidas de enfrentamento terem sido adotadas com os programas governamentais, pouco ou quase nada mudou em relação aos índices do fracasso escolar.

Quanto ao estabelecimento de medidas adotadas pelo Governo Federal, Rojo (2009, p. 28) destaca:

Essa é a razão que justifica políticas públicas como a de ciclos e de progressão continuada, a de reserva de cotas, mas que são objetos de controvérsia na sociedade e na mídia, como indica, por exemplo, a terminologia pejorativa frequentemente usada de “aprovação automática”.

Vimos que existe uma falha na tentativa de superar o fracasso escolar no que diz respeito aos programas voltados para a melhoria do ensino brasileiro. Com a aprovação automática, muitos problemas de alfabetização e letramento vão se acumulando, pois os alunos que não desenvolvem suas capacidades e habilidades de leitura e escrita e também de aprendizagem de conteúdos referentes a cada série/ano, são aprovados sem apresentar o mínimo de domínio de tais capacidades e isso refletirá no futuro. As políticas públicas acima mencionadas são o que Rojo (2009, p. 28) chama de:

Esses são outros tipos de fracasso/exclusão, pois esses resultados altamente insuficientes do ensino, muitas vezes trazidos – seja no discurso das pessoas, seja no ato da reprovação – como problemas de desenvolvimento ou aprendizagem dos alunos e não do ensino, impedem ou dificultam muitas vezes não somente o sucesso e a inclusão escolar, mas a cidadania protagonista.

Em outras palavras, o fato de o aluno ser aprovado automaticamente sem desenvolver as competências e capacidades necessárias em termos de aprendizagem, letramento e conhecimento, castra totalmente a ideia de formar cidadãos críticos e autônomos e reforça ainda mais a discriminação e o insucesso escolar. A esse respeito, Bossa (2002, p. 19) diz que:

No Brasil, a escola torna-se palco cada vez mais de fracassos e de formação precária, impedindo os jovens de se apossarem da herança cultural, dos conhecimentos acumulados pela humanidade e conseqüentemente, de compreenderem melhor o mundo que os rodeia. A escola, que deveria formar jovens capazes de analisar criticamente a realidade a fim de perceber como agir no sentido de transformá-la e, ao mesmo tempo, preservar as conquistas sociais, contribui para perpetuar as injustiças sociais que sempre fizeram parte da história do povo brasileiro.

Nesse caso, faz-se necessário que a escola repense sua tarefa de ensinar e educar a fim de evitar injustiças e prejuízos futuros para a sociedade e transformando-se em um espaço propício para a construção do conhecimento.

Em agosto de 2013, as mídias, entre elas, o *site* G1, noticiaram que o índice de analfabetismo no Brasil, em 2012, parou de cair e ficou em 8,7%, de acordo com os dados da Pesquisa Nacional de Domicílios (PNAD). Essa porcentagem corresponde a 13,2 milhões de analfabetos. No ano de 2011, os índices eram de 8,6%, o que equivale a 12,9 milhões de pessoas.

A pesquisa ainda apontou que esse índice não apresentava um aumento do analfabetismo desde 1997, ou seja, em 15 anos, é a primeira vez que a taxa aumenta. Dentre as regiões brasileiras, a região Nordeste foi a que se destacou registrando uma taxa de 14,4% entre pessoas de 15 anos ou mais de idade.

Leon; Meneses Filho (2002, p. 430 *apud* Rojo 2009) revelam ainda sobre as características dos alunos que: “se você é pobre, homem, está acima da faixa etária da série, é chefe de família e trabalha, tem pais que cursaram apenas a metade do ensino fundamental, você tem altas chances de ser reprovado ou excluído da escola”.

Podemos acrescentar aos dados acima mencionados pelos resultados da pesquisa realizada pelo PNAD (2012), que a localização geográfica também influi, ou seja, está inserida nos índices negativos relacionados à qualidade do ensino, pois o Nordeste possui o maior número de pessoas analfabetas.

Somando-se ainda aos dados do PNAD (2012), estão os dados levantados pelo Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) que apontam que, entre os anos de 2001 a 2011, o domínio das habilidades referentes à leitura e à escrita da população brasileira quase nada avançou. Esta pesquisa é realizada através de entrevistas e teste cognitivo a 2000 pessoas entre homens e mulheres dos 15 aos 64 anos de idade, residentes em zona urbana ou rural de todo o país.

Pouco mudou no cenário da educação brasileira, em relação ao século passado e este século, no que diz respeito à exclusão e ao fracasso escolar e, conseqüentemente, aos níveis de letramento. Poucos passos foram dados visando à mudança dessa realidade, o que gerou dois problemas para este século, que, segundo Rojo (2009, p. 23), precisam ser enfrentados: “evitar a exclusão escolar e tornar a experiência na escola um percurso mais significativo em termos de letramentos e de acesso ao conhecimento e à informação – o que temos chamado, bastante genericamente, de ‘melhorar a qualidade do ensino’ ”.

Cabe agora, diante desse contexto, a adoção de medidas de enfrentamento mais direcionadas por parte das políticas educacionais como um incentivo mais amplo na formação inicial e continuada dos professores e a sua valorização, para que estes possam aprimorar suas práticas, possibilitando uma melhoria no processo de ensino e aprendizagem; um investimento maior na estrutura e organização escolar no tocante também às tecnologias educacionais; e em relação ao aluno, garantir não somente o acesso, mas também a permanência e desempenho satisfatório em termos de aprendizagem, conhecimentos e letramentos. A seguir, para refletir sobre essa questão, apresentamos as considerações sobre letramento discutido por alguns autores, entre eles, Soares (2006), Rojo (2009 e 2012) etc.

2.2 Letramento

Letramento é um conceito que passou a ser utilizado no Brasil na década de 80 pelas áreas da linguagem e da educação. De origem inglesa, o termo *literacy*, até então novo no vocabulário brasileiro, é empregado para definir a condição de alguém ser letrado, ou seja, a condição de alguém que se apropriou da escrita no contexto dos usos e das diversas práticas sociais. Essa definição de letramento se distingue da definição de alfabetizado, termo já

bastante conhecido e utilizado, que é a condição daquele que sabe ler e escrever, mas que não faz uso das práticas sociais de leitura e escrita. Portanto, uma pessoa alfabetizada não é uma pessoa letrada ou vice-versa. São conceitos distintos, mas que precisam estar atrelados, associados, no processo de ensino e aprendizagem. Como aponta Soares (2006, p. 47), “[...] o ideal seria *alfabetizar letrando*, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, *alfabetizado e letrado*.” O fato de não saber ler e nem escrever não impede o indivíduo de ser letrado, de fazer uso da escrita, seja por meio de alguém alfabetizado, seja por meio de algum outro instrumento. Como também, o fato de saber ler e escrever não torna o indivíduo letrado, se este não consegue interpretar o que lê ou não é capaz de fazer uso da leitura e da escrita nas variadas práticas sociais.

Entender o conceito de letramento faz-se necessário para analisar o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, como também, para entender o processo de fracasso e exclusão escolar no país. Esse conceito difere-se em relação aos países desenvolvidos e aos que estão em desenvolvimento, como coloca Soares (2006, p. 87):

[...] o conceito de letramento nos países em desenvolvimento é bastante diferente do conceito mais difundido nos países desenvolvidos: nesses, ser iletrado significa ter dificuldades para ler e escrever; naqueles, ser iletrado significa ser incapaz de ler e escrever. Por essa razão, enquanto que nos países desenvolvidos o letramento é o principal problema, e não o não-letramento (o analfabetismo), como afirmam Kirsch & Jungeblut (1990), nos países em desenvolvimento, pelo contrário, o não-letramento (o analfabetismo) é o principal problema, não o letramento.

Nesse contexto, percebemos que o analfabetismo em países em desenvolvimento é resultante da falta de escolarização. No Brasil, muito dos fracassos e das exclusões escolares e sociais estão associadas às práticas ineficazes de alfabetização e letramento, fatores esses que, conseqüentemente, também estão ligados ao aumento no índice do analfabetismo no país. Em consonância a isso, Lugli e Gualtiere (2012, p.12) comentam:

O insucesso do aluno, por outro lado, põe em evidência a dificuldade da escola em proporcionar a escolarização pretendida para a totalidade dos que a procuram e, portanto, mostra a *inadequação do processo de escolarização*. Entendido dessa forma, o fracasso *na* escola tem como contrapartida o fracasso *da* escola. (grifos do autor).

Esse fracasso na ou da escola é reflexo de práticas escolares que, na sua grande maioria, não englobam os processos de leitura e escrita associados a diferentes contextos e usos e não faz o menor sentido para os alunos, não despertam sua atenção, seu interesse. Nessa perspectiva, faz-se necessário que haja, na escola, condições para o letramento. A autora Kleiman (2012) destaca que o funcionamento da sala de aula pode ser um dos agravantes dessa questão, ou seja, a prática de alguns docentes em relação ao ensino de leitura, a falta de um ambiente adequado de letramento contribuem com a falta de interesse e motivação do aluno pela leitura e, conseqüentemente, pela escrita.

Os processos de alfabetização e letramento não necessariamente devem se limitar ao livro didático, mas podem ser associados a outros gêneros e suportes que circulam socialmente, para que o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita aconteça de forma mais pertinente, levando em conta as situações reais de comunicação. Além disso, o uso dos diferentes gêneros discursivos/textuais e suportes contribuem para a ressignificação das práticas de leitura e escrita levando os alunos a uma prática de letramento mais avançada.

O acesso do aluno a esse novo ambiente de letramento torna-se uma das condições necessárias para que ele realmente torne-se letrado. A falta desse ambiente adequado é um dos indicadores negativos da qualidade do ensino do Brasil. Conforme ressalta Soares (2006, p. 58-59):

Isso explica o fracasso das campanhas de alfabetização em nosso país: contentam-se em ensinar a ler e escrever; deveriam, em seguida, criar condições para que os alfabetizados passassem a ficar imersos num mundo letrado, ou seja, num mundo em que as pessoas têm acesso à leitura e à escrita, têm acesso aos livros, revistas e jornais, têm acesso às livrarias e bibliotecas, vivem em tais condições sociais que a leitura e a escrita têm uma função para elas e tornam-se uma necessidade e uma forma de lazer.

Assim sendo, a escola como promotora e agente de alfabetização e de letramento, e o professor como mediador, deve promover o acesso amplo aos alunos às práticas sociais de leitura e de escrita para que, desse modo, o ensino passe a ter mais qualidade e tais práticas se tornem mais significativas e espontâneas para os alunos.

Ao longo das décadas, o termo letramento vem passando por transformações no seu significado. Conforme vem sendo observado, vários conceitos e distinções são feitos por vários autores a fim de se delimitar cada uma das suas dimensões. Soares (2006) aponta para uma versão *fraca* e uma versão *forte* do conceito de letramento. A primeira versão estaria ligada às habilidades do indivíduo frente às situações reais do uso da leitura e da escrita no

contexto social, ou seja, relaciona-se ao fato de o indivíduo saber utilizar a leitura e a escrita no seu cotidiano. A segunda versão diz respeito aos usos mais abrangentes e profundos da leitura e da escrita nas práticas sociais, onde o indivíduo é capaz de construir e desenvolver sua criticidade e autonomia.

Tendo em vista a variação conceitual acerca do letramento, o termo passa a ser empregado no plural - letramentos - (SOARES, 2006). Isso implica nas múltiplas formas de se conceber o uso da linguagem e do surgimento de inúmeros estudos referentes a esse assunto que, de acordo com Rojo (2012), o maior estudioso dessa temática é Brian Street. Hamilton (2002, p. 4 *apud* Rojo 2009) menciona a existência de letramentos locais “vernaculares” e letramentos dominantes. Os letramentos locais ou “vernaculares” são os que acontecem nas práticas cotidianas, sendo, portanto, menos valorizados pela cultura, já os letramentos dominantes referem-se àqueles que são utilizados por organizações sociais formais em situações mais valorizadas legal e culturalmente.

A autora ainda aponta para a existência de outros tipos de letramentos que as escolas precisam conhecer e levar em conta, quando se tem por objetivo possibilitar aos alunos a participação nas práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita. São eles: os multiletramentos ou letramentos múltiplos, que se referem aos letramentos culturais da população em diferentes esferas e gêneros; os letramentos multissemióticos, que reportam à leitura e a escrita do campo impresso para o campo da imagem, para os *links*, vídeos e sons em uma tela de computador ou em outras mídias digitais; e os letramentos críticos, que dizem respeito à maneira como o texto é visto pelo indivíduo e aos princípios desse indivíduo que abrangem a criticidade, o questionamento e as contestações relacionadas aos textos ou discursos que circulam socialmente.

Nessa perspectiva, alguns dos conceitos de letramento, ou melhor dizendo, letramentos, devem ser abordados na escola no trabalho com a leitura e a escrita. É imprescindível garantir que o ensino saia das práticas arcaicas, engessadas, canonizadas e se volte para a inclusão de diferentes culturas e diferentes formas e usos das linguagens e das línguas. É preciso considerar as transformações que a sociedade vem passando tanto no campo tecnológico, como nas formas de se conceber o ensino, e associar esses dois campos às práticas pedagógicas para que a noção de letramento seja ampliada. Sobre a chegada das tecnologias e o seu uso nas escolas, Rojo (2012, p. 99) faz o seguinte comentário:

A chegada cada vez mais rápida e intensa das tecnologias (com o uso cada vez mais comum de computadores, *Ipods*, celulares, *tablets*, etc.) e de novas práticas sociais de leitura e de escrita (condizentes com os acontecimentos contemporâneos

e com os textos mutissemióticos circulantes) requerem da escola trabalhos focados nessa realidade.

Cabe à escola agora, em virtude da realidade globalizada e tecnológica, a organização em torno de novas práticas de leitura e de escrita que fazem uso de ferramentas digitais, criando um espaço propício para que o aluno desenvolva sua aprendizagem de maneira mais significativa e interativa. É necessário que os professores estejam atentos e preparados para essa nova dimensão do ensino e saibam lidar com os diversos suportes e mídias digitais para incorporá-los às suas aulas. Brito (2014, p. 27) pontua que:

[...] simultaneamente, encontram-se um cenário digital em ebulição e uma educação que muda pouco e paulatinamente. E nesse turno está o desafio da escola, como agente formador de cidadãos, de equilibrar a situação que exige de todos os sujeitos – não só educadores, professores e estudantes – diversas habilidades, outros conhecimentos, novas alfabetizações indispensáveis para a interação comunicativa: um chamado letramento digital.

Essas novas práticas, que englobam as multissêmioses, exigem novas habilidades e competências em torno da leitura e da escrita por parte dos alunos em ambientes digitais com os vários tipos de suportes tecnológicos. A esse tipo de habilidade ou competência dá-se o nome de letramento digital, assunto que discutiremos a seguir.

2.2.1 Letramento digital

Em virtude da explosão midiática, o letramento digital surgiu dando um novo redimensionamento ao ensino, unindo-se ao letramento alfabético. Isso porque mudou-se a prática do ler e escrever, antes concebida no material impresso e agora, na tela digital. O conceito de letramento digital é apresentado por Ribeiro (2009, p. 30):

Letramento digital é a porção do letramento que se constitui das habilidades necessárias e desejáveis desenvolvidas em indivíduos ou grupos em direção à ação e à comunicação eficientes em ambientes digitais, sejam eles suportados pelo computador ou por outras tecnologias de mesma natureza. (grifos do autor)

Entendemos por esse conceito, que letramento digital é o uso eficiente e apropriado dos recursos tecnológicos, mas para que ocorra o letramento digital, é necessário antes o letramento alfabético, ou seja, para que o indivíduo torne-se letrado digitalmente ele deve

antes ter aprendido a ler, escrever e significar o que ler, para poder utilizar dos benefícios da era digital. Segundo Coscarelli (2007, p. 29), “O aluno precisa ser um bom navegador e um bom digitador.” Para que isso aconteça, o aluno precisa ser alfabetizado, ou seja, ter algum domínio de leitura e escrita. Contudo, é necessário enfatizar que esse tipo de letramento não é um fato que ocorre exclusivamente no âmbito escolar.

Antes mesmo de serem usados nas escolas pelos alunos, os recursos digitais são usados no dia-dia como forma de diversão, entretenimento, informação e interação, fora de seus muros. Muitos alunos já chegam letrados digitalmente à escola devido à presença dos recursos digitais em seu cotidiano, ou seja, eles já possuem um elevado grau de conhecimento e de acesso às tecnologias mais modernas do mercado. Conforme destaca Freire (2008, p. 45):

Pela primeira vez, são as crianças as que melhor dominam um novo aparato tecnológico e estão na ponta de um processo transformador que atinge, cada vez mais, áreas da vida cotidiana. Isso ocorre porque as crianças que hoje têm até 14 anos já nasceram cercadas por um ambiente multimídia, cuja assimilação faz parte da sua rotina, além do fato de estarem em sintonia com uma série de procedimentos necessários à sua utilização.

Cabe à escola a tarefa de ampliar as competências que os alunos já têm à prática de leitura e escrita. Essa ampliação do letramento digital dá-se por meio de usos mais abrangentes dos ambientes digitais, que se inicia com um simples *click*, seguido de leitura e escrita de gêneros dos mais diversos. Esse letramento não tem limites, sua proporção é elástica em virtude dos grandes avanços tecnológicos.

Se o aluno/leitor /usuário tem um contato limitado com os recursos e gêneros digitais, limitado também será o seu letramento digital. Quanto mais complexos são os seus usos em relação às mídias, às leituras e à escrita, mais amplas serão suas possibilidades de letramento. É preciso estar em constante processo de atualização das competências e das habilidades, pois o conhecimento não para de crescer e de ser exigido nas diversas práticas sociais vigentes.

É função da escola e do professor nortear esse processo de atualização do conhecimento dos alunos e levá-los ao uso mais eficiente desses recursos digitais, porque na maioria das vezes, os alunos se limitam a usar a internet para visitar páginas sociais, *chats* ou *blogs*, mas não praticam a leitura e a escrita em função da sua aprendizagem, do seu letramento. O uso dos dispositivos digitais, se bem conduzido na escola e fora dela, proporcionará aos alunos uma mudança significativa em vários aspectos da sua vida e do seu conhecimento. Brito (2014, p. 29) observa acerca do letramento digital que:

Trata-se mais do que saber manipular as ferramentas tecnológicas para produção/transmissão da informação, mas igualmente ter consciência, atitude e competência para discernir o que se diz a partir de uma análise crítica, sob a sua qualidade, de modo a extrair uma validação para a nossa vivência comunicativa.

Percebemos, assim, que a promoção da ampliação do letramento digital não se restringe apenas ao conhecimento do uso das várias mídias digitais interligadas à internet e nem na figura do professor, mas inclui várias ações organizadas e integradas que levam em conta o contexto e a forma de produção do conhecimento, uma forma mais dinâmica e autônoma que oportuniza aos alunos aprender e ensinar com criticidade ao mesmo tempo em que transforma sua identidade.

Sobre a mudança de identidade que o uso da internet proporciona aos seus usuários, Palfrey e Gasser (2011, p. 29) comentam: “A era da internet, em que estão crescendo os Nativos Digitais, está proporcionando outra grande mudança no que significa construir e administrar a própria identidade”. Nesse contexto, saber usar o básico da internet ou das mídias digitais não é suficiente, é preciso saber ler, pesquisar e usar as informações virtualizadas, filtrá-las, assimilá-las, resignificá-las.

A escola tem essa tarefa de alfabetizar e letrar para as novas tecnologias para que algo de significativo seja promovido por meio de sua utilização. Freire (2008, p. 47) comenta que: “Podemos dizer que um novo conjunto de valores está surgindo no bojo dessas transformações no processo de comunicação, na medida em que as crianças passam a se comunicar, brincar, aprender e pensar com a nova mídia”. O letramento digital é uma necessidade que cresce a cada dia em todas as esferas da sociedade e mais ainda dentro do processo de ensino e aprendizagem, em que crianças estão inseridas desde muito novas. No tópico a seguir, abordaremos o processo de ensino e aprendizagem mediado pelos recursos tecnológicos.

2.3 Os recursos tecnológicos e o processo de ensino e aprendizagem

Em virtude do surgimento das novas tecnologias na contemporaneidade, o processo de ensino e aprendizagem vem passando por várias mudanças. Isso se deve ao fato de que a escola não pode estacionar no tempo, ela precisa acompanhar as transformações que a sociedade vem sofrendo e inovar as suas práticas para não ficar à margem. Em relação à utilização das novas tecnologias, Perrenoud (2000, p. 124) comenta: “A escola não pode

ignorar o que se passa no mundo. Ora, as Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC ou NTIC) transformam espetacularmente não só nossas maneiras de comunicar, mas também de trabalhar, de decidir, de pensar”.

A crescente evolução da tecnologia não se limita a modificar somente aparelhos, a ampliar os seus usos ou a facilitar a vida do homem, tornando tudo muito mais prático, rápido e cômodo, ela vai fazendo parte e moldando os comportamentos humanos e impondo suas formas à medida que vai ganhando espaço. Conforme aponta a autora Kenski (2012, p. 25): “As mídias, como tecnologias de comunicação e de informação, invadem o cotidiano das pessoas e passam a fazer parte dele. Para seus usuários, não são mais vistas como tecnologias, mas como complementos, como companhias, como continuação de seu espaço de vida.”

Sabemos que as novas tecnologias ainda não estão acessíveis a todos e isso torna-se um grande desafio tanto para a educação como para a economia. Nesse sentido, a escola, enquanto esfera educacional serve como ponte entre o indivíduo e esse saber tecnológico. Segundo Leite (2012, p. 17):

[...] julgamos que a educação tem a ver com a tecnologia justamente porque o avanço tecnológico ainda não chegou para todos e a maioria das pessoas ainda não têm acesso ao conhecimento sobre ele. Logo, cabe à escola agir **com** e **sobre** as tecnologias. (grifos do autor)

Em contraponto a isso, no âmbito educacional, o que se percebe, na maioria das instituições, é o uso restrito ou limitado desse recurso tão importante e porque não dizer, tão necessário atualmente, em outras palavras, é a promoção da não inclusão digital. Percebe-se também que, em alguns casos, as escolas proíbem literalmente os alunos de fazerem uso de aparelho tecnológico, chegam até ao cúmulo de criarem documentos proibindo o uso de celulares, *tablets* ou qualquer outro aparelho dentro da escola.

Algumas das poucas instituições que usam recursos tecnológicos como internet, computadores ou outro suporte tecnológico em suas aulas, o fazem de forma segmentada e muitas vezes descontextualizada, o que não contribui para o aperfeiçoamento do conhecimento do aluno.

Não se pode negar que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) mudam consideravelmente os rumos da educação e transformam a dinâmica da sala de aula, promovendo situações ricas e interativas, descentralizando a figura do professor, mas para que elas realmente possam fazer a diferença no contexto educacional, precisam ser usadas com objetivos que levem à aprendizagem. Kenski (2012, p. 46), a esse respeito, esclarece que:

Para que as TICs possam trazer alterações no processo educativo, no entanto, elas precisam ser compreendidas e incorporadas pedagogicamente. Isso significa que é preciso respeitar as especificidades do ensino e da própria tecnologia para poder garantir que o seu uso, realmente, faça diferença. Não basta usar a televisão ou o computador, é preciso saber usar de forma pedagogicamente correta a tecnologia escolhida.

É essencial, diante desse contexto, que o ofício do professor perpassa do ensinar para o aprender, que o processo de ensino e aprendizagem seja de troca, de interação entre professor e aluno. O uso das tecnologias e, conseqüentemente, da internet, promove e amplia as formas de ensinar e de aprender, rompendo a barreira que distancia professor e aluno. Para Moran (2013, p. 63), “Ensinar com as novas mídias será uma revolução se mudarmos, simultaneamente, os paradigmas convencionais do ensino, que mantêm distantes professores e alunos”.

Para que o uso pedagógico das TICs possa realmente ser produtivo e eficaz, faz-se necessário o conhecimento e o preparo dos professores em saber direcionar e conduzir suas aulas, propondo atividades relevantes com a utilização dos recursos tecnológicos, para que as mesmas não sejam exclusivamente de pesquisas de conteúdos, ou ainda, sejam utilizadas sem propósitos de ensino. Segundo Kenski (2012, p. 57-58):

Apresentadas como soluções milagrosas para resolver os problemas educacionais, as tecnologias de informação e comunicação são utilizadas como estratégia econômica e política por escolas e empresas, mas nem de longe, sozinhas, conseguem resolver os desafios educacionais existentes.

O uso inadequado das tecnologias reflete diretamente no desempenho do aluno, uma vez que impede que haja condições para que ocorra a aprendizagem. É preciso que o professor repense suas práticas e inove sua postura, criando condições para que o aluno não tenha prejuízo na sua aprendizagem.

Na perspectiva de melhorar o desempenho dos alunos e promover o sucesso escolar, o uso das tecnologias, como já foi dito, é uma ferramenta importante para que o professor possa mediar o elo entre os alunos e o conhecimento, pois ela é um recurso que facilita a comunicação e o acesso à informação. Além de modificar as práticas de sala de aula, ou a rotina de professores e alunos, o uso das tecnologias serve como gancho para a escola dar um novo impulso à educação. Conforme o apontamento de Kenski (2012, p.124):

As tecnologias garantem às escolas a possibilidade de se abrirem e oferecerem educação para todos, indistintamente, em qualquer lugar, a qualquer tempo. O uso intensivo das mais novas metodologias digitais e das redes transforma as dimensões da educação e dá à escola o “tamanho do mundo”.

A escola se transforma quando inova suas propostas de ensino e altera a sua rotina. Esse uso tecnológico é o responsável pela flexibilização dos currículos e das ações educativas, dos horários e do sistema de ensino, dos processos interativos entre os segmentos da escola e também dos processos avaliativos.

Descobrir usos inovadores e criativos da tecnologia que primem não apenas para uma forma diferenciada de promover o ensino, mas para formas interativas de ampliar o sentido do ensino, é um dos grandes desafios da escola como um todo. Essa nova proposta de ensino é o que Moran (2013) chama de desafio. Moran (2013, p. 73) coloca: “O desafio imposto aos docentes é mudar o eixo do ensinar para optar pelos caminhos que levem ao aprender. Na realidade, torna-se essencial que professores e alunos estejam num permanente processo de aprender a aprender”.

Percebemos, diante dessa afirmação, que o processo de ensino e aprendizagem é um processo de troca de conhecimento entre professor e aluno, no qual ambos devem caminhar juntos visando o mesmo objetivo: a aprendizagem. Nesse contexto, o professor precisa unir a linguagem oral e escrita, já utilizada por ele, à linguagem digital, com o intuito de promover a ampliação da aprendizagem. Kenski (2012, p. 32) menciona que: “Em meio a elas, e utilizando-se de ambas, o estilo digital de apreensão de conhecimentos é ainda incipiente, mas sua proliferação é veloz.” O uso deste método inovador leva em conta a relevância que os novos meios didáticos apresentam para o processo das novas formas de aprendizagem. À medida que o professor coloca, de forma inovadora e interativa, os conteúdos, os alunos são levados a refletir, transformar e produzir seus próprios conhecimentos. O acesso aos meios tecnológicos propicia melhores condições de aprendizagem.

Nesse novo contexto, o professor passa a assumir o papel de mediador, quando ele muda sua prática pedagógica e assume a nova postura de motivador da aprendizagem. Sobre o papel de mediador do professor, Moran (2013, p. 144-145) aponta:

Por mediação pedagógica entendemos a atitude, o comportamento do professor que se coloca como um facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, que se apresenta com a disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem - não uma ponte estática, mas uma ponte “rolante”, que ativamente colabora para que o aprendiz chegue aos seus objetivos.

Essa nova postura do professor faz dele um parceiro dos alunos em busca da construção da aprendizagem, pois ele mais do que ninguém conhece as dificuldades, inseguranças e insucessos dos alunos e pode agir com o intuito de conduzi-los ao sucesso, à aprendizagem. Barros (2009, p. 63) ressalta a necessidade de se evidenciar a existência de níveis de competências e habilidades que o professor deve ter para fazer uso das tecnologias no processo educativo. São cinco níveis, mas dois desses, o nível 4 e 5, consideramos mais pertinentes:

[...] 4. Pedagógico mediado – Utilizar as tecnologias, mais do que um recurso para a sala de aula, mas como produtoras e facilitadoras na construção dos conhecimentos, sendo o docente o protagonista, junto ao aluno, na construção de materiais e no aprendizado.

5. Transdisciplinaridade, autonomia e virtualização do processo de ensino e aprendizagem – Utilizar a tecnologia como mediadora na produção do conhecimento, ampliando as potencialidades de ensino com o uso dos conteúdos e formas disponibilizadas pela tecnologia. O docente, como produtor de conhecimento, e o aluno construindo o conhecimento com a tecnologia.

É nesse clima de diálogo, confiança e cooperação entre alunos e professor que a construção do letramento, da aprendizagem e do conhecimento vão acontecendo. Diante de todas as proposições colocadas, é importante ressaltar que a educação nacional precisa avançar e mudar os seus moldes e cada um dos envolvidos neste processo precisa se engajar na tentativa de melhorar a qualidade da educação brasileira. A seguir, apresentaremos as ideias de autores como Recuero (2010), Lévy (1999), entre outros, sobre as redes sociais e as mudanças que estas provocaram na forma de interagir.

2.3.1 As redes sociais

Com o surgimento e a expansão das TICs e, conseqüentemente, da internet, as formas como as pessoas passaram a se relacionar e interagir foram alteradas profundamente. Em virtude disso, eclodiram as redes sociais formadas por pessoas, através de diversos tipos de relações por meio de computadores. A autora Recuero (2010, p. 13) reconhece as redes sociais como: “agrupamentos complexos instituídos por interações sociais apoiadas em tecnologias digitais de comunicação.” Em virtude do surgimento dessas redes, surge também um novo termo: o ciberespaço, o qual Lévy (1999, p. 17) chama de rede e define como “novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores”. Sendo assim, as redes sociais são formadas basicamente por dois componentes: as pessoas e suas interações.

Através dessas interações entre as pessoas por meio de um recurso digital, as redes sociais têm ganhado proporções e provocado uma grande influência no comportamento e na transformação da identidade dos seus usuários. Nazaré (2013, p. 12) destaca sobre as redes sociais que:

Também representam mais um canal de informação rápido e abrangente, portanto, tem um valor social e informativo forte. Sendo assim, na área educacional aproxima alunos dos professores e também é utilizado para educação, campanha política e uma infinidade de outras aplicações que integram e fazem parte de nossas vidas.

Por meio das redes sociais, é possível que o usuário compartilhe informações, conhecimentos e interesses comuns, busque entretenimentos ou diversões. E graças à crescente formação dessas redes, as mesmas tornaram-se as maiores difusoras de comunicação entre as pessoas e a forma mais simples de se manter e estreitar laços sociais próximos ou à distância, por meio da constante interação.

Essas interações não acontecem apenas através dos computadores. Com o avanço cada vez mais acelerado da tecnologia, é possível conectar-se às redes sociais através de aparelhos como celulares, *ipods*, *tablets* e vários outros recursos tecnológicos. E como esses recursos evoluem, se modificam, as redes sociais também se modificam em virtude das interações mantidas no ciberespaço.

São várias as formas de se manter os laços sociais através da internet: *Orkut*, *Twitter*, *MySpacer*, *Facebook* etc. e quanto maior for o número de laços ou redes utilizadas pelos usuários, maior será a conexão. É por perceber a constante e crescente conexão dos usuários a estas redes, que decidimos incluir uma delas, a rede social *Facebook*, como recurso pedagógico na prática da sala de aula, visando compartilhar com os alunos conhecimentos e experiências que já fazem parte do cotidiano de cada um, no ciberespaço. Nesse sentido, relacionado ao surgimento do ciberespaço, surge a necessidade de o professor tornar-se um ciberprofessor. Como afirma Santana (2011, p. 159):

É pensando nessa entrada do docente no mundo do ciberespaço que surge a proposta do ciberprofessor. Ele seria o professor que emprega a tecnologia para se aproximar de seus alunos e mostrar-lhes novas possibilidades de aprendizagem utilizando os conhecimentos que eles próprios trazem do seu cotidiano e, desta forma, o próprio professor também estará desvendando uma nova forma de ensinar.

Esta nova forma de ensinar torna-se, no contexto atual, uma necessidade cada vez mais urgente, pois o professor precisa estar inserido no universo do aluno para que suas aulas sejam enriquecidas de trocas de conhecimentos e experiências entre ele e os alunos.

Sendo o *Facebook* um recurso de inovação da prática na sala de aula, de interação e também de leitura e escrita capaz de modificar a forma como compreendemos e produzimos um texto, optamos por esta ferramenta digital em nossa pesquisa para a prática de produção de texto, pelo fato desta também ser um portador de texto onde os alunos/usuários se sentem mais livres para exporem suas opiniões e fazerem comentários sobre determinados assuntos. Apesar da autora Recuero (2012, p. 19-20) apontar que: “Orkut ou o *Facebook* não são rede social, mas, sim, o espaço técnico que proporciona a emergência dessas redes”, decidimos por considerá-las redes sociais pelo fato da maioria dos autores aqui mencionados considerarem sim, o *Facebook* uma rede social. É sobre esta rede social que discutiremos no próximo item.

2.3.2 A rede social *Facebook*

Fundado por Mark Zuckerberg e seus colegas de quarto, da Universidade de Harvard, em fevereiro de 2004, o *Facebook* caracteriza-se por ser um *site* gratuito e serviço de rede social onde os seus usuários, após fazerem um registro, podem criar um perfil pessoal com fotos e seus interesses, adicionar ou excluir amigos/usuários, interagir através de mensagens, enviar fotos, vídeos, além de participar de grupos, comentar, curtir e descurtir conteúdos e atualizações compartilhados por outros amigos. Este *site* também permite a utilização de vários outros recursos e aplicativos como o *feed* de notícias, eventos, aniversários, jogos, cutucadas, páginas etc.

A criação deste *site* foi desenvolvida exclusivamente para alunos da Universidade de Harvard, mas após dois meses, o seu uso se estendeu para a Universidade de Boston e um ano depois para outras universidades e escolas. Depois disso, o *Facebook* se tornou a rede social mais utilizada no mundo. A ideia do seu nome surgiu em decorrência do livro utilizado pelos alunos com o intuito de se conhecerem melhor no início do ano letivo em algumas universidades dos Estados Unidos.

Com o passar dos anos, o *site Facebook* foi se repaginando e atualizando e se expandindo por diversos países. Muitas ferramentas foram lançadas com o intuito de permitir que o usuário possa interagir melhor por meio dessa rede. No Brasil, a população usuária da internet passou de 33,3 milhões em 2009 para 40 milhões em 2010, de acordo com os dados

apresentados pela comScore, deixando o país em 8º lugar com o maior número de internautas. Em setembro de 2011, o cadastro no *Facebook* foi aberto para todo o público e em 2012 se tornou a maior rede social no Brasil e na América Latina, ultrapassando várias outras.

A filosofia do *Facebook* é ser onipresente, por esse motivo, para não perder essa patente entre os seus usuários para as redes concorrentes, a empresa de Mark Zuckerberg tenta comprar em 2008 a rede de *microblogs Twitter*, essa, por sua vez, rejeita uma oferta milionária. Em 2012, Zuckerberg anuncia a compra do aplicativo *Instagram* por um bilhão de dólares e em fevereiro de 2014, compra o aplicativo *WhatsApp* por 16 bilhões de dólares. Com esses serviços, o *Facebook* tem um domínio ainda mais abrangente na internet.

Por ser um serviço bastante utilizado principalmente pelos jovens, o aplicativo *Facebook*, criado com o objetivo de promover a interação entre os seus usuários, influencia o comportamento das pessoas e as suas relações sociais. Diversas áreas da sociedade são afetadas pelo uso cada vez mais frequente do *Facebook*, como a economia, a política, a educação etc. Na economia, pelo consumo crescente de aparelhos que conectem a internet como: celulares, *tablets*, *ipods*, *notebooks* etc; na política, porque através dessa rede, as pessoas se organizam e realizam protestos ou apoio a determinados acontecimentos ou pessoas, divulgam ideias e propostas, e na educação, pela realização da prática constante da leitura e da escrita como forma de ampliação da comunicação, do conhecimento e interação entre os professores e alunos.

Em uma entrevista concedida à revista *pontocom* em dezembro de 2013, o professor Dilton Ribeiro de Couto Júnior, membro do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Educação e Cultura, do Departamento de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e, hoje, doutorando do mesmo programa, apontou que o *Facebook* mesmo não sendo criado com intenções de atender às necessidades educacionais, permite que o internauta seja receptor e emissor de informação nos processos interativos *online*. Ele acrescenta que um dos pontos favoráveis das redes sociais na escola, em especial, o *Facebook*, é o fato de se romper com o tempo e o espaço, ou seja, em todo lugar e a todo o momento, é possível haver a interação entre os alunos e professores e, em função dessa interatividade, se pode aprender-ensinar com o outro. O professor ainda destaca que as redes sociais propiciam que as diferentes vozes dos alunos sejam ouvidas e interpeladas.

O *Facebook* é um espaço propício para desenvolver essas competências do professor e as habilidades de leitura e escrita do aluno, tornando-se um caminho que a escola pode percorrer para que muitas das práticas pedagógicas realizadas possam ser redimensionadas, visando uma maior interação entre os seus membros, a promoção da aprendizagem e,

consequentemente, o sucesso escolar. No próximo item deste capítulo, abordaremos sobre as contribuições que a prática da leitura e da escrita via internet oferecem ao ensino e de como o usuário da internet torna-se um leitor e um produtor de textos.

2.4 A leitura e a escrita na internet

Com a evolução da tecnologia, as formas de leitura, recepção e produção de textos vêm sofrendo constantes transformações. Coscarelli (2007, p. 128) destaca que “surgiu, com a internet, um novo meio de publicação de textos, sem existência física e com novas características de produção, acesso e leitura”. O que antes era apresentado, lido ou produzido sob material impresso, palpável, manipulável e fixo, hoje é, na sua grande maioria, substituído pelo digital, pelo imaterial e não linear. O leitor/escritor vai se adaptando aos novos suportes e estes vão sendo projetados de acordo com os usos. São estabelecidas na rede maneiras diversas de se comunicar e formas diferenciadas de imagens, textos e leituras.

Essa nova forma ou caminho em que a leitura e a escrita se apresentam num novo suporte, vem ganhando um número crescente de adeptos a cada instante, graças ao uso cada vez mais constante dos recursos tecnológicos conectados à internet dentro e fora do ambiente escolar. Brito (2014, p. 82) ressalta que:

Temos, com a utilização da internet e suas conexões, a construção de um espaço mais democrático, mais plural, cuja participação dos sujeitos implica em expressão do pensamento, na construção de conhecimentos, em relações – afetivas e/ou profissionais – constituídas, no compartilhamento de interesses e objetivos – comuns ou não comuns, etc.

Dessa forma, vemos que o uso das tecnologias e da internet amplia consideravelmente as possibilidades de informação e comunicação e isso reflete diretamente na prática de leitura e escrita e no processo de ensino e aprendizagem de um modo geral. Freire (2008, p. 21) destaca a relevância da linguagem via internet quando diz que “não se pode deixar de tocar no papel que *a linguagem via internet* assume: é por meio de seu exercício que novos valores, saberes e conhecimentos, sistematizados ou não, passam a circular virtualmente.”

O acesso às redes sociais pode fazer parte do cotidiano da sala de aula, se usado adequadamente, como forma de atender às demandas de professores e alunos e como forma de interação. A autora Coscarelli (2007, p.152) já afirmava que “esse contato permanente com a escrita e a leitura *on line* faz com que o adolescente, cada vez mais, torne-se capaz de se

comunicar pela escrita de forma eficaz, adequando-se às exigências do momento e do gênero.” Sendo assim, a rede social da internet, o *Facebook*, é uma ferramenta importante de produção e expressão que modifica intensamente a relação dos seus usuários com o conhecimento e a informação.

Segundo Couto Júnior (2013, p. 133), “Vivenciamos hoje um período nitidamente marcado também pela intensa produção de informações que circulam livremente pelas redes sociais da internet.” Percebemos, com isso, que o seu uso na prática pedagógica é capaz de redimensionar a dinâmica da sala de aula e descentralizar a figura do professor ou do livro didático como únicas fontes do conhecimento.

Apesar de a leitura e a escrita na internet, principalmente no *Facebook*, serem atividades comuns fora da sala de aula, elas devem ser incorporadas no dia a dia escolar por promoverem nos alunos/usuários uma revolução cultural, pois eles passam a desenvolver sua aprendizagem de forma mais crítica uma vez que leem e escrevem acerca do que está sendo visualizado/exposto. Através de visualizações, compartilhamentos, comentários ou publicações, o usuário vai lendo e produzindo textos, de modo que todas as informações refletem na forma de ler, de organizar as ideias e de produzir textos, ou seja, vai desenvolvendo suas competências textuais e leitoras sem se dar conta disso. De acordo com Vidal (2014, p. 36):

No ciberespaço, escrever e ler tornou-se uma atividade comum, uma prática diária sem quaisquer formalidades e muitas vezes prazerosa, configurando-se como uma oportunidade de aprender bem, devido às infinitas possibilidades de uso como ferramentas didáticas auxiliares. Frente a estas colocações, percebemos que vivenciar essa modernidade da linguagem é antes uma necessidade. Então, por que não fazermos da internet uma aliada na nossa prática docente? É necessário crermos nessa possibilidade e buscarmos a mudança quebrando os tabus existentes. O êxito na nossa prática de ensino e aprendizagem dependerá de “como” usamos as TICs.

Assim, surge a necessidade de se promover o uso direcionado das redes sociais na sala de aula de modo a propiciar o desenvolvimento do aprendizado do aluno de forma inovadora e participativa e de maneira que este seja consciente do que está lendo e produzindo, ou seja, atribuindo sentido. Por meio do uso do ciberespaço, o aluno sente-se mais livre para compartilhar informações e desenvolver formas diferenciadas de aprendizagem, de leitura e de escrita no ambiente virtual. Lévy (1999, p. 94), coloca que, no ciberespaço:

Posso não apenas ler um livro, navegar em um hipertexto, olhar uma série de imagens, ver um vídeo, interagir com uma simulação, ouvir uma música gravada em

uma memória distante, mas também *alimentar* essa memória com textos, imagens etc. (grifos do autor)

Muito mais do que só ler, escrever e interagir nos ambientes virtuais, os seus usuários são oportunizados a diferentes formas de cultura, de conhecimentos e de linguagens artísticas. São várias formas de aprendizados e de opções propiciados por meio do ciberespaço. Couto Júnior (2013, p. 42) aborda essa infinidade de oportunidades quando coloca sobre os jovens/usuários que “são estes que escolhem e trilham seus caminhos no ciberespaço, tornando-se verdadeiros protagonistas ao interagirem com o que lhes é apresentado na tela do computador.”

Os professores comprometidos com o sucesso do aluno veem os ambientes virtuais como uma estratégia ou ferramenta aliada na busca pela qualidade do ensino, pois sabem que precisam inserir-se no universo do aluno se quiserem acompanhar e promover mudanças significativas na sua sala de aula e no processo de ensino/aprendizagem.

A leitura e a escrita nas redes sociais da internet propiciam ao aluno/usuário/leitor/escritor o papel de produtor/autor/gerenciador de sentidos, de saberes e de conhecimentos dada a sua ampla quantidade de informações. Ressaltando o que afirma Couto Júnior (2013, p. 41) sobre o ciberespaço: “É nesse contexto que se torna possível ao usuário navegar, manipular, organizar, produzir e consumir informações nos ambientes virtuais”. Nesse sentido, no contexto escolar, o professor precisa mediar todos esses processos.

O que dizer então dos processos de leitura e escrita dos alunos da educação básica das escolas públicas de ensino? Nesse cenário, em que sabemos que a realidade digital ainda é um pouco distante da que se espera, o professor torna-se o principal elo entre a realidade digital e a realidade escolar. Dessa forma, para que ele possa exercer sua função de docente na contemporaneidade, precisa repensar e inovar na sua metodologia e lançar mão de medidas estimuladoras para que a prática da leitura e da escrita não se limite apenas ao material impresso, mas seja uma atividade espontânea e significativa sob outros formatos e suportes, fato que se torna um desafio difícil, mas não impossível de superar. Para Sousa (2014, p. 44)

O ambiente virtual é, sem dúvida, muito estimulante e o professor, sabendo utilizá-lo, poderá realizar grandes avanços no processo de ensino da leitura. A figura do professor se transforma na era digital. Nos dias de hoje, mais do que nunca, temos acesso a bastante informação a fácil alcance, o professor não precisa ensinar apenas, mas despertar o interesse para a leitura, para a investigação, criando e explorando as informações que estão registradas em livros, *sites*, entre outras fontes e suportes.

Acrescentamos as palavras de Sousa que não somente a leitura, mas também a escrita pode ter um grande avanço por meio da utilização do ambiente virtual, no qual o professor poderá estimular no aluno o interesse para a produção escrita.

Já está mais do que na hora que muitos dos laboratórios de informática que se encontram nas escolas deixem de ser apenas figurativos e passem a fazer parte da rotina de professores e alunos, desempenhando um papel importante no desenvolvimento das competências e habilidades de leitura e escrita dos aprendizes dentro do ambiente escolar. Contudo, é preciso deixar claro que o uso da tecnologia é um motivador, mas não o responsável pelo aprimoramento de tais competências dos alunos. Se não for feito um uso adequado, consciente e cuidadoso desse recurso, que ressignifique o ato de ler e escrever, todo esforço será insuficiente e inútil.

Segundo Travaglia (2009) é proposto que o principal objetivo do ensino de língua seja o de desenvolver a competência comunicativa dos alunos/usuários, competência esta que engloba as competências linguística ou gramatical, a textual e a discursiva. Nesse sentido, no contexto atual, além do letramento alfabético e digital, o aluno/usuário precisa desenvolver sua competência de utilizar a língua de maneira adequada nas mais variadas formas de comunicação, conhecer e aplicar as regras gramaticais, produzir e compreender textos em repletas situações de interação comunicativa, como também, produzir sentido por meio de seus textos. Todas essas competências serão desenvolvidas ou o objetivo do ensino de língua será alcançado se o professor, como afirma Travaglia (2009, p. 18): “Evidentemente propiciar o contato do aluno com a maior variedade possível de situações de interação comunicativa por meio de um trabalho de análise e produção de enunciados ligados aos vários tipos de situações de enunciação”. Isso quer dizer que o ensino de leitura e escrita precisa aproximar o aluno das diferentes formas de textos e situações de interação comunicativa para que as diversas competências sejam desenvolvidas. É necessário, ainda, que o aluno seja inserido no mundo multimodal, onde tanto os textos verbais e não verbais, como tiras, charges, gráficos, anúncios, propagandas etc., estejam presentes para que ele consiga construir sentidos.

A autora Gomes (2009, p.143) afirma que: “Leitores competentes e interessados só se farão com uma prática constante da leitura de textos variados”. Entendemos também que, para que os alunos sejam escritores competentes, além da leitura, eles precisam conhecer vários gêneros textuais, saibam com qual propósito estão realizando a tarefa de ler e escrever e que esta atividade seja constante, pois como diz o ditado: “a prática leva à perfeição”. Gomes (2009, p. 148), também coloca em relação à prática de produção textual que “É necessário que

toda produção de texto seja precedida de uma clara definição de objetivos, pois o aluno deve ter em mente para que, para quem, onde e como deve escrever”.

Dessa forma, fica evidente a importância de um trabalho consciente do professor com relação ao ensino de leitura e escrita, principalmente quando se utiliza os recursos tecnológicos para desenvolver essas atividades, pois só propor essas práticas aos alunos no ciberespaço, sem nenhum objetivo definido, não irá jamais motivá-los, e sem motivação, sem interesse, nem a leitura e nem a escrita acontecem de forma eficiente.

Após todas as considerações elencadas sobre a prática da leitura e da escrita via ciberespaço, passemos agora a falar sobre a produção de texto no contexto escolar, tema de nossa investigação.

2.5 A produção de texto no contexto escolar e a influência dos gêneros discursivos/textuais para a construção de sentido do texto

Os PCNs (2001) orientam que o ensino de língua deve acontecer por meio de textos. Esta é também uma orientação de Marcuschi (2008), quando diz que através de textos é possível explorar vários aspectos linguísticos, mas o que deve ser levado em consideração é como esse ensino é posto em prática, visto que as maneiras de se trabalhar textos nas escolas são inúmeras.

Cotidianamente, somos levados a estar sempre produzindo textos nas mais diversas situações de comunicação, seja em suporte impresso, ou atualmente, no digital, na escola ou fora dela. Como frisa Riolfi (2014, p. 115), “Vivemos sob os imperativos de ter de aprender a escrever para fazer alguma coisa, para responder a uma demanda do mercado.” São vários os motivos pelos quais necessitamos escrever, porém, o simples ato de escrever um bilhete, enviar um *email*, publicar uma mensagem ou fazer um comentário numa rede social, muitas vezes, pode ser uma tarefa difícil para algumas pessoas, mesmo sendo esta tarefa uma necessidade do dia a dia.

No âmbito escolar, essa realidade não é tão diferente. Muitos alunos sentem uma enorme dificuldade em expressarem-se por escrito. Na maioria das vezes, a produção de texto dentro do espaço da sala de aula é ainda uma das atividades mais desmotivadoras, sem sentido e sem finalidade social, chegando a ser um verdadeiro tormento para os alunos, pois é uma prática inibidora de tal competência. Os professores, por sua vez, também sofrem com essa situação, porque como declara Geraldi (2012, p. 65), “vem a decepção de ver textos mal

redigidos”. Esse fato aponta, portanto, o aspecto negativo que a produção de textos na escola tem recebido tanto por parte dos alunos como também da parte dos professores.

O autor Bazerman (2006, p. 15) pontua que “os alunos aprendem cedo que a função primária da maior parte da escrita escolar é demonstrar suas habilidades na escrita, o que também significa expor suas fraquezas.” Esse fato gera um verdadeiro bloqueio ou limitação nos alunos, pois o medo de falhar é maior do que as motivações na hora de demonstrar seu desempenho na escrita.

Ainda ocorre em algumas instituições de ensino a prática da escrita conhecida tradicionalmente como redação, um trabalho escrito solitário, de um emissor para um único receptor, um texto improvisado e vazio, sem propósito e sem finalidade social, o qual é aproveitado pelo professor, para se realizar análise morfológica e sintática das palavras e das frases e, na maioria das vezes, como forma de avaliação. Esse tipo de tarefa, “Escrever para avaliação, infelizmente, pode se tornar o foco dominante da escrita escolar”, afirma Bazerman (2006, p. 15). Essa prática engessada não leva em consideração que a escrita seja uma atividade interativa e nem privilegia situações reais de uso da língua.

No tocante às atividades de escrita, ainda prevalece, em algumas escolas, de acordo com Antunes (2003, p. 26-27):

- i)** Um processo de aquisição da escrita que ignora a interferência decisiva do sujeito aprendiz;
- ii)** a prática de uma escrita mecânica e periférica;
- iii)** a prática de uma escrita artificial e inexpressiva, que as pessoas “exercitam” *a linguagem ao contrário*, ou seja, a linguagem *que não diz nada*;
- iv)** a prática de uma escrita sem função, destituída de qualquer valor interacional, sem autoria e sem recepção (apenas para “exercitar”), uma vez que, por ela, não se estabelece a relação pretendida entre a linguagem e o mundo, entre o autor e o leitor do texto;
- v)** a prática de uma escrita que se limita a oportunidades de exercitar aspectos não relevantes da língua;
- vi)** a prática, enfim, de uma escrita improvisada, sem planejamento e sem revisão, na qual o que conta é, prioritariamente, a tarefa de realizá-la, não importa “o que se diga” e o “como se faz”.

Diante de tais fatos, é fundamental que a escola mude o foco da prática de produção textual realizada de forma mecânica e sem função social e promova uma prática que possibilite aos alunos o amadurecimento da escrita e uma maior preocupação em termos de conteúdo, linguagem e interlocutor.

A visão interacionista, proposta por Bakhtin (1997) e outros autores, defende que a atividade da escrita, ao contrário desta que Antunes (2003) apontou que acontece em algumas escolas, seja realizada de forma conjunta e dialógica entre duas ou mais pessoas sempre com o objetivo de transmitir, de partilhar algo para com o outro. Como bem diz a autora Matta (2009, p. 100), “quem escreve o faz para alguém, ou seja, está em interação com o outro”. É esse papel do outro que vai influenciar as ideias e as informações que os alunos irão colocar no texto. Além disso, o fato de querer informar algo para alguém é fortemente marcado pela motivação, deste modo, a motivação é um fator condicionante para se produzir um texto.

Conforme Abaurre (2012, p. 9), “A vida em uma sociedade letrada é marcada pelo contato com textos dos mais variados gêneros discursivos”. Isso quer dizer que onde houver linguagem e interação, haverá diferentes gêneros discursivos ou textuais presentes. O papel dialógico e social da linguagem, seja ela escrita ou oral, é constatado por meio da noção de gênero textual ou discursivo. Os gêneros discursivos, propostos primeiramente por Bakhtin (1997, p. 279) e definidos por ele como “tipos relativamente estáveis de enunciados” estão relacionados ao uso da linguagem em diferentes situações, ou seja, estão presentes no nosso dia a dia. Já o autor Marcuschi (2008, p. 154) coloca que “a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual”, portanto, o desenvolvimento da competência de produção textual requer que os professores propiciem aos alunos o contato com os mais diferentes gêneros textuais/discursivos para que estes conheçam as especificidades e funções de cada um e saibam quando e como produzi-los. Nesse sentido, cada gênero é produzido com uma finalidade específica para circular também em ambientes específicos.

Segundo o que coloca Gomes (2009, p. 148) “é preciso, desde cedo, trabalhar com o aluno a noção dos gêneros textuais, para que ele saiba que, para objetivos diferentes, tem de produzir gêneros diferentes e que cada gênero possui suas características específicas”. Sendo assim, percebemos que o uso dos variados gêneros discursivos/textuais serve como referência para o conhecimento e o desenvolvimento da escrita do aluno dentro e fora da escola.

Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, apud Marcuschi 2008, p. 213) apresentam uma proposta de trabalho para o ensino fundamental pautada no ensino de gêneros textuais, de forma metódica e comedida, chamada de “sequência didática”. Essa sequência didática é definida pelos autores como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito (2004:97).” O trabalho desenvolvido por meio da sequência didática proposta pelos autores, tem a pretensão de potencializar o desenvolvimento da prática da produção oral e escrita envolvida em situações

reais de comunicação, baseada em gêneros textuais variados que levem em consideração tanto os produtores como os receptores de textos.

Antunes (2009, p. 213) destaca que algumas ações podem ser feitas para que o ensino da língua escrita seja mais eficaz. Entre as várias ações, destacamos a que leva em consideração que:

O ensino da língua escrita deveria privilegiar a produção, a leitura e a análise dos diferentes gêneros, de cuja circulação social somos agentes e testemunhas. Os critérios de escolha desses gêneros de textos, conforme cada estágio da escolaridade, poderiam advir da observação das ocorrências comunicativas atuais, ou seja, daquilo que, de fato, é usado no cotidiano de nossas transações sociais.

Dessa forma, por ser uma atividade com finalidade social, a prática de produção de textos vai além dos muros da escola, pois o seu propósito maior é a sua realização em contextos múltiplos, nos quais estamos inseridos diariamente, e com intenções reais de comunicação. A escola tem a obrigação de diversificar e de pluralizar os moldes de produção de textos e oportunizar aos alunos situações de escrita com fins diversos.

O ensino da escrita também leva em consideração que a leitura dos diferentes gêneros é um facilitador do processo de produção textual, que é necessário inserir o aluno na leitura da diversidade de textos para que ele possa aprimorar sua capacidade de produção escrita e de construção do sentido. Como evidencia Geraldi (2012, p. 73), “E sem estudar textos, ninguém aprende a produzi-los [...]”

De acordo com os PCN (2001, p. 24):

A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. É preciso abandonar a crença na existência de um gênero prototípico que permitiria ensinar todos os gêneros em circulação social.

Nesse sentido, o professor precisa selecionar e diversificar os gêneros de textos a serem utilizados no ambiente escolar nas práticas de leitura e escrita de acordo com a realidade social do educando. A partir da leitura de outros materiais, o aluno vai incorporando e construindo seus conhecimentos e ampliando sua capacidade de usar a escrita.

Em consonância a isso, Leal (2007, p. 21) ressalta que: “Quando escrevemos um texto, resgatamos os conhecimentos construídos a partir do contato com outros textos usados em

situações semelhantes à que nos deparamos naquele momento, então, para aprender a escrever, é necessário ler (e ler muito!)”.

Sem sombra de dúvidas, a leitura é um fator imprescindível para aperfeiçoar a escrita. Ela amplia o repertório das ideias, do conhecimento e das informações do leitor/escritor sobre aquilo que se quer discorrer e, na maioria das vezes, esse repertório é utilizado sem perceber, de maneira automática e inconsciente. Conforme Abaurre (2012, p. 11), “Esse é um dos motivos pelos quais se costuma dizer que há uma relação necessária entre leitura e escrita”. Em outras palavras, a leitura e a escrita são atividades distintas, mas que se complementam.

A produção e também a compreensão de textos requer do aluno/escritor que sejam acionados, além dos conhecimentos linguísticos, os conhecimentos obtidos cotidianamente nas trocas sociais, isto é, o seu conhecimento de mundo, sua história e cultura são fatores que influenciam na hora de escrever e compreender textos. Esse conhecimento também é relevante para que ele tenha consciência de quando, porque, em qual contexto e com qual finalidade ele irá escrever para que seu texto não se torne apenas um conjunto de palavras e frases sem sentido.

Riolfi (2014, p. 125) destaca a importância de o aluno saber diferenciar a finalidade da escrita quando diz:

É necessário separar o ato de escrever um texto rápido – lista de compras, recado etc. – do de escrever um texto com objetivo de discutir, narrar, descrever determinado tema. Cabe à escola apontar essas diferenças ao aluno, mostrando que há a exigência não só dos conhecimentos linguísticos disponíveis, mas de quais operações são importantes realizar com a linguagem para que o texto produza determinados sentidos e não outros.

O professor precisa, no dia a dia da sala de aula, apontar para essas especificidades do ato de escrever para que os alunos possam, com autonomia, desenvolver-se como usuários da língua em diversos contextos, pois cada gênero apresenta uma finalidade e uma estrutura diferente. É o trabalho com a diversidade de gêneros discursivos/textuais que irá fazer com que o aluno reconheça as características de cada um deles e desenvolva de maneira efetiva sua escrita.

Kleiman (2012, p. 132) também defende o trabalho com os gêneros textuais quando pontua que:

Quanto mais diversificada a experiência de leitura dos alunos, quanto mais familiaridade eles tiverem com textos narrativos, expositivos, descritivos, mais conhecida será a estrutura desse texto, e mais fácil a percepção das relações entre a informação veiculada no texto e a estrutura do mesmo.

Essas palavras da autora reforçam o que já foi dito anteriormente sobre a relevância do contato dos alunos com a diversidade textual para a promoção e o desenvolvimento da capacidade de construir significados e, conseqüentemente, ampliar as habilidades de leitura e escrita dos alunos. Abaurre (2012, p. 24) ressalta que uma boa proposta de produção textual deve seguir quatro pontos: “1- ser motivadora; 2- definir claramente uma tarefa; 3- especificar um gênero e um contexto discursivo e 4- fornecer uma coletânea de textos de apoio (verbais e/ou não verbais)”. Isso quer dizer que, ao propor uma produção textual, o professor precisa assegurar que esta tarefa apresente objetivos claros e seja motivadora para os alunos.

Isso implica também que o educador deve levar em consideração o perfil do educando e os temas que lhe despertam interesse; definir o gênero textual/discursivo a ser desenvolvido na sua proposta de produção e informar porque e para quem está escrevendo, além de proporcionar ao aluno acesso a informações e ideias suficientes que o norteiem para que o mesmo possa produzir seu texto de maneira lógica, coerente e segura, ou seja, visando principalmente a construção do sentido no seu texto. No item que segue, abordaremos sobre a coerência como fator imprescindível para a construção de sentido do texto.

2.6 Fatores de coerência

A grande responsável pela relação lógica entre as ideias do texto é a coerência textual. A escolha das palavras para a organização das frases é uma das condições necessárias para que haja a coerência, pois elas devem se completar para produzir sentido, ou seja, para ser coerente para os destinatários. Quando as ideias não se completam nas frases e não seguem uma lógica de raciocínio levando a uma contradição, o texto torna-se incoerente.

Na maioria dos casos, na nossa prática de sala de aula, e no decorrer da nossa pesquisa, nos deparamos com textos de alunos destituídos de sentido, incoerentes. Isso pode ser decorrência da falta de conhecimento sobre determinado assunto que o produtor quer discorrer no seu texto, da falta de adequação aos moldes formais da linguagem, do uso inadequado de palavras no texto, da falta de unidade entre as partes do texto etc.

Cavalcante (2012) afirma que a coerência de um texto não se relaciona somente à sua unidade semântica, mas a todas as inferências que precisam ser feitas para a construção do sentido, sendo, portanto, um princípio de interpretabilidade. Koch (2008) também comunga desta ideia quando acentua que é necessário recorrer às inferências como uma estratégia de negociação do sentido. As inferências, por sua vez, englobam o conhecimento linguístico, o enciclopédico e o interacional. Da mesma forma, Koch (1999, p. 21) aponta que a coerência é

um princípio de interpretabilidade “ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido deste texto”. Nesse caso, o aluno/leitor/produtor precisa fazer uso de vários fatores como o seu conhecimento de mundo, o vocabulário, deduções e antecipações e levar em conta seu interlocutor e a situação comunicativa para dar sentido ao que lê e produz, para ler e escrever com clareza e precisão. Koch (2009) ainda pontua que a coerência não está presente apenas no texto, mas na interação realizada através do autor-texto-leitor.

Sautchuk (2003, p. 10) também considera indispensável o caráter sociointeracional da linguagem para o processo de realização textual. A autora destaca, dentro dessa perspectiva, a existência de dois sujeitos: “um primeiro que, no ato verbal, produz um texto, tentando operar determinados resultados num segundo – o indivíduo que recebe o produto dessa atividade”. Nesse sentido, a coerência é, portanto, um conjunto de fatores que estão interligados, isto é, precisam estar relacionados uns aos outros para que possa, de fato, acontecer, levando em conta essa dialogicidade dentro do processo de produção textual.

A atividade da escrita, segundo Sautchuk (2003), reverencia o caráter interacionista, uma vez que considera a existência de um duplo produtor de texto, um escritor ativo e um leitor interno, que agem juntos e interagem na hora da produção escrita. O leitor interno é responsável pela construção da coerência do texto, pois aciona seus conhecimentos linguísticos e extralinguísticos. Já o escritor ativo também faz uso de motivação, finalidade e realização visando à figura do leitor externo. Nesta perspectiva, o texto escrito é realizado dialogicamente entre dois co-produtores, o escritor ativo/leitor interno, ambos visando o mesmo objetivo, se fazer entender, ser coerente.

Koch (2008, 2009) menciona a existência de vários tipos de coerência que são imprescindíveis para a coerência global do texto. São elas: **a coerência sintática**, que se refere ao uso preciso e à colocação das palavras para a organização das frases, bem como à utilização dos pronomes, dos conectores etc.; **a coerência semântica**, que se refere ao sentido/significado que as palavras utilizadas no texto desempenham em determinado contexto; **a coerência pragmática**, que diz respeito à adequação da fala para realizar o texto pretendido; **a coerência temática**, que se refere ao fato das frases se relacionarem ao tema do texto; **a coerência estilística**, que se refere à utilização adequada da linguagem a cada variação de uso/contexto se é formal ou informal; e **a coerência genérica** que se refere às condições ou requisitos do gênero textual que devem estar relacionados com o conteúdo do enunciado.

A autora ainda afirma que há autores que apontam que a coerência se dá em nível local, microestrutural, ou seja, quando acontece em um dos níveis, principalmente no nível sintático, e autores que afirmam que a coerência é global, macroestrutural. Entre os autores que citam que a coerência é global, está Marcuschi (2008, p. 123) que diz: “a coerência não é uma realização local, mas global, embora possa ter, em muitos casos, um desenvolvimento local” e Koch (1999, p. 21) que diz que: “[...] Este sentido, evidentemente, deve ser do todo, pois a coerência é global.” No nosso trabalho, adotamos a concepção de ambos autores, o da coerência global. O trabalho de Freitas (2006, p. 40) versa sobre a coerência local, ela aponta que: “Esses casos, por se tratarem de fragmentos de enunciados, de sequências de frases, caracterizam-se como incoerências locais”. Todos os tipos de coerência acima especificados juntamente com os conhecimentos de mundo, o conhecimento linguístico, o enciclopédico e o interacional colaboram para a construção do sentido do texto.

Antunes (2009) defende que a construção de um texto está intimamente relacionada com aspectos lexicais e gramaticais onde é preciso ter critério na hora de selecionar e colocar as palavras nas frases, ou seja, não se pode escolher qualquer palavra, mas selecioná-la de modo que a sua colocação na frase corresponda realmente ao que se quer dizer e faça sentido para o interlocutor. São fatos como esses que constantemente vemos presentes nos textos dos alunos, inclusive nos textos que compõem o *corpus* dessa pesquisa, uma não preocupação com a escolha e a colocação das palavras nas frases para a construção do sentido do texto.

Nesta perspectiva, é pertinente que o professor, nas aulas de língua materna, esclareça para os alunos sobre os usos e as regras do funcionamento interativo da linguagem e aponte meios para que os mesmos possam pensar não só na combinação das palavras, mas no sentido que elas desempenham dentro do contexto em que estão inseridas. Como muito bem aponta Antunes (2009, p. 99), “a coerência resulta também das palavras e das relações gramaticais que são estabelecidas, [...] sem gramática, não há língua, não se fazem textos, nem orais nem escritos, nem formais nem informais”. Sob esta ótica, o ensino da gramática é fundamental para que o leitor/autor possa construir sentido para aquilo que lê/escreve. Esse ensino de gramática pode e deve acontecer por meio do trabalho desenvolvido com textos múltiplos.

O autor Canonice (1999, p. 132) aborda que os insucessos da prática de produção textual realizada nas instituições de ensino é a artificialidade dos temas que são propostos aos alunos e o fato desta atividade não apresentar destinatários reais. O autor ainda pontua que:

A escola estimula os estudantes a produzirem textos de tipologia esgotada tais como: somente narração, somente dissertação, somente descrição..., sem qualquer

possibilidade de mudança de ponto de vista dos alunos, fazendo com que sejam ignorados enquanto sujeitos, impedindo-os, ainda, de se tornarem criativos.

Percebemos, com essa afirmação, que práticas assim tornam o aluno um ser passivo, sem criticidade, autonomia e criatividade ao produzir textos nos quais não expressa sua opinião, seu posicionamento. Além desse problema, um dos grandes desafios ou entraves para os alunos e as demais pessoas na hora de produzir um texto, seja ele oral ou escrito, é ter o que transmitir, o que expressar, ou, como organizar as ideias de modo que elas façam sentido, sejam coerentes.

De acordo com o que aborda Antunes (2003, p. 45):

Ter o que dizer é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever. Não há conhecimento linguístico (lexical ou gramatical) que supra a deficiência do “não ter o que dizer”. As palavras são apenas a mediação, ou o material com que se faz a ponte entre quem fala e quem escuta, entre quem escreve e quem lê. (grifos do autor)

Com base nessa afirmação, além de haver a preocupação na utilização do léxico ou das normas gramaticais no momento de se expressar, deve haver também a necessidade de ampliação das informações, das ideias, para que as palavras possam surgir de maneira coerente de acordo com o tema, e o leitor/produtor possa assim aprimorar a prática de produção textual, seja ela oral ou escrita.

Necessário também se faz que o professor pondere sobre alguns fatores, no que diz respeito à sua metodologia de ensino, para que o aluno tenha êxito tanto na capacidade de compreender como também na de produzir coerentemente textos.

São quatro fatores apontados por Koch (1999, p. 84), que o professor precisa refletir, sobre o aluno, na hora de compreender e produzir textos:

- a)** Se ele reconhece os recursos linguísticos aí utilizados (ele pode não entender bem uma passagem, por exemplo, por desconhecer uma diferença de sentido causada por uma regência verbal pouco frequente na(s) variedade(s) linguística(s) que ele domina;
- b)** se ele compartilha com o produtor o conhecimento de mundo que este põe em ação no texto. [...], pois só assim o receptor do texto (o aluno no caso) terá condições de fazer as inferências necessárias para relacionar os elementos do texto, criando um mundo textual e estabelecendo a continuidade/unidade do texto e dá a sua coerência;
- c)** se ele tem informações suficientes sobre a situação e seus componentes (inclusive os usuários e sua relação);

d) se o texto em questão exige o conhecimento prévio de outros textos a que ele remete intertextualmente.

Para a autora, esses fatores são importantes para que a intenção comunicativa se realize de maneira eficiente não só na compreensão, mas na produção de textos. É fundamental que o professor transmita para os alunos de maneira clara quais são os objetivos da produção textual e que esta seja realizada em contextos reais de interação para que assim os textos tenham sentido e sejam coerentes para seus receptores.

É mister que, na hora de avaliar o texto do aluno como coerente ou não, o professor observe o mesmo sob alguns aspectos frisados por Cavalcante (2012, p. 30) “sobre o ponto de vista pragmático, que tem a ver com a atuação comunicativa; sob o ponto de vista semântico-conceitual, que diz respeito à sua coerência; e sob o aspecto formal, que concerne à sua coesão”. São pontos que merecem ser considerados, pois a construção de sentido do texto, ou seja, a sua coerência, dependendo da situação comunicativa, é resultado de vários conhecimentos como os conhecimentos linguísticos, cognitivos, socioculturais e também interacionais.

Sobre o fato de se considerar a existência de textos coerentes ou não coerentes, Cavalcante (2012), afirma que alguns linguistas sinalizam que existem textos sem sentido, incoerentes, como por exemplo, Beaugrande e Dressler (1981), Marcuschi (1983), e outros linguistas como Charolles ([1978] 1988) afirmam que há textos incoerentes a não ser que haja inadequação a situação comunicativa, do contrário, o texto será sim coerente apresentando apenas ruptura dessa coerência em algumas partes.

Portanto, tomando como referência o que afirmam alguns desses linguistas sobre a coerência ou falta dela, a análise e a avaliação do professor é uma atividade que pode mediar à construção da coerência nos textos dos alunos. Pode, por exemplo, apontar onde há ocorrência de quebras de sentido, ou que requisitos o aluno deve observar para garantir o sentido do texto. Canonice (1999), Antunes (2005) e Cavalcante (2012) citam algumas metarregras de coerência propostas por Charolles (1988) que regulam a organização do texto. Cavalcante (2012, p. 34-37) destaca as metarregras da continuidade, progressão, não contradição e articulação elaboradas por Charolles (1988) e lançadas, no Brasil, por Costa Val (1999), como ferramentas úteis nesse sentido. São regras de avaliação de boa formação de textos as quais são condicionadas às explicitações da situação comunicativa em que o texto encontra-se inserido. São elas:

i) Continuidade – um dos principais requisitos de coerência. Ela se garante pela retomada de elementos e ideias no decorrer do texto.

ii) Progressão – obtida a partir da adesão de novos conceitos e informações aos elementos responsáveis pela continuidade.

iii) Não contradição – externamente, o texto não pode contradizer o mundo a que se refere, seja este mundo real ou fictício.

iv) Articulação – para que um texto seja articulado, é preciso que suas ideias tenham a ver umas com as outras; é preciso estabelecer tipos específicos de relação entre elas.

Desse modo, tendo como base essas quatro referências, o aluno, ativando todos os tipos de conhecimentos e mediado pela correção do professor, poderá assegurar que seu texto tenha uma unidade de sentido, seja constituído de coerência. A falta de uma das metarregras se constitui como um problema de coerência local e pode prejudicar a construção do sentido. Charolles (2002, p. 77) aborda que “essas metarregras enunciam condições simplesmente necessárias e seria preciso perguntarmo-nos se essas condições são também suficientes. Possivelmente não; [...] há muito a fazer [...]”. Compreende-se, assim, que as metarregras são um modelo possível e não único e nem obrigatório a ser seguido pelos professores para a correção dos textos produzidos pelos alunos.

De acordo com o conceito de coerência e de “boa” formação de texto proposto por Koch (1999, p. 88), “só se pode ver a avaliação de textos de alunos como uma fase do processo de sua produção, nunca como seu ponto final”. Isso quer dizer que, ao avaliar o texto do aluno, o professor precisa enxergá-lo como um produto em fase de construção que pode sofrer algumas alterações ao longo de sua produção e até mesmo após esta e não como um produto concluído, arrematado, que não pode ser modificado ou melhorado.

Além disso, o aluno, ao produzir um texto, deve ser levado pelo professor a reconhecer que esta prática baseia-se, segundo Arcoverde (2007), em etapas como: planejar, escrever, revisar e reescrever. O planejamento diz respeito à seleção e organização das ideias acerca do tema que será abordado no texto escrito. Escolhida as ideias é a vez de escrevê-las e revisá-las a fim de se fazer uma autocorreção e evitar a falta de sentido no texto e isso pode ser feito por meio de substituições, acréscimos ou eliminações de informações. Feito isso, é a vez da reescrita onde todas as etapas anteriores devem ser levadas em consideração. Estas etapas são fundamentais para que o texto possa ser dotado de sentido.

São sugeridas por Cavalcante (2012, p. 37) algumas questões, baseadas nos quatro critérios ou metarregras descritos acima (continuidade, progressão, não contradição e articulação) que servem como parâmetros úteis para o professor, ao corrigir um texto, avaliar quais aspectos da coerência estão presentes. Vejamos:

i) O texto apresenta continuidade? As ideias e conceitos estão presentes ao longo de todo texto?

ii) O texto apresenta progressão? Em algum momento, há repetição de uma ideia ou fato, sem acrescentar nada de novo?

iii) O texto consegue ser não contraditório? Em algum momento, se nega o que foi afirmado anteriormente ou vice-versa? Desconsiderou-se algum fato anterior de modo a contrariar o que está sendo dito agora? De alguma maneira, foi violado o mundo textual que se pretendeu representar?

iv) O texto está articulado? Suas partes estão localizadas corretamente? Há algo em excesso? Há algo que falta para que o leitor compreenda bem a ligação de uma ideia com outra?

Todas essas questões são importantes, pois foram apontadas para que os professores possam localizar ou não, possíveis rupturas de coerência no texto dos alunos. Sem dúvidas, são subsídios que primam pela eficácia comunicativa e que devem estar atrelados aos sentidos e referências pautados no caráter interacional entre locutor-co(n)texto-interlocutor.

Dessa maneira, percebemos que a construção de um texto demanda uma série de operações cognitivo-discursivas e interacionais que são determinantes para a produção de sentidos satisfatórios em um texto.

Depois de apresentarmos os subsídios teóricos adotados para essa investigação, no capítulo a seguir, apresentaremos todo o percurso metodológico desenvolvido durante a pesquisa, bem como a ação interventiva realizada para a coleta do nosso *corpus* que conduziu a nossa análise baseada nas categorias teóricas escolhidas para esta pesquisa tais como: os tipos de coerência (**sintática, semântica, pragmática, temática, estilística e genérica**) apontados por Koch (2009); as metarregras da **continuidade, progressão, não contradição e articulação** defendidas por Cavalcante (2012), como também o avanço do letramento alfabético e digital.

3 O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

3.1 Contextualizando a metodologia

O que distingue um professor pesquisador dos demais professores é o seu compromisso de refletir sobre sua própria prática, buscando reforçar e desenvolver aspectos positivos e superar as próprias deficiências. Para isso ele se mantém aberto a novas ideias e estratégias. (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 46)

Neste capítulo, apresentamos o percurso metodológico adotado para essa pesquisa, destacando o tipo de pesquisa realizada e a forma de abordagem, o nosso universo de pesquisa, os nossos objetivos e as respostas dadas à nossa questão de pesquisa, bem como, faremos a apresentação do *corpus* e do *locus*, levando em consideração que o nosso objetivo geral é: investigar a prática de leitura e produção textual realizada através do ciberespaço em um grupo fechado no *Facebook* denominado de “Espaço da Aprendizagem”, para podermos analisar os fatores de coerência predominantes nas produções textuais dos alunos, quando as fazem para ser veiculadas via *Facebook*. Este objetivo foi elaborado a partir da problemática detectada por nós enquanto pesquisadores: a falta de estímulo e participação dos alunos nas aulas de leitura e produção de textos e falta de sentido nos textos por eles produzidos. Destacamos, ainda, que os nossos objetivos específicos são:

- i) Investigar se as produções textuais dos alunos apresentam problemas ou não quanto ao estabelecimento da coerência para analisar qual a maior incidência de incoerência (sintática, semântica, temática, pragmática, estilística ou genérica);
- ii) Analisar quais aspectos da coerência (metarregras) estão presentes nas produções textuais dos alunos (continuidade, progressão, não contradição e articulação);
- iii) Averiguar o avanço do letramento alfabético e digital por meio de atividades que envolvem o uso do *Facebook*.

Nesse sentido, para alcançarmos os objetivos propostos nesta pesquisa, usamos como instrumentos de coleta de dados aplicação de questionário com perguntas abertas que nos possibilitou ter uma descrição das dificuldades e interesses dos alunos em relação às aulas de Língua Portuguesa, como também quanto ao uso das Tics; aulas expositivas seguidas de incentivo e orientação aos alunos quanto à realização da prática da leitura e produção de texto no *Facebook* e observações seguidas de anotações.

3.2 Natureza da pesquisa

Pesquisas são ações que têm como propósito a descoberta de algo novo através de investigações, análises e procedimentos sobre um determinado assunto. Dessa forma, a pesquisa é uma reflexão que leva ao conhecimento. Chizzotti (2008, p. 19) a define como “um esforço durável de observações, reflexões, análises e sínteses para descobrir as forças e as possibilidades da natureza e da vida, e transformá-las em proveito da humanidade.” Sendo assim, é necessário em toda pesquisa o recolhimento dos dados, o esforço e a persistência por parte do pesquisador para a busca das informações.

Com base nesses pressupostos, a nossa pesquisa investiga a prática de leitura e produção textual bem como os fatores de coerência presentes nas produções textuais dos alunos e nas postagens de comentários realizadas durante a ação interventiva por meio do uso do *Facebook*, no grupo intitulado de ESPAÇO DA APRENDIZAGEM/ 6º ANO “B” 2014 WSV, na Escola Estadual Waldemar de Sousa Veras, em Alexandria/RN.

Nesta e em qualquer pesquisa, nós como pesquisadores, precisamos conhecer bem a realidade e estarmos cientes das concepções e das ações que iremos desenvolver durante nossa investigação, bem como dos nossos objetivos, para que possamos encontrar as respostas para os problemas que nos propomos analisar, ou para que possamos formular teorias ou ainda para testarmos teorias. Isso porque, segundo Richardson (2010, p. 17), a pesquisa pode ter os seguintes objetivos: “resolver problemas específicos, gerar teorias ou avaliar teorias existentes.” São três objetivos diferentes, mas que podem complementar-se, pontuar-se. Neste caso, cumprimos com essas exigências, pois foi através da observação da nossa realidade de sala de aula que nos propusemos a realizar esta pesquisa.

A pesquisa científica é um processo ativo, dinâmico, resultado do empenho do pesquisador que, por sua vez, usa critérios definidos e claros para explicar ou interpretar os dados colhidos em prol da sociedade. A pesquisa é, portanto, um caminho a ser trilhado para se chegar ao conhecimento de um tema específico que irá contribuir para o desenvolvimento social do ser humano e para o desenvolvimento científico.

Esta pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa descritiva de análise interpretativista. Sobre o tipo de pesquisa descritiva, o autor Gressler (2007, p. 59) explica: “Pesquisa descritiva não é uma mera tabulação de dados; requer um elemento interpretativo que se apresenta combinado, muitas vezes, comparação, contraste, mensuração, classificação, interpretação e avaliação”.

Sendo assim, a nossa pesquisa tem a pretensão de analisar os fatores de coerência presentes nas produções textuais dos alunos, como também, o avanço do letramento alfabético e digital por meio de atividades que envolvem o uso do *facebook*.

A forma de abordagem adotada é de natureza quantitativa e qualitativa. Quantitativa porque é realizada a partir de números e dados práticos, qualitativa porque adota métodos para compreender como as pessoas se comportam frente a determinadas situações da realidade. Gressler (2007, p. 98) apresenta características essenciais da pesquisa qualitativa. Segundo ele:

a) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados; b) A intervenção do pesquisador no contexto observado é reduzida ao mínimo; c) Os métodos da pesquisa qualitativa são múltiplos, interativos e humanísticos; d) [...] em uma abordagem indutiva o pesquisador parte de questões amplas, focos de interesse ou recortes de uma determinada realidade [...]; e) A pesquisa qualitativa é fundamentalmente interpretativista [...]; f) A investigação qualitativa é um projeto cívico, participativo e colaborativo.

Portanto, trata-se de uma pesquisa descritiva de análise interpretativista com abordagem quanti-qualitativa e enfoque indutivo, pois realizamos a análise do nosso *corpus* baseadas em números e nos fenômenos sociais, ou seja, nos 43 comentários/produções de textos desenvolvidos e postados pelos alunos no grupo do *facebook* e coletados durante a ação interventiva.

3.3 Universo da pesquisa: o *locus* e o *corpus*

Esta pesquisa foi realizada em uma turma do 6º ano “B” do Ensino Fundamental II, no turno matutino, na Escola Estadual Waldemar de Sousa Veras, em Alexandria/ RN, localizada no centro da cidade, na Av. Dr. Gregório de Paiva, Nº 86. A escola é a mais antiga da cidade, sua história se confunde com a própria história do município, pois este tem 84 anos e a escola 81 anos de fundação, na qual a professora pesquisadora desempenha suas funções há quase 10 anos, mas que no momento da pesquisa, encontrava-se de licença para frequentar o Programa de mestrado profissional em Letras (PROFLETRAS).

A referida instituição é uma escola de prestígio que funciona num prédio de estrutura antiga e notável, o qual foi citado pelo historiador Luís da Câmara Cascudo (1984, *apud* Veras 2007, p. 118) como “O mais bonito da província”, em sua passagem pela cidade para a

inauguração da referida escola em 22. 05. 1934. A escola, desde a sua fundação, já recebeu várias denominações, entre elas: Grupo Escolar João Bernardino, em 1934, Ginásio Normal de Alexandria, em 1952, Ginásio Estadual de Alexandria, em 1970, Escola Estadual de Alexandria, em 1976, Centro Escolar Waldemar de Sousa Veras, em 1996 e, finalmente, em 1999, recebeu a denominação atual, de Escola Estadual Waldemar de Sousa Veras, mas é mais conhecida por grande parte da população alexandriense como “Ginásio”.

A escola atende atualmente a 252 alunos da zona rural e urbana do município, nos turnos matutino e vespertino. Nela, é desenvolvido o Programa “Mais Educação” do Governo Federal que amplia a jornada escolar em tempo integral e o Projeto “Banda na Escola” que é um projeto desenvolvido na e pela escola com uma banda de música fanfarra formada por alunos do 6º ao 9º ano.

É um estabelecimento de ensino renomado, sua nota de avaliação no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) vem apresentando índice superior ao esperado, em 2011, foi 3.2 quando a meta a ser atingida era 3.1, em 2013, a escola atingiu a nota de 4.2 quando a meta era 3.5, o que atesta que a instituição desenvolve um bom trabalho, pois, é também a escola dentre as demais do município de Alexandria que possui o maior número de alunos aprovados para os cursos que são ofertados pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) e para a Escola Agrotécnica do Cajueiro *Campus IV*- UEPB.

Apesar disso, a estrutura física da escola é muito antiga e pequena. Os recursos tecnológicos disponíveis são poucos, 2 aparelhos data show, 2 microfones e uma caixa de som amplificada. No laboratório de informática, dos 20 computadores que possui atualmente, 12 funcionam precariamente e apenas 6 estão em perfeito estado de funcionamento e conectados à internet, um dos fatos que justifica a seleção de um número reduzido de alunos para participar da pesquisa. Vale comentar aqui, que o mesmo, além de ser um espaço pequeno, ainda acomoda os instrumentos da banda de música e é um local pouco utilizado por alunos e professores. A maioria destes é avessa a usarem esse espaço com os alunos ou porque não estão aptos a fazerem o uso adequado dos recursos tecnológicos ou por comodismo mesmo.

A turma *locus* da pesquisa tem um total de 26 alunos, sendo que 23 são do sexo masculino e apenas 3 do sexo feminino, com idades entre 11 e 16 anos, portanto, é uma turma com faixa etária variada. Desses alunos, 9 são repetentes, 3 destes estão repetindo pela terceira vez o 6º ano (é a turma com maior número de repetentes), e todos são provenientes de famílias humildes e de baixa renda e algumas delas desestruturadas, fato este que pode ser reflexo do número de repetentes apresentado.

Os textos que compõem o *corpus* desta pesquisa estão postados em um grupo fechado no *Facebook* criado para servir como espaço de interação e aprendizagem entre o professor pesquisador e os alunos envolvidos na pesquisa. Dos 26 alunos que compõem a turma do 6º ano “B”, participam dessa pesquisa e serviram como amostra a produção textual de 9² destes alunos pelo fato de se tratar de uma turma com faixa etária diversificada e bem heterogênea, com problemas de comportamento e de interesse em permanecer na escola, decidimos trabalhar com aqueles que apresentaram interesse em participar das atividades e, conseqüentemente, da pesquisa em questão, apesar de todos os pais terem assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A) autorizando a participação dos alunos e a utilização dos dados coletados. Além disso, outro fator contribuiu para a seleção dos nove alunos, o fato de o laboratório de informática não oferecer condições nas suas instalações físicas e não dispor de computadores conectados à internet suficientes para atender e acomodar toda a turma.

O grupo do qual os alunos participaram foi denominado ESPAÇO DA APRENDIZAGEM/ 6º ANO “B” 2014 WSV. Nele, o professor pesquisador postava textos de diversos gêneros discursivos/textuais para que os alunos após terem realizado a leitura, pudessem dar o seu posicionamento a respeito, através de comentários/produções de texto. Esta prática possibilitou aos alunos realizarem a leitura e a produção textual de forma inovadora, por meio do ciberespaço.

O nosso intuito foi analisar, nos textos dos alunos, que serviram como amostra, os **tipos de coerência** ou incoerência presentes em cada postagem, as **metarregras** e o **avanço do letramento alfabético e digital**. Escolhemos estas categorias porque segundo alguns autores, as pessoas se expressam melhor na internet, no que diz respeito ao cuidado com a organização das ideias para a construção do sentido, porque sabem que aquilo que escrevem/postam será lido/visualizado por muitas outras pessoas. Sobre o uso da internet, Moran (2013, p. 53-54) destaca:

Na internet também desenvolvemos formas novas de comunicação, principalmente escrita. Escrevemos de forma mais aberta, hipertextual, conectada, multilinguística aproximando texto e imagem. [...] A possibilidade de divulgar páginas pessoais e grupais na internet gera uma grande motivação, visibilidade, responsabilidade para professores e alunos. Todos se esforçam para escrever bem, comunicar melhor suas ideias, ser bem-aceitos, para “não fazer feio”.

²O restante da turma, (17 alunos) não se interessou em participar do projeto.

Nesta perspectiva, escolhemos dentre os textos dos alunos que participaram da pesquisa, aqueles que nos possibilitou realizar a análise sobre as categorias teóricas apresentadas. Para isto, levamos em conta os subsídios teóricos e metodológicos de alguns autores sobre as temáticas aqui abordadas.

O nosso *corpus* é constituído de 43 comentários/produções textuais sobre os 10 (dez) textos/atividades de gêneros variados postados pelo professor pesquisador no grupo do *Facebook* nomeado ESPAÇO DA APRENDIZAGEM/ 6º ANO “B” 2014 WSV.

As postagens dos textos/atividades e seus respectivos comentários/produções de textos foram realizados durante o processo interventivo entre os meses de julho, agosto, setembro e dezembro de 2014, sendo que duas postagens foram no mês de julho, duas no mês de agosto, duas no mês de setembro e quatro postagens no mês de dezembro.

O processo de produção textual foi desenvolvido em apenas uma etapa, a da escritura, pois a reescritura dos textos não seria possível dado o tempo que levaria para ser realizada, salvo apenas o poema da Olimpíada de Língua Portuguesa que passou pela fase da reescrita e teve a mediação do professor pesquisador na versão final. No tópico seguinte, apresentaremos nossa ação didática e a análise do questionário.

3.4 A ação didática

A ação didática nesta pesquisa baseou-se em fazer uma mediação/interferência sobre o processo de desenvolvimento da aprendizagem de leitura e escrita dos alunos. A mesma serviu como aporte para a coleta de nosso *corpus*.

Neste item, explicamos como analisamos o questionário aplicado aos alunos para podermos realizar a ação interventiva, como também, explicamos o percurso realizado para desenvolvermos tal ação, destacando os objetivos, conteúdos e procedimentos adotados durante este processo interventivo.

O desenvolvimento empírico deste trabalho começou a partir de diversas observações em sala de aula, reflexões, estudos teóricos, orientações e discussões entre os participantes. Dessa forma, decidimos elaborar e aplicar um questionário aos alunos do 6º ano do ensino fundamental II, da rede pública estadual de ensino, na cidade de Alexandria/RN. O questionário mencionado foi estruturado com 10 perguntas e teve como objetivo maior conhecer quais eram as maiores dificuldades desses alunos na disciplina de Língua

Portuguesa, bem como, perceber se o uso das tecnologias nas aulas motivava e melhorava a aprendizagem dos alunos referente à prática de leitura e produção textual para, a partir daí, num processo interativo poder realizar um trabalho de intervenção. Das 10 perguntas contidas no questionário (apêndice B), analisamos apenas aquelas que julgamos suficientes para atingir os objetivos da nossa pesquisa, no caso, a questão 7 que interrogava “Em que você tem mais dificuldade em Língua Portuguesa: Interpretação de texto, gramática ou produção textual?”; e a questão 10 que perguntava “Você acha que o uso da internet ou do *Facebook* nas aulas de Língua Portuguesa poderia melhorar sua participação e sua aprendizagem?”

Nesta perspectiva, para realizarmos a análise do questionário aplicado, nos detivemos a duas questões principais, citadas anteriormente, a respeito das principais dificuldades para com o uso da Língua Portuguesa e sobre o uso do *Facebook* como suporte e estímulo para melhorar a participação e a aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa. A análise dessas duas questões foi realizada através das respostas dos questionários de 21³ (vinte e um) alunos dos 26 (vinte e seis) matriculados na turma do 6º ano “B”.

3.4.1 A análise do questionário

3.4.2 As principais dificuldades no uso da Língua Portuguesa

O ensino de gramática, leitura, interpretação e produção textual são atividades que fazem parte das aulas de língua materna. Por esse motivo, o trabalho com a mesma deve ser flexível, interativo e funcional, pautado nas práticas sociais de uso da língua e de sua variedade, garantindo também a inclusão social. Sabemos que o ensino da língua portuguesa nos abre um leque de possibilidades de atuação e o professor não pode esquecer-se que, além da gramática e das regras por ela impostas, existe um mundo dominado pela linguagem e pelos meios mais abrangentes de tecnologia que se expande e chega a nossos alunos com uma força jamais imaginada por qualquer pesquisador.

Com base nesses pressupostos, neste tópico, descrevemos as respostas dos alunos sobre a seguinte questão: Em que você tem mais dificuldade em Língua Portuguesa: interpretação de texto, gramática ou produção textual? Dos 26 (vinte e seis) alunos matriculados na turma, estavam presentes na sala e responderam ao questionário apenas 21

³ No dia da aplicação do questionário 5 (cinco) alunos não estavam presentes na sala de aula.

(vinte e um), sendo que 3 (três) alunos disseram interpretação de textos, 14 (catorze) alunos gramática, 2 (dois) alunos produção textual e 2 (dois) alunos disseram gramática e interpretação de texto. Abaixo temos essa representação:

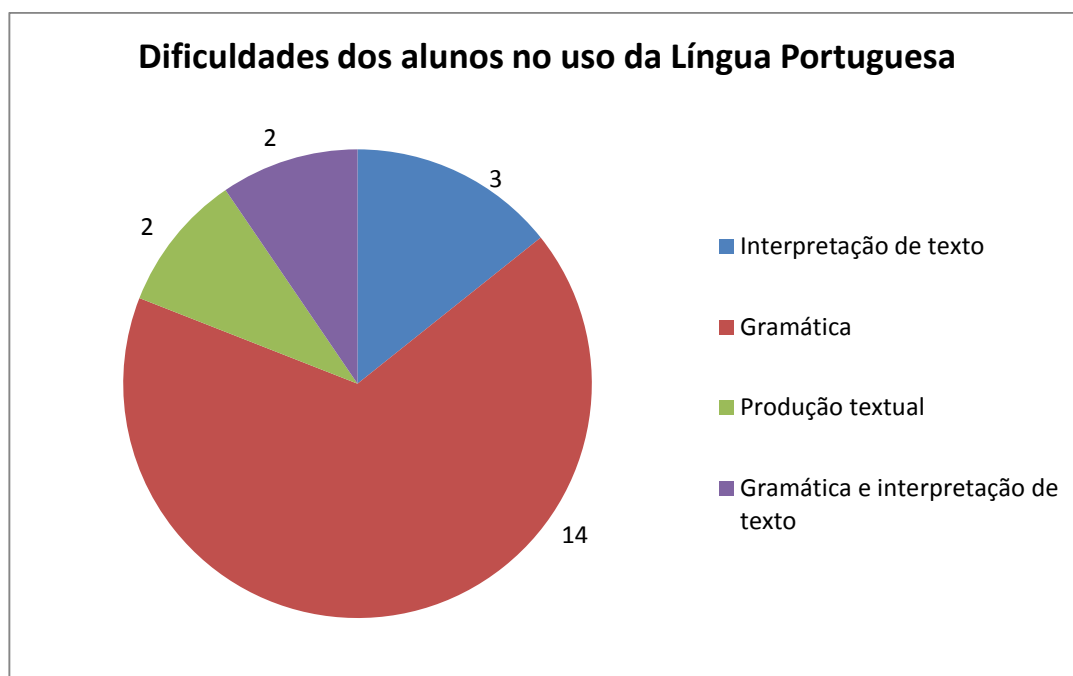


Gráfico 1: Dificuldades dos alunos no uso da Língua Portuguesa

Com esse resultado, de acordo com o gráfico 1, ficou claro que as principais dificuldades dos alunos se dão em relação ao uso da forma padrão da Língua Portuguesa, tendo em vista que a maior parte da turma, 16 (dezesesseis) alunos, apontou a gramática como a maior dificuldade em Língua Portuguesa.

Nesse contexto, torna-se evidente a necessidade de a escola propiciar aos alunos o conhecimento gramatical pautado nas diversas práticas sociais para que os mesmos possam usá-lo de maneira mais competente e significativa, ou seja, o ensino de gramática deve estar articulado às práticas da linguagem nas mais diversas situações de interação social.

3.4.3 O uso da internet ou do *Facebook* como suporte e estímulo para melhorar a participação e a aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa

Neste tópico, procuramos saber de cada aluno se: Você acha que o uso da internet ou do *Facebook* nas aulas de Língua Portuguesa poderia melhorar a sua participação e a sua

aprendizagem? Dentre os 21 (vinte e um) alunos que responderam ao questionário, 13 (treze) alunos responderam que sim, 07 (sete) alunos responderam que não e 01 (um) aluno destacou que o *Facebook* poderia melhorar, mas também atrapalhar a aprendizagem. Vejamos o gráfico a seguir:

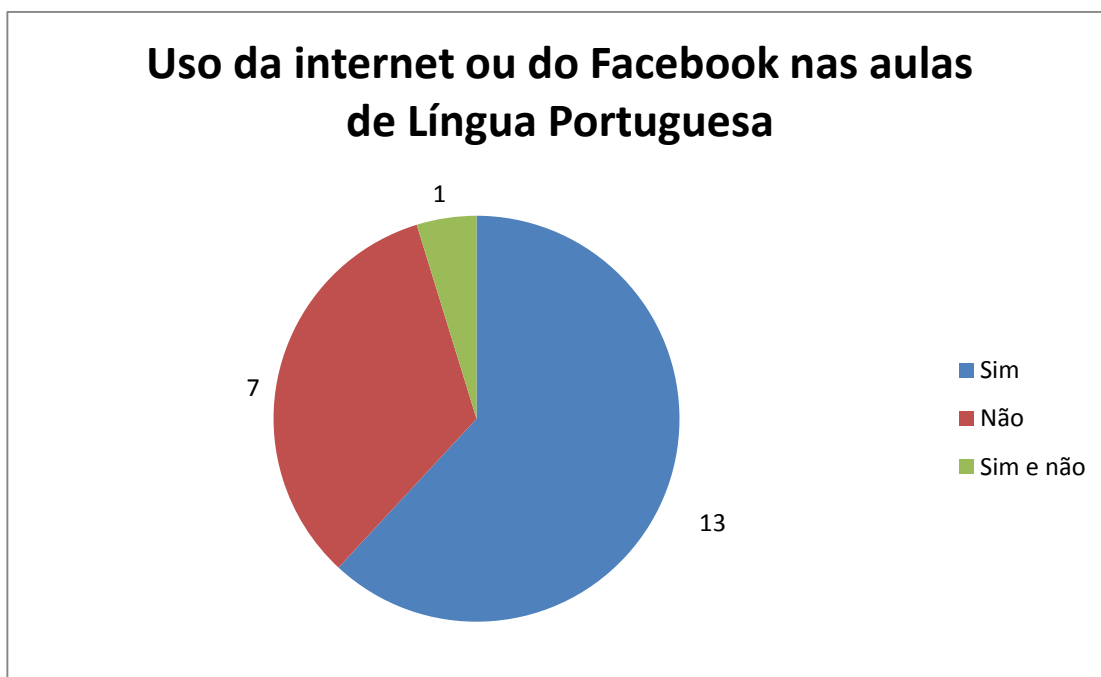


Gráfico 2: Uso da internet ou do *Facebook* nas aulas de Língua Portuguesa

Esses dados, apresentados no gráfico 2, demonstram que o uso inovador de uma ferramenta tecnológica nas aulas poderia estimular e melhorar a aprendizagem dos alunos. É o que fica explícito nos comentários de alguns alunos, identificados aqui como (AL), seguidos de uma sequência numérica, como poderemos ver abaixo. Informamos ainda que apresentaremos os textos da forma como foram escritos pelos alunos:

AL 01 – Sim eu teria mais vontade de estudar.

AL 06 – Sim seria mais interessante.

AL 07 - Sim porque aprende mais e desenvolve mais.

AL 13 - Sim pois os alunos iriam ficar conversando com as pessoas e olhando as postagens das pessoas e não atrapalharia em nada.

Por meio dos comentários dos alunos, vimos que estes acreditam que o uso de novas tecnologias digitais, como é o caso do *Facebook*, poderia dar um novo impulso às aulas de

Língua Portuguesa e que, conseqüentemente, poderia melhorar a vontade de estudar, impulsionar a aprendizagem e a participação deles. Todos eles apresentam argumentos distintos, o aluno 01 (AL 01) diz que teria mais vontade de estudar, percebemos aí a necessidade de inovação da prática pedagógica como forma de despertar o seu interesse. O aluno 06 (AL 06) reforça a ideia do anterior e diz que seria mais interessante, por isso a importância de se alterar a rotina da sala de aula. Por sua vez, o aluno 07 (AL 07) apresenta que o contato com algo novo ajudaria na aprendizagem e no desenvolvimento dos mesmos. O aluno 13 (AL 13) aborda que a interação entre os indivíduos por meio da conexão estabelecida pela rede social não atrapalharia de forma alguma a aprendizagem.

Diante do exposto, percebemos que fundamental é inovarmos nossa proposta de ensino e privilegiarmos a flexibilização das nossas ações educativas para fugirmos da rotina e de métodos tradicionais que não interessam a nossos alunos.

Dos 07 (sete) alunos que responderam se o uso do *Facebook* não poderia melhorar a participação e a aprendizagem deles, destacamos alguns dos comentários que argumentaram melhor e que achamos mais pertinentes.

AL 16- Não o que pode melhorar é estudar e depois ter uma hora de *Facebook* .

AL 17- Não porque o *Facebook* atrapalharia as aulas.

AL 20- Não porque atrapalharia a aprendizagem.

Por meio dessas respostas, constatamos que alguns desses alunos que responderam não, ainda não utilizam essa ferramenta digital em favor de sua aprendizagem ou como forma de interação e conhecimento. Alguns deles não têm acesso a esse meio, moram na Zona Rural onde a internet ainda não faz parte da realidade, outros não possuem os dispositivos necessários para conectarem-se e existem ainda os que não possuem “perfil” no *Facebook*.

Com base na resposta do aluno 16 (AL 16), percebemos que, talvez pelo fato do uso do *Facebook* não está ainda fazendo parte da realidade da sala de aula, o mesmo não consiga atribuir sentido e relação a essa prática, considerando que só a forma de estudo tradicional o leve à aprendizagem. Os alunos 17 e 20 (AL 17) e (AL 20) afirmam que atrapalhariam as aulas e a aprendizagem, compreendemos que essas afirmações demonstram a falta de conhecimento dos alunos em relação aos benefícios que a educação mediada pela tecnologia traz para os estudantes e para as pessoas de um modo geral.

O aluno 21 (AL 21) demonstrou um posicionamento contraditório na sua resposta:

AL 21- Sim, poderia, mas também atrapalha.

Essa resposta nos leva a crer que esse aluno, assim como o (AL 17) e (AL 20), não tem conhecimento das vantagens que a tecnologia traz para as diversas atividades humanas. Por ser algo novo ainda para os alunos, tentaremos desfazer esse (pre)conceito que eles apresentam em relação ao uso dos recursos digitais em sala de aula, através de uma ação interventiva.

Portanto, com base na análise dos dados levantados nestas duas questões principais do questionário, ficou clara a sugestão dos alunos para trabalhar com as tecnologias durante as aulas e que as principais dificuldades deles, na disciplina de Língua Portuguesa, se dão em relação ao uso da forma padrão. Diante do exposto, verificamos que existe a necessidade de redimensionamento do nosso fazer pedagógico o qual possa envolver o aluno em um ensino convidativo que o leve a refletir, produzir, interagir e aprender, ou seja, ações promotoras de mudanças que possibilitem o sucesso em sala de aula. Explicaremos, no tópico seguinte, a nossa proposta interventiva.

3.5 A proposta interventiva

Este trabalho de pesquisa tem o intuito de aplicar uma nova metodologia nas aulas de Língua Portuguesa no 6º ano do Ensino Fundamental II, em uma escola pública no município de Alexandria RN, para que os alunos possam ser autores do próprio conhecimento e haja um ganho na aprendizagem de leitura e produção de texto.

Nessa pesquisa, as atenções serão voltadas para superar as dificuldades e desinteresses acerca do ensino da leitura e da escrita por entendermos que o fato de não saber ler e escrever com propriedade implica em consequências para as diversas atividades humanas, resultando também no fracasso/exclusão no processo de aprendizagem de leitura e escrita.

A proposta de utilização das novas tecnologias aborda os multiletramentos, pois no contexto atual, afirma Rojo (2009, p. 107), “o conhecimento e as capacidades relativas a outros meios semióticos estão ficando cada vez mais necessários”. Somando-se a isso, está também, a necessidade de se romper com práticas tradicionais e efetivar a implementação das novas tecnologias dentro do ambiente escolar, visando a melhoria da qualidade do ensino, pois as aulas tornam-se mais interessantes e os alunos mais motivados pelo fato de estarem

em contato com algo que lhes chamam a atenção, como é o caso dos recursos tecnológicos. As mídias digitais apresentam esse caráter inovador e auxiliam a construção do conhecimento.

Diante dessa situação, o uso das tecnologias servirá como mediador dos processos de ensino- aprendizagem criando novas possibilidades de comunicação. Aliaremos os textos do livro didático às mídias digitais e a concepção dos multiletramentos para romper um pouco com os métodos tradicionais e auxiliar a construção do conhecimento. Usaremos mais precisamente o *Facebook*, por entender que esta ferramenta digital motiva os alunos a descobrirem coisas novas, a trocarem experiências, a interagirem com o outro e a se conectarem com o mundo.

Na perspectiva de fazer com que os nossos alunos participassem das aulas de maneira mais efetiva, propomos a criação de um grupo fechado no *Facebook*, no qual foram disponibilizados os textos para os alunos postarem comentários acerca das temáticas trabalhadas em sala de aula.

Como proposta de atividade, utilizamos vários gêneros textuais, tais como, tiras, textos informativos, músicas, vídeos, contos e poemas através da mídia digital, na qual a prática de leitura e escrita foi priorizada através das postagens do grupo no *Facebook*.

A partir dos comentários que os alunos postaram, pudemos perceber se eles realizaram ou não a prática da leitura e produção textual de forma mais prazerosa e desinibida, expondo suas opiniões com coerência e se eles se mostraram bem mais interessados em participar das aulas e realizar as atividades propostas.

Ao analisarmos as postagens feitas pelos alunos, pudemos também constatar se houve avanço ou não em relação à prática de leitura e escrita feita por meio das mídias digitais, mais precisamente, na categoria coerência. Apesar de os alunos terem respondido que suas dificuldades nas aulas de Língua Portuguesa dão-se em torno do emprego adequado da gramática, optamos em trabalhar com a leitura, a produção de textos e a coerência textual, tendo em vista que o ensino da gramática poderá ser realizado através do trabalho com textos diversos, considerando que o aluno não aprende a gramática pela gramática, mas a partir de um repertório de textos. Sendo assim, o conhecimento gramatical, necessário para a coerência do texto, principalmente a coerência sintática, que diz respeito ao uso correto das palavras no texto, como também à utilização de pronomes, de conectores etc., ocorrerá através do desenvolvimento da leitura e da produção de textos no ciberespaço. Nesse sentido, essas lacunas na língua padrão podem ser eliminadas com o trabalho de leitura e produção de textos de gêneros variados.

Acreditamos que o uso do recurso digital *Facebook*, da mesma maneira que o uso dos diversos gêneros discursivos/textuais contribuiu com os processos de leitura e escrita dos alunos. Acreditamos, ainda, que esta proposta pedagógica digital é um passo importante, dentre muitos, para a redução do fracasso escolar. Segundo Coscarelli (2007, p. 31-32):

Se continuarmos procurando um “culpado” – alguns jogam a culpa do fracasso escolar no método de alfabetização, outros culpam os centros de formação de professores, outros culpam os alunos, outros culpam o governo e assim por diante – não vai haver solução para a escola no Brasil. Acreditamos que já passou da hora de fazer a revolução na educação, mas como nunca é tarde, e como a informática tem muito a contribuir para que isso aconteça, talvez agora consigamos trazer a vida “real” para a sala de aula, atualizada nos computadores ligados à Internet.

Nunca é tarde e cada um tem que fazer a sua parte sem medir esforços utilizando-se do que os avanços tecnológicos nos oferecem e mais ainda da postura de professor mediador, se quisermos realmente inserir o universo virtual ao universo da sala de aula e instigar o interesse e a permanência dos alunos na escola, bem como o desempenho satisfatório das habilidades de leitura e produção escrita.

Esta proposta interventiva foi realizada para a coleta do nosso *corpus* e serviu como subsídio para nossa pesquisa, porém, ela não apresenta a solução dos problemas, mas uma investigação, análise e intervenção destes problemas, visto a grande complexidade apresentada pelo tema em questão.

Durante o processo de intervenção, seguimos uma sequência didática que será apresentada a seguir.

3.5.1 Plano de Intervenção: Sequência Didática

TEMA: A INFLUÊNCIA DO FACEBOOK NA LEITURA E ESCRITA DOS ALUNOS

Objetivo:

- Desenvolver as habilidades de leitura e escrita dos alunos por meio do uso do *Facebook* com o intuito de ampliar o letramento alfabético e digital, bem como, averiguar os fatores de coerência presente nas produções textuais para a construção do sentido do texto.

Conteúdos:

- Leitura e escrita: Gêneros textuais (Poemas, músicas, vídeos, charges, contos e textos reflexivos).

Procedimentos:

1º momento:

- Discussão sobre a influência da tecnologia na vida das pessoas e sobre o uso dela fora e dentro da escola como ferramenta de aprendizagem;
- Discussão sobre a importância da leitura e da escrita com coerência para a construção do sentido do texto;
- Proposição da criação de um grupo fechado no *Facebook* para servir como espaço de ensino/aprendizagem e interação entre professor e aluno no qual serão disponibilizados os textos de diversos gêneros textuais para os alunos postarem comentários acerca das temáticas trabalhadas em sala de aula;

2º momento:

- Exibição do vídeo com a música de “Os Nonatos” – “O Planeta movido à internet é escravo da tecnologia”, seguido de discussão.
- Postagem dos comentários pelos alunos a respeito da letra da música no grupo do *Facebook* ;
- Observação dessas postagens pelo professor e alunos acerca da categoria coerência:
- Explicação sobre a linguagem utilizada na internet (internetês) e a linguagem padrão;

3º momento:

- Análise e discussão de uma tirinha postada no grupo pelo professor, relacionada ao uso das tecnologias;

- Postagem de comentários dos alunos sobre a temática e o significado da tirinha no grupo.

4º momento:

- Produção de um texto pelos alunos com base na seguinte proposta:
 “Um menino seguia por uma estrada, quando viu, à beira do caminho, uma garrafa de formato estranho. Lembrou-se das histórias que ouvira sobre garrafas mágicas, com gênio dentro, que atendia a três pedidos de quem o libertasse. Imediatamente o garoto começou a listar os seus desejos e necessidades, mesmo sem ter aberto a garrafa...”
 Escreva uma história com começo, meio e fim, na qual você ou um personagem criado por você apresentará três pedidos ao gênio da garrafa. Explique o motivo dos pedidos.
- Postagem do texto.

5º momento:

- Leitura e reflexão seguida de discussão pelo professor e alunos sobre a temática do poema: “Ser estudante” de Marina da Silva;
- Postagem de comentário pelos alunos acerca da mensagem do poema.

6º momento:

- Apresentação na sala de aula pelo professor do gênero textual “Poema” através do material da Olimpíada de Língua Portuguesa;
- Audição dos versos gravados pelos alunos semifinalistas e de alguns poemas de escritores contidos no material;
- Produção de um poema pelos alunos com o tema “O lugar onde vivo”;
- Reescritura do poema;
- Postagem da versão final do poema no grupo do *Facebook*.

7º momento:

- Discussão na sala de aula entre professor e alunos sobre o momento das eleições no Brasil e sobre os principais problemas existentes;
- Produção de texto realizada pelos alunos com base na seguinte pergunta: “Na sua opinião, qual o problema mais grave que o Brasil ou o Estado do Rio Grande do Norte enfrenta e o que você faria, se fosse governante, para solucionar tal problema?”;
- Postagem do texto no grupo do *Facebook*.

8º momento:

- Leitura iniciada na sala de aula e concluída em casa da obra impressa: "O maravilhoso mágico de Oz" de Lyman Frank Baum;
- Discussão sobre a temática abordada no livro: A importância de acreditar em si mesmo;
- Produção de texto com base nas "lições de vida" que a obra transmite;
- Postagem do texto.

9º momento:

- Leitura e discussão do conto "Negócio de menino com menina" de Ivan Ângelo;
- Produção de texto com base nas impressões sobre o mesmo;
- Postagem do texto.

10º momento:

- Apresentação da obra impressa "Histórias de fadas" do escritor irlandês Oscar Wilde, um livro de contos recomendado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, mas que não apresenta um final feliz como os outros contos;
- Leitura e discussão da obra;
- Proposta de produção textual com base num novo final para uma das quatro histórias: "O rouxinol e a rosa", "O príncipe feliz", "O gigante egoísta" e "O Amigo dedicado";
- Postagem da atividade no grupo.

11º momento:

- Leitura, discussão e reflexão de uma mensagem sobre o encerramento do ano letivo;
- Produção de uma mensagem de final de ano e sobre as impressões que tiveram acerca do ano letivo;
- Postagem da mensagem no grupo do *Facebook*.

Avaliação:

Os alunos serão avaliados a partir da observação de seus interesses e participação nas atividades propostas, bem como na observação do desempenho e progressão deles em relação aos conteúdos trabalhados.

3.6 Conclusão da intervenção

Com este trabalho, pretendemos dar um novo direcionamento às aulas de Língua Portuguesa bem como ao uso dos recursos tecnológicos e da rede social *Facebook* enquanto espaço de aprendizagem. Essa rede servirá como suporte para o desenvolvimento da prática da leitura e produção escrita.

A adesão a esta rede social deu-se pelo fato de alguns alunos/usuários dedicarem boa parte do tempo, inclusive o tempo em que eles se encontram na escola, em sala de aula, utilizando aparelhos tecnológicos conectados à internet e às redes sociais.

A utilização dessa ferramenta digital oportunizou a motivação dos alunos em participarem mais efetivamente das aulas e das práticas de leitura e escrita, que ora deixarão de ser realizadas e impressas no papel para serem realizadas no ciberespaço, como também, oportunizou a mudança de postura do professor, que passou a utilizar os recursos digitais agregando novos sentidos e possibilidades de ensino e aprendizagem e redimensionamento à sua prática docente.

Neste trabalho, destacamos a importância das interações sociais para o processo de ensino e aprendizagem que o uso da rede social *Facebook* promove. Para ir ao encontro com todas essas interações e transformações na maneira de ensinar-aprender que as tecnologias oportunizam, fez-se necessária uma intervenção no sentido de instigar os interesses dos alunos em participar das aulas de leitura e produção textual com o intuito de promover a aprendizagem e o sucesso escolar, integrando as práticas de leitura e escrita aos meios digitais.

Este trabalho é um chamamento ao estudo e à reflexão sobre o impacto que o uso das novas tecnologias, das redes sociais, bem como dos inúmeros gêneros discursivos/textuais causa no processo de ensino e aprendizagem, e destarte, na maneira de agir, pensar e interagir dos professores e alunos envolvidos neste processo. No capítulo a seguir, apresentaremos nossa análise.

4 A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NOS TEXTOS CONTIDOS NO GRUPO ESPAÇO DA APRENDIZAGEM

O escritor competente é aquele que consegue construir textos coesos, coerentes e eficazes. (GOMES, 2009, p. 147)

Neste capítulo, apresentaremos as análises e interpretações dos dados coletados na pesquisa. Com os dados coletados que formam o nosso *corpus*, discorreremos sobre os comentários dos alunos veiculados via *Facebook* por meio da ação interventiva.

Conforme mencionado anteriormente, nossa análise está ancorada nas categorias apresentadas por Koch (2009) e Cavalcante (2012) acerca da coerência textual. Koch (2009) aborda os seis tipos de coerência que favorecem a construção do sentido do texto: **coerência sintática, semântica, temática, pragmática, estilística e genérica**. Aqui, investigaremos se as produções textuais dos alunos apresentam ou não problemas quanto ao estabelecimento da coerência e analisaremos qual a maior incidência de incoerência. Os tipos de coerência são tema do primeiro tópico deste capítulo, cada um dos tipos correspondem a um subtópico.

No segundo tópico, nossa análise discorrerá sobre os quatro parâmetros de correção de textos sugeridos por Cavalcante (2012) que servem para avaliar os aspectos da coerência textual: **continuidade, progressão, não contradição e articulação**. Com base nestes aspectos, iremos analisar quais deles estão presentes nas produções textuais dos alunos. Este tópico será dividido em quatro subtópicos que correspondem a cada parâmetro.

No terceiro tópico, procuramos averiguar o **avanço do letramento alfabético e digital** nas atividades realizadas no *Facebook*.

A seguir, apresentamos o tópico inicial de nossa análise que se propõe a investigar se as produções textuais dos alunos apresentam problemas ou não quanto ao estabelecimento da coerência com base nos seis tipos de coerência.

4.1 Tipos de Coerência

4.1.1 Coerência sintática

De acordo com Koch (2009) a coerência sintática está associada ao conhecimento linguístico que os usuários possuem em adequar e ordenar os elementos da oração, como

também, os elementos coesivos, a fim de evitar construções ambíguas, contribuindo assim para o sentido do texto.

Sendo assim, esse tipo de coerência leva em consideração a seleção lexical e o emprego de artigos, pronomes, conectores etc., para se estabelecer uma relação de sentido no texto.

Os comentários que seguem foram produzidos com base na primeira atividade postada no *Facebook* no grupo ESPAÇO DA APRENDIZAGEM/ 6º ANO “B” 2014 WSV sobre a letra da música: “O Planeta Movido à Internet é Escravo da Tecnologia”, de “Os Nonatos”, em 21 de julho de 2014. A letra da música aborda a temática, como o próprio título já denuncia, o uso cada vez mais constante da tecnologia no dia a dia das pessoas, como veremos abaixo:

21 de julho de 2014

Paula Veronica Ferreira Rodrigues Rodrigues

Aí vai a primeira tarefa!

Façam um comentário a respeito da letra da música:

O Planeta Movido a Internet é Escravo da Tecnologia - Os Nonatos
 O visor como tela de TV,
 O teclado acessível como book
 Pra maiúsculo ou minúsculo é Caps "Look" (Lock)
 Pra mandar imprimir é Control P
 Com os micros' Samsung e LG e os programas que a Apple financia
 A indústria da datilografia nunca mais vai fazer máquina Olivetti
 E o planeta movido a internet é escravo da tecnologia
 Quem se pluga em milésimo de segundo
 E se conecta ao portal e seus asseclas
 Basta apenas tocar numa das teclas que o visor nos transporta a outros mundos
 Desde a terra dos solos mais fecundos
 Ao espaço onde o vácuo se inicia
 Quem formata depois cola, copia e prende o mundo na grade de um disquete
 O planeta movido a internet é escravo da tecnologia
 A indústria se auto-destruindo
 Descartou o compacto e LP
 Veio o surto da febre do CD e DVD mal chegou e já está saindo
 MD não há mais ninguém pedindo
 Nu" a DAT gravar ninguém confia
 Fita BASF tem pouca serventia e ninguém quer mais nem ver videocassete
 E o planeta movido a internet é escravo da tecnologia
 Brasil SAT é mais uma criação que nos nossos vizinhos deu insônia
 O Sivam espiona a Amazônia evitando que haja outro espião
 É por via satélite a transmissão que não tem transmissão por outra via
 Uma antena seqüestra a sintonia pra DirecTV, Sky e Net

O planeta movido a internet é escravo da tecnologia
 Transatlânticos no mar fazem cruzeiros
 E pelos micros das multinacionais
 Hoje tem conferências virtuais com os executivos estrangeiros
 O email é correio sem carteiros, tanto guarda mensagem como envia
 Os robôs usam chip e bateria e videogame é brinquedo de pivete
 E o planeta movido a internet é escravo da tecnologia
 Cibernética na prática e no papel deixa os seres online e ganham IBOPE
 Com Word tem Palm e laptop e ainda mais PowerPoint e Excel
 É possível quem mora em Israel pelo Messenger teclar com a Bahia
 Se os autômatos ganharem rebeldia tenho medo que a máquina nos delete
 O planeta movido a internet é escravo da tecnologia
 Pra prever terremotos e tufões os sismógrafos têm números numa escala
 E o trem-bala é veloz como uma bala numa linha arrastando dez vagões
 No Japão e na China as construções já suportam tremor e ventania
 Torre, ponte, edifício, rodovia são perfeitos do jeito da maquete
 E o planeta movido a internet é escravo da tecnologia
 Nosso pouso na lua foi suave, um robô foi a Marte e se deu bem
 Estão querendo ir ao Sol, mas o Sol tem de calor um problema muito grave
 Mas a NASA não tem espaçonave que suporte essa carga de energia,
 Se for feita de fibra, se desfia, e de alumínio o monstrengo se derrete
 O planeta movido a internet é escravo da tecnologia
 Motorola trocou técnica e conselho, Nokia e Siemens galgaram patamares
 Já estão fora de moda os celulares que têm câmera e visor infravermelho
 Reduzindo o tamanho de aparelho, a Pantech fez mais do que devia
 Que a memória de um chip não podia ser mais grossa que a lâmina de um Gillete
 E o planeta movido a internet é escravo da tecnologia
 Hoje a Bombardier não fere as leis e a Embraer mãe de Sênecas e Tucanos
 Invisível aos radares há dois anos, já existe avião que a Sukhoi fez
 É da Nasa o XA-43 que voando tem mais autonomia
 Um piloto automático opera e guia o Airbus e o 747
 O planeta movido a internet é escravo da tecnologia.

A primeira atividade realizada via *facebook* recebeu nove comentários. Destes comentários, selecionamos o recorte de quatro que apresentam problemas quanto à coerência sintática, tema deste subtópico. Ressaltamos, ainda, que estes comentários podem conter problemas quanto aos outros tipos de coerência, mas que neste subtópico, não serão apresentados. Vejamos:

COMENTÁRIO 1

[Ana Kátia Ferreira Silva](#) essa musica mostra um histórico que avançou, e mostra verdadeira tecnologia através de aparelhos eletrônico, e mostra que as pessoas estão mais dependente da internet.

Neste comentário, vemos que existem falhas quanto ao uso repetitivo da palavra (verbo) “mostra”, que poderia ser substituída por um sinônimo a fim de tornar o texto mais elaborado, menos cansativo e redundante.

Na segunda aparição da palavra “mostra”, percebemos a ausência de um artigo definido feminino singular para acompanhar a expressão “verdadeira tecnologia” que por sua vez, não foi bem construída no texto, pois não ficou claro o uso do adjetivo “verdadeira” para acompanhar o substantivo “tecnologia”, uma vez que acreditamos não haver tecnologia verdadeira ou falsa. O termo tecnologia, de acordo com o dicionário Aurélio Júnior (2005), significa “conjunto de conhecimentos, especialmente de princípios científicos, que se aplicam a um determinado ramo de atividade”. Portanto, a expressão “verdadeira tecnologia” é uma expressão que não tem relação com o contexto no qual está inserida e prejudica a construção do sentido do texto.

Percebemos ainda, neste comentário, que a incoerência sintática também acontece devido a falhas relacionadas à concordância nominal em dois trechos. No primeiro: “aparelhos eletrônico”, e no segundo: “as pessoas estão mais dependente”. Em ambos os casos, os adjetivos “eletrônico e dependente” não concordaram em número com os substantivos “aparelhos e pessoas”.

COMENTÁRIO 2

[Luan Matheus](#) Aletra dessa musica fala sobre a internet ela faz parte da nosa vida .Nós podemos falar com outro pessoas,podemos fazer compras.A tecnologia e a internet facilitam a nossa vida de estudante porquesar.Só temos que saber como usa-la para o nosso bem.

Neste comentário, a falha relacionada à coerência sintática ocorre devido à falta de pontuação adequada no trecho: “Aletra dessa musica fala sobre a internet ela faz parte da nosa vida.” Neste trecho, poderia ser usado um ponto final ou até mesmo uma vírgula para separar as orações, pois, como sabemos, a pontuação adequada em um texto pode tornar o sentido mais claro, e a falta dela pode ocasionar a falta de clareza nas ideias expostas.

Percebemos, também, falha no que se refere à concordância nominal na expressão: “outro pessoas” que é marcada pela inadequação do emprego do pronome indefinido variável “outro”, que não concorda nem em gênero e nem em número com o substantivo “pessoas”.

COMENTÁRIO 3

[Carol Almeida](#) a letra da musica fala sobre a tecnologia nao vivemos pois a tecnologia hj e'responsavel por maioria das coisas q hj vivemos pois o mundo é movido a internet

No comentário em questão, constatamos a ausência de termos como preposições, conjunções e até mesmo pronomes para compor a oração. No trecho: “a letra da musica fala sobre a tecnologia não vivemos”, percebemos que falta, além de elementos coesivos, acentuação e pontuação adequada para se estabelecer uma relação de sentido.

Neste trecho, ainda notamos o uso repetido da conjunção conclusiva “pois” que poderia ser substituída por outra conjunção para estabelecer a relação de conclusão a partir do que a autora do comentário afirma na oração anterior.

Verificamos, também, uma falha no que diz respeito ao emprego da preposição “por” no trecho: “e` responsavel por maioria das coisas” que não concorda em gênero com a palavra “maioria” e poderia ser substituída pela preposição “pela”.

COMENTÁRIO 4

[Herllon Maycon](#) o uso da tecnologia e muita e cada dia aumenta mais a tecnologia e muito utio para vida sores humanos eu uso a internet para tudo e tipo uma tarefa um trabalho de escola e nas escolas o uso da tecnologia vai ser muito boa para o mundo.

Ao observarmos o comentário acima, percebemos a ocorrência da incoerência sintática no trecho: “o uso da tecnologia e muita e cada dia aumenta mais”, que é marcada pela falha no uso da conjunção aditiva “e” ao invés do uso do verbo “é”, pela falha também no uso do advérbio de intensidade “muita” ao invés de “muito”. Neste caso, o advérbio adequado seria “muito” para se referir à palavra “uso”. Além disto, faltou o emprego de um adjetivo ou de outro advérbio para completar o sentido da oração e marcar a circunstância de intensidade que a oração expressa.

Identificamos no outro trecho do comentário: “a tecnologia e muito utio para vida sores humanos” que ocorreu, como no trecho acima, o uso do aditivo “e” no lugar de “é”; a troca de letra nas palavras “utio” e “sores”, ao invés de “útil” e “seres”, respectivamente, e a ausência da contração “dos” para ligar a palavra “vida” à palavra “seres”, estabelecendo assim a coesão textual e a relação semântica exigida pelo texto.

No trecho: “o uso da tecnologia vai ser muito boa”, percebemos mais uma vez uma falha relacionada à concordância nominal, pois foi empregado o adjetivo feminino “boa” para se referir à “tecnologia” e não ao “uso” havendo assim a não concordância de gênero. A sequência poderia ter sido construída assim: “o uso da tecnologia vai ser muito bom”.

Portanto, nos comentários analisados neste subtópico, vimos que a incoerência sintática ocorreu devido à utilização de recursos sintáticos inadequados, o que acabou comprometendo também a coerência semântica nos mesmos.

No subtópico a seguir, trataremos da coerência semântica nos comentários analisados.

4.1.2 Coerência semântica

A coerência semântica, segundo Koch (2009), requer que as palavras e expressões que formam o texto apresentem relações de sentido, ou seja, a coerência semântica está relacionada ao sentido/significado que as palavras expressam em cada situação.

Este tipo de coerência assegura que as ideias sejam desenvolvidas de maneira lógica e harmoniosa no texto, sem que haja contradições ou quebras de sentido. A falta de harmonia entre as ideias pode gerar contradições tornando o texto incoerente, marcando, portanto, a incoerência semântica.

Os comentários abaixo referem-se à segunda atividade postada no grupo ESPAÇO DA APRENDIZAGEM/ 6º ANO “B” 2014 WSV, envolvendo o gênero textual “Tiras”, em 24 de julho de 2014.

24 de julho de 2014

Paula Veronica Ferreira Rodrigues Rodrigues

- Demonstre o seu entendimento sobre esta tira.



Esta atividade com base no gênero discursivo/textual tira recebeu cinco comentários. A mesma foi realizada dando continuidade à temática abordada na atividade anterior sobre o uso da tecnologia. Destes comentários, iremos analisar os que nos possibilitem discorrer sobre a incoerência semântica. Neste caso, quatro comentários serão analisados.

A tira ou tirinha é um gênero discursivo/textual formado por uma sequência de quadrinhos marcados por um tom humorístico que alia a linguagem verbal e a não verbal e apresenta uma crítica social sobre algum assunto do cotidiano que esteja em discussão. Sua interpretação requer do interlocutor que ele realize inferências para facilitar o processo de compreensão textual, ou seja, por meio do contexto semântico, o conhecimento de mundo é exigido e ativado para que a compreensão possa se concretizar.

É necessário ressaltar que, em uma atividade de interpretação sobre o gênero discursivo/textual tirinha, seria imprescindível que os alunos acionassem seu repertório de ideias e relacionassem a linguagem visual à linguagem verbal para uma melhor compreensão do texto e, conseqüentemente, para a construção da coerência semântica, fato este, que como poderemos ver, basicamente, não aconteceu nos comentários a seguir:

COMENTÁRIO 5

[Herllon Maycon](#) pois se a tecnologia e tão eficiente que antes as pessoas antes precisavam ir a casa dos outro para conversa agora existe telefones e computadores e chates como facebook e orkut msn facilita nossa vida.

Neste comentário, podemos perceber que o autor falhou ao iniciar seu comentário apresentando uma condição: “pois se a tecnologia e tão eficiente”, condição esta que não se concretiza e não tem relação com o que ele afirma na oração seguinte: “agora existe telefones e computadores e chates como facebook e orkut msn”. A conjunção subordinativa condicional “se” não estabeleceu uma relação adequada entre as ideias apresentadas no comentário, ocorrendo desta forma uma quebra no sentido do texto.

Podemos também observar neste comentário que o autor não relacionou o texto verbal ao não verbal, requisito necessário para a interpretação do texto. Se a relação tivesse acontecido, o mesmo não teria concluído seu comentário afirmando: “agora existe telefones e computadores e chates como facebook e orkut msn facilita nossa vida”, afinal, não é esta a mensagem, a crítica que o texto transmite.

Neste caso, o autor do comentário apresentou ideias contraditórias àquelas apresentadas pelo texto em estudo, marcando assim a incoerência semântica.

Observemos agora os três comentários que seguem:

COMENTÁRIO 6

[Luan Matheus](#) a tecnologia e tão eficiente que antes as pessoas antes precisavam ir a casa dos outro para conversa agora existe telefones e computadores e chates como facebook e orkut msn facilita nossa vida

COMENTÁRIO 7

[Ana Kátia Ferreira Silva](#) a tecnologia está evoluída que as pessoas não precisa mais conversa cara a cara por que agora existe celular, computador,e as redes sociais como Facebook , Twitter que pode facilita mais a comunicação das pessoas.

COMENTÁRIO 8

[Robison Elias](#) a tecnologia estar tam envouvente porque nao precisamos mais falar cara a cara porque existe o telefone e outros meios de nos comunicar para conversamos ao telefone ou pelo facebook ou pelo twitter pode facilitar mais a comunicacao das pessoas

Nestes comentários, constatamos que houve a apropriação do discurso alheio, no caso em questão, o discurso contido no comentário 5. O comentário 6 foi o que mais se apropriou do comentário 5, foi basicamente um copiou e colou. Já os comentários 7 e 8 mudaram apenas algumas palavras de um comentário para o outro: “evoluída/envouvente”; “conversa/falar”; “celular/telefone”, ou seja, foram usados sinônimos, mas o teor do comentário foi o mesmo. Nenhum deles também interpretou ou fez relação entre as imagens e o texto verbal para assimilarem o sentido, a crítica contida na charge.

Apesar do tema já ter sido bastante discutido e trabalhado e fazer parte do cotidiano e da atualidade, pois é a segunda atividade que envolve a temática tecnologia, os alunos, como mostram os quatro comentários, não assimilaram e nem captaram o seu teor crítico, não extraíram os elementos necessários para sua compreensão.

Podemos constatar, desta forma, que os comentários realizados nesta atividade com base no gênero textual tirinha, apresentaram incoerência semântica por haver relações confusas e contraditórias entre as ideias apresentadas e por não estarem associadas ao texto base. Além disso, os alunos não acionaram, por meio do contexto semântico, o conhecimento de mundo necessário à interpretação.

Dando continuidade à nossa análise, discorreremos no subtópico a seguir, sobre a coerência pragmática.

4.1.3 Coerência pragmática

Em conformidade com o que aponta Koch (2009), a coerência pragmática relaciona-se aos atos de fala dos interlocutores e às suas condições de realização dentro de um contexto específico. Assim, em uma situação de interação, aquilo que é transmitido, seja através da fala ou através da escrita, deve fazer sentido e estar de acordo com a situação e a finalidade de sua produção.

A coerência pragmática está subordinada à maneira como os interlocutores reagem em uma dada situação de comunicação, ou seja, ela depende do entendimento, das inferências realizadas, da maneira como determinado texto é interpretado pelos interlocutores.

Se a sequência de atos da fala for quebrada e não apresentar mais uma continuidade de sentidos, ocorrerá, desse modo, a incoerência pragmática.

As produções textuais apresentadas a seguir foram produzidas tendo como base a continuação de um texto narrativo. As mesmas foram postadas nos dias 6 e 7 de agosto de 2014 como veremos:

Paula Veronica Ferreira Rodrigues Rodrigues

5 de agosto de 2014

Galerinha, aí está a proposta de produção de texto para hoje. Usem bem a criatividade para realizá-la!

Um menino seguia por uma estrada, quando viu, à beira do caminho, uma garrafa de formato estranho. Lembrou-se das histórias que ouvira sobre garrafas mágicas, com gênio dentro, que atendia a três pedidos de quem o libertasse.

Imediatamente o garoto começou a listar os seus desejos e necessidades, mesmo sem ter aberto a garrafa...

ESCREVA UMA HISTÓRIA COM COMEÇO, MEIO E FIM, NA QUAL VOCÊ OU UM PERSONAGEM CRIADO POR VOCÊ APRESENTARÁ TRÊS PEDIDOS AO GÊNIO DA GARRAFA. EXPLIQUE O MOTIVO DOS PEDIDOS.

BOA PRODUÇÃO PARA VOCÊS!

Foram realizadas sete produções de texto com base na proposta apresentada: uma narrativa com começo, meio e fim, na qual fosse apresentado três pedidos ao gênio da garrafa e explicasse o motivo de cada pedido.

Uma narrativa é um tipo de texto que conta fatos obedecendo a uma sequência de ações que estão relacionadas a determinados acontecimentos, sejam estes reais ou irreais.

Então, para que este tipo de texto apresente algum sentido, faz-se necessário que nele estejam presentes alguns elementos essenciais, tais como: narrador, personagens, espaço, tempo e enredo.

Tomando como base este conceito de narrativa e o da proposta de produção apresentada, vemos que as produções a seguir apresentam problemas quanto à coerência pragmática, por não estarem adequadas ao tipo de atividade que foi proposta. Para esta análise, utilizamos um recorte de 04 comentários. Vejamos:

COMENTÁRIO 9

[Luan Matheus](#) Em um dia um menino andado por uma estrada encontrou uma garrafa e parou para ver o que e ela tinha dentro. Ele pensou na historia que a vo dele contou sobre genio da garrafa que realizava desejos. Então começou a esfregar a garrafa com a intenção de ver o genio sair de dentro. de tanto esfregar a garrafa saiu um genio , ele pediu vários brinquedos, saúde para sua família e um milhão de amigos para poder brincar. o genio resolveu conceder os pedidos do menino porque viu que ele era solitário como ele. E todos foram felizes.

Percebemos neste comentário que, apesar de estarem presentes os elementos essenciais de uma narrativa: narrador, personagens, espaço, tempo e enredo, o mesmo apresenta falhas quanto à coerência pragmática por não ter sido explicado o motivo dos pedidos, como foi solicitado na postagem. O que o autor do comentário fez foi dizer porque o gênio lhe concedeu os pedidos: “o gênio resolveu conceder os pedidos do menino porque viu que ele era solitário como ele”.

Neste caso, o autor do comentário 9 não apresentou apropriadamente as condições exigidas na situação comunicativa. Desta forma, por ter sido ignorada a proposta de apresentar os motivos dos pedidos, foi constituída, neste comentário, a incoerência pragmática.

COMENTÁRIO 10

[Ana Kátia Ferreira Silva](#) um dia uma menina andando por um caminho ela viu uma garrafa na beira do caminho de uma forma estranha com alumínio e ai ela lembrou-se de uma historia que a mãe contava para ela dormir.

Constatamos, neste comentário, que ocorreu a incoerência pragmática porque não houve obediência/adequação ao que foi proposto na atividade em questão: “uma história com começo, meio e fim”. A autora não desenvolveu seu texto como podemos ver: “um dia uma menina andando por um caminho ela viu uma garrafa na beira do caminho de uma forma estranha com alumínio e ai ela lembrou-se de uma historia que a mãe contava para ela dormir.”

Além de não ter dado continuidade a sua narrativa, a autora também não chegou a apresentar a sequência de ideias contidas no texto base, no qual ela iria continuar acrescentando o que lhe fora solicitado: “apresentar três pedidos ao gênio da garrafa” e finalizá-lo explicando: “o motivo dos pedidos”.

Portanto, não foram cumpridas as condições para a realização da proposta de produção do texto, pontuando, assim, a incoerência pragmática.

COMENTÁRIO 11

[Robison Elias](#) certa vez um menino foi a casa de sua vò perto de um banco. Ele chegou la e se divertiu brincou mas na hora de dormir o vò dele contou-lhe uma historia de uma garrafa da cor de ouro que tinha um genio dentro Logo amãheceu e ele foi brincar e quando chegou a tarde ele foi embora .Ele estava andando em uma estrada perto de um rio ele viu uma garrafa da cor de ouro com uma fumaça estranha dento ele foi abrir e apareceu um genio que lhe concedia tres desejos e foi correndopara casa e se alegrou muito ele pediu que tiverse felicidade, uma familia elege e que ajude a todo a minha familia e que desse saude a ela

O comentário 11, assim como o comentário 9, conduziu sua história apresentando os principais elementos exigidos em uma narrativa, porém, não seguiu o que foi solicitado na proposta de produção: “explicar o motivo dos pedidos”.

Percebemos ainda, no comentário em análise, que o mesmo não apresentou, como foi exigido, um final para sua narrativa. O autor encerra seu texto apresentando os seus pedidos: “ele pediu que tiverse felicidade, uma familia alegre e que ajude a todo a minha familia e que desse saúde a ela”, mas não deu sequência, interrompendo desta forma a narrativa.

O fato do autor não ter apresentado um desfecho para sua narrativa fez com que, assim como nos comentários 9 e 10, o comentário 11 apresentasse incoerência pragmática por não ter cumprido com as exigências do gênero textual em questão.

COMENTÁRIO 12

[Junior Roots](#) É preciso sivedicar na escola pra vencer...

Este comentário foi o que mais nos chamou a atenção pelo fato do comentarista ter ignorado totalmente o que foi exigido como proposta de produção. Vemos claramente aqui a manifestação da incoerência pragmática, pois de acordo com o que foi solicitado, este autor não relacionou seu texto e nem obedeceu às condições exigidas para sua realização.

O autor desconsiderou ou não foi capaz de dar continuidade à narrativa, pois expressou em seu comentário ideias que não estavam de acordo com o que era expresso no texto base, apresentando falha referente à situacionalidade.

Diferente dos comentários 9, 10 e 11, o comentário 12 não chegou nem a se referir a uma narrativa. Aqueles apresentaram em suas produções os elementos pertencentes a uma narrativa, este, por sua vez, não fez menção alguma.

Portanto, este comentário, como podemos ver, de acordo com a situação comunicativa, é pragmaticamente incoerente.

No subtópico a seguir, trataremos sobre a coerência temática.

4.1.4 Coerência temática

A coerência temática para Koch (2009) refere-se ao fato de que os enunciados que compõem um texto sejam coerentes e se relacionem ao tema em composição, ou seja, o texto deve apresentar frases que contribuam e sejam relevantes para o desenvolvimento da sequência lógica das ideias defendidas ao longo dos enunciados.

Este tipo de coerência permite a utilização no texto de inserções explicativas, paráfrases e retrospectos para que seja possível ao interlocutor construir a compreensão e o sentido do texto. Quando as informações contidas no texto não estão relacionadas ou não são relevantes e coerentes com a temática abordada, ocorre a incoerência temática.

Os comentários analisados a seguir foram realizados com base no poema: “Ser estudante” de Marina da Silva, postado no grupo do *Facebook*, em virtude da comemoração do dia do estudante. O mesmo abordava a temática sobre o papel do estudante, como o próprio título já anunciava. Vejamos:

Paula Veronica Ferreira Rodrigues Rodrigues

14 de agosto de 2014

Mesmo um pouco atrasado, deixo esse lindo poema para que vocês possam refletir e comentar.

SER ESTUDANTE

Se quiseres ser um verdadeiro estudante

Não aprenda só o superficial,

Pois o difícil pode se tornar barreira vencida.

Para aquele cujo momento chegou agora, nunca é tarde demais!

Aprender o ABC não basta, mas aprenda-o.

Procura na escola o que deseja para tua vida,

Pois ela te recolherá, orientará, dirigirá.

Confia nos teus mestres: eles não te decepcionarão.

Se não tens teto, cobre-te de saber,

De vontade, de garra.

Se tens frio, se tens fome,

Agarra-te ao livro: ele é uma boa arma para lutar.

Se te faltar coragem,

Não tenha vergonha de pedir ajuda.

Certamente haverá alguém para te estender a mão.

Sê leal, fraterno, amigo, forte!

Nunca te deixes ser fraco, desleal, covarde.

Pois tu, jovem estudante,

tens que assumir o comando do teu país.

Respeita para ser respeito.

Valoriza para ser valorizado.

Espalha amor para seres amado.

Não tenhas medo de fazer perguntas:

toda a resposta terá sentido.

Não te deixes influenciar por pensamentos alheios ou palavras bonitas.

Tenha a tua própria linguagem (aperfeiçoa-te).

Quando te deparares com a injustiça, a impunidade, a corrupção,

a falta de limites, o abuso de poder,

Pensa na existência de tudo o que te cerca.

Busca o teu ideal e lembra: um valor não se impõe, se constrói.

Não faça do teu colega, uma escada para subir.

Isto é imoral e a imoralidade não faz parte da tua lição.

Autora: Marina da Silva

Essa postagem recebeu nove comentários entre os dias 14 e 19 de agosto, dos quais fizemos um recorte de quatro, observando a categoria de Koch (2009) sobre a coerência temática, assunto abordado neste subtópico.

Nesta atividade, era solicitado aos alunos que, após a leitura do poema, eles refletissem e apresentassem um comentário sobre o mesmo. Era esperado nesta atividade que os alunos ao fazerem seus comentários, se posicionassem de maneira expressiva e pertinente, afinal, o assunto do poema fazia parte da realidade de cada um e todos poderiam fazer uma análise com base na sua realidade, ou seja, todos eram estudantes, e como tais tinham algo de

significativo a expor, no entanto, esse desejo não foi concretizado. Os alunos não apresentaram em seus comentários uma progressão temática adequada, como poderemos ver a seguir:

COMENTÁRIO 13

[Alvaro Jackson](#) e um texto muito refletivo que fala das coisas que vc tem que lutar para ter o que vc quer no estudor

O autor do comentário 13 inicia seu texto afirmando que o poema em apreciação é muito reflexivo: “e um texto muito refletivo”, porém, percebemos que o aluno não apresentou argumentos consistentes em seu comentário que explicassem como esse texto era reflexivo. O comentarista se limitou a dizer somente que: “fala das coisas que vc tem que lutar para ter o que vc quer no estudor”, mas não cita que coisas são essas. Acreditamos também que o mesmo confundiu-se ao utilizar a palavra: “estudor”, ao invés de “vida”.

Desse modo, percebemos que esta colocação não apresentou ideias claras e pertinentes sobre o tema proposto. O aluno não foi capaz ou não quis dar continuidade e progressão ao seu comentário, fazendo com que ocorresse em sua produção a incoerência temática, pois não foram expostas ideias suficientes sobre o tema proposto.

COMENTÁRIO 14

[Junior Roots](#) Essi texto mostra a verdade dos guerreiros qui querem vemcer na vida..

[Junior Roots](#) "Nós estudantes vivemos em busca da sabedoria, portanto devemos ter a sede do saber!"

O aluno comentarista em questão apresenta duas construções sobre a atividade proposta. Na primeira delas: “Essi texto mostra a verdade dos guerreiros qui querem vemcer na vida..”, podemos observar que faltam informações a respeito de que “verdade” é essa e quem são os “guerreiros”. Não houve, nesta colocação, uma relação com o título ou com o tema do texto, como também não houve a presença de conteúdos coerentes que fizessem com que o leitor percebesse a temática presente no texto.

Na segunda colocação: “Nós estudantes vivemos em busca da sabedoria, portanto devemos ter a sede do saber!”, percebemos que foi uma colocação mais elaborada, que fez

relação ao título e ao tema em estudo, apontando assim para a coerência temática e que estava de acordo com as exigências gramaticais, se compararmos com a primeira colocação, porém, constatamos que o aluno comentarista copiou e colou este pensamento de uma página da internet. Este pensamento é de autoria de Merari Tavares e foi localizado em pensador.uol.com.br/frase/Njg2MzgZ/.

Portanto, percebemos neste comentário que o aluno não foi capaz de produzir seu texto utilizando as ideias e informações contidas no texto base ou mesmo relacionar seu comentário à sua vida de estudante, como forma de marcar a coerência temática na sua construção textual.

COMENTÁRIO 15

[Luan Matheus](#) O poema fala sobre o papel do estudante. Para ser um estudante seeeeeeeeeeeeeer educadosprecisa

O autor do comentário 15 inicia seu posicionamento em relação ao poema em apreciação apresentando claramente a temática abordada no texto: “ O poema fala sobre o papel do estudante.” A apresentação do tema no início do texto nos faz entender que o poema foi lido, refletido e assimilado pelo aluno. Entretanto, o autor quebrou totalmente a nossa expectativa, a lógica e a progressão do texto ao não concluir a segunda frase e, conseqüentemente, o texto: “Para ser um estudante seeeeeeeeeeeeeer educadosprecisa”. Diferente da primeira frase, que tinha um sentido completo, esta não apresenta sentido e nem progressão textual, não apresenta informações e nem argumentos que ajudem o leitor a compreender o texto, ou seja, nesta frase, o autor do comentário não se fez entender promovendo, desta forma, a incoerência temática.

COMENTÁRIO 16

[Ana Kátia Ferreira Silva](#) O poema fala que se o estudante quiser ser um verdadeiro estudante e preciso aprender mais a educação.Pois o difícil pode se torna uma barreira vencida.Aquele que chegou agora, e nunca e tarde demais para aprender a ser um estudante com vontade estuda e para ser um estudante respeitado tem que aprender a respeita os mais velhos, para que seja respeitado também.E para também um grande futuro pela frente.

O comentário 16, por sua vez, foi construído a partir de trechos que foram copiados parcialmente do texto base. Apesar de este comentário apresentar o maior número de linhas, fato que a princípio nos levou a crer que o mesmo apontasse para uma progressão temática em relação aos demais, ele foi mal construído por conter frases soltas, desconexas e destituídas de informações que não denotam o menor sentido e não contribuem para a sequência lógica do texto.

Percebemos a falta de ideias consistentes sobre o tema na frase inicial do comentário: “O poema fala que se o estudante quiser ser um verdadeiro estudante e preciso aprender mais a educação”. O autor não deixa claro o que é preciso para ser um estudante.

A cópia quase que total de um trecho do poema foi acrescentada a outros trechos que não expressam nenhuma informação pertinente sobre a temática em questão: “Aquele que chegou agora, e nunca e tarde demais para aprender a ser um estudante com vontade estudae para ser um estudante respeitado tem que aprender a respeita os mais velhos”. Não foi revelado, neste trecho, nenhuma organização temática ou ideia coerente que produzisse sentido.

Assim sendo, as ideias neste comentário, de um modo geral, não foram organizadas e nem relacionadas umas às outras de modo que fosse estabelecido o sentido e a coerência temática.

No subtópico seguinte, discutiremos sobre a coerência estilística.

4.1.5 Coerência estilística

Conforme aponta Koch (2009), a coerência estilística se refere à maneira como a linguagem empregada no texto é adequada a cada situação de comunicação, isto é, o produtor de texto deverá apropriar a linguagem a ser utilizada, se formal ou informal, dependendo do contexto ou da intenção comunicativa.

Nos usos formais da língua, o produtor do texto deve ter a preocupação com o léxico e com a sintaxe, evitando o uso de gírias e palavras impróprias. No contexto informal, essa preocupação é dispensada. Quando esta condição de adequação não é respeitada, embora o texto apresente sentido, do ponto de vista da coerência como princípio de interpretabilidade, ocorre a incoerência estilística.

Para discorrermos sobre esta categoria, temos dois comentários, o comentário 17, produzido para responder à primeira atividade postada no grupo do *Facebook*, a qual tinha como proposta que se fizesse um comentário a respeito da letra da música: “O Planeta

Movido à Internet é Escravo da Tecnologia” de “Os Nonatos”, e o comentário 18, produzido para responder à quarta atividade postada, realizada com base na reflexão do poema: “Ser estudante” de Marina da Silva. Vejamos os dois comentários:

COMENTÁRIO 17

[Junior Roots](#) Sangue Novo é sempre bom RAZÕES óbvias e necessários por estas e outras jovens Estudantes e também os produtivos DE PASSADOS ATUAL das ECONOMIAS BRASIL,FAZ BEM reler DIARIAMENTE.

Neste comentário, o autor inicia sua observação acerca da letra da música com o uso da gíria: “Sangue Novo”. Esta é uma expressão que, de acordo com o *site* www.dicionarioinformal.com.br, não possui nenhuma definição, mas de acordo com o nosso conhecimento de mundo, quer dizer: “pessoa iniciante em algo”, definição esta que não se relaciona e nem é apropriada ao contexto.

Levando em consideração o que frisa Koch (2009) sobre a coerência estilística, no qual ela aponta que o produtor de texto deve adequar a linguagem a ser utilizada de acordo com a situação, o comentário em questão é incoerente estilisticamente, pois para o contexto em que foi produzido, a apreciação da letra de uma música, a expressão em destaque não é própria e nem coerente, ainda que este comentário tenha sido realizado via *Facebook*, onde sabemos que a linguagem escrita é utilizada de maneira mais despreocupada.

Percebemos, ainda, que o restante do comentário também apresenta problemas quanto aos outros tipos de coerência por ser formado por frases soltas que não evidenciam sentido algum e nem remetem ao tema em questão.

COMENTÁRIO 18

[Carol Almeida](#) Esse texto significa, que sem a escola nois nao seriamos ningem pois sem a escola a nigem vive por que nois sem a escola seriamos segos e pois qem nao sabe ler hj e sego ; a vida regise de leitura e sem leitura ningem vivi e o texto fala que a gente tem que levantar a cabeça e seguir em frente pois a vida nao e so de brincadeira e sim nois todos temos um futuro ; na frente de nossas cabeças e seremos os futuro desse pais entao nois iremos se dedicarn mais pra sermos algem nessa vida ; pois algumas pessoas pensam q a vida e uma brincadeira pra nao estuda e vao pra escola so pra brincar ; e fazer coisa errada por que pensam que nai vao ter um futuro daqui pra frente eu penso em ter um futuro mas algues nao por que pensam em brincar.

Este comentário, por sua vez, apresenta marcas que fogem do estilo formal do uso da linguagem, o qual era para ter sido utilizado neste contexto. O texto é formado por palavras com aumento de letras ou com abreviações: “nois” que foi escrito com acréscimo de um “i” para evitar o acento agudo e “hj” forma reduzida da palavra “hoje”, o chamado internetês, que é a linguagem utilizada no mundo *online* para agilizar a interação entre os seus adeptos. Embora o comentário tenha sido realizado em um grupo no *Facebook*, contexto no qual este tipo de linguagem é permitida, percebemos que além deste tipo de linguagem, foi utilizada também a variante coloquial em vários trechos do comentário: “a gente” no lugar de “nós”, a forma contraída “pra” no lugar de “para”, “nigem”, “algem”, a expressão popular “ quem não sabe ler hj e sego” sem nenhum tipo de observação/ressalva sobre a mesma, entre outros desvios da língua padrão.

Percebemos no comentário em análise que, assim como no comentário 17, há vários problemas que abrangem os outros tipos de coerência e que a incoerência estilística ocorre devido à variação de estilo que a autora utiliza na sua linguagem, ora trechos formais, ora trechos informais.

Portanto, por não apropriarem o tipo de linguagem à situação comunicativa, os dois comentários são incoerentes estilisticamente.

A seguir, discorreremos sobre a coerência genérica, último tema desta categoria.

4.1.6 Coerência genérica

Koch (2009) relaciona este tipo de coerência às determinações do gênero textual. Cada gênero textual é marcado por suas especificidades e exigências que levam em conta o conteúdo do enunciado, a intenção comunicacional, o tema, o estilo e suas condições de produção. Dessa forma, por exemplo, um texto definido como poema será composto por estrofes e versos e não por parágrafos.

Neste subtópico, não mais abordaremos a incoerência, como vínhamos discorrendo nos subtópicos anteriores, mas sim a coerência, neste caso, a coerência genérica estabelecida em quatro poemas realizados para a Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, com o tema “O lugar onde vivo”. Estes textos foram selecionados e divulgados porque entre todos os outros produzidos pela turma, num total de vinte seis, os quatro autores faziam parte do grupo de nove alunos envolvidos na pesquisa. Vale aqui salientar que esta atividade foi a única postada depois de ter sido realizado o trabalho de reescrita com base na mediação do

professor, tendo em vista as exigências da Olimpíada. Vamos então à análise dos poemas produzidos para responder à quinta atividade postada no grupo do *Facebook*.

POEMAS DA OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Herllon Maycon

2 de setembro de 2014 · Alexandria (Rio Grande do Norte)

Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o futuro.

O lugar onde vivo

A POUCO TEMPO

Moro em Alexandria
cidade que aprendi a amar
não é minha terra natal
mas amo este lugar.

Estou aqui a pouco tempo
e já aprendi a admirar
essa cidade tão linda
do sertão potiguar.

Gosto da escola que estudo
da praça que me divirto
dos amigos com quem apronto
e que a pouco tempo convivo.

É uma pena que no fim do ano
dessa cidade vou partir
mas vou levar comigo
as lembranças daqui.

Luan Matheus

2 de setembro de 2014

Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o futuro.

O lugar onde vivo

O MEU LUGAR

O lugar onde vivo
se chama Alexandria
é uma cidade simples
de encantos e harmonia.

aqui tem uma feira livre
com muitas variedades
qualquer coisa que quiser
você encontra na cidade.

aqui tem muitas praças lindas
que a noite vem gente passear
tem rapazes e garotas lindas
que vem para namorar.

Não saio desse lugar
que me encanta noite e dia
para sempre quero viver
na minha linda Alexandria.

Robison Elias

2 de setembro de 2014

Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o futuro.

O lugar onde vivo

A minha cidadezinha

A minha cidade
é chamada Alexandria
tem um povo muito alegre
que vive em harmonia.

Alexandria é um lugar
cheio de simpatia
seus habitantes exercem
a sua cidadania.

Aqui todos se respeitam
e vivem como irmãos
cuidam bem das árvores
não jogam lixo no chão.

Fazem bem o seu papel
de serem bons cidadãos
e para ajudar a cidade
todos unem as mãos.

Ana Kátia Ferreira Silva

2 de setembro de 2014

Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o futuro.

O lugar onde vivo

Alexandria ou Terra da Barriguda

É simples e acolhedor
o lugar onde vivo
é uma cidade do interior
de um povo sofrido.

Alexandria ou terra da Barriguda
você escolhe como chamar
a primeira maravilha
do interior potiguar.

Aqui tem várias igrejas
para o povo rezar
tem também muitas praças
para os jovens namorar.

Não saio desse lugar
aqui eu vou ficar
nessa cidade querida
para sempre quero morar.

Ao analisarmos os textos em questão, percebemos que todos respondem às exigências do gênero discursivo/textual poema, uma vez que cumprem com as especificidades deste tipo de texto. Os quatro poemas apresentados desenvolveram ideias e se reportaram em torno do tema “O lugar onde vivo”, pois expressaram um olhar peculiar sobre a realidade local, respeitaram a estrutura do poema, estrofes, versos e rimas, estão adequados linguisticamente, seguindo uma mesma variedade e apresentando pontuação apropriada.

Cada título dos poemas observados chama a atenção do leitor para o que vai ser retratado de maneira mais detalhada no poema, ou seja, os títulos sugerem e apresentam o lugar onde vivem: “A pouco tempo”, demonstra a admiração pelo lugar apesar de morar nele a pouco tempo; “O meu lugar”, retrata os encantos que o lugar tem; “A minha cidadezinha”, demonstra como todos os cidadãos cuidam da cidade e “Alexandria ou Terra da Barriguda” apresenta as características do lugar. Todos os poemas destacam e remetem a um aspecto específico da cidade.

Apesar de os alunos não terem empregado nos seus textos figuras de linguagens como metáfora, comparação, personificação, ou outros recursos poéticos estudados nas oficinas realizadas durante as aulas, a fim de aprimorá-los, percebemos que isso não atrapalhou na unidade do sentido do texto, pois todos estavam adequados ao tema e ao gênero textual e, por conseguinte, a coerência genérica.

Portanto, vimos que todos os quatro poemas, assim como também os comentários analisados nos outros tipos de coerência, se adequaram à situação de produção e a organização textual, requisitos necessários para a ocorrência da coerência genérica.

Seguindo com o que propusemos como objetivo, ao fazermos a análise dos textos e verificarmos que estes apresentam problemas quanto ao estabelecimento da coerência textual, podemos também apontar, como mostra o gráfico a seguir, qual a maior incidência de incoerência que estes textos evidenciam: sintática, semântica, pragmática, temática, estilística ou genérica.

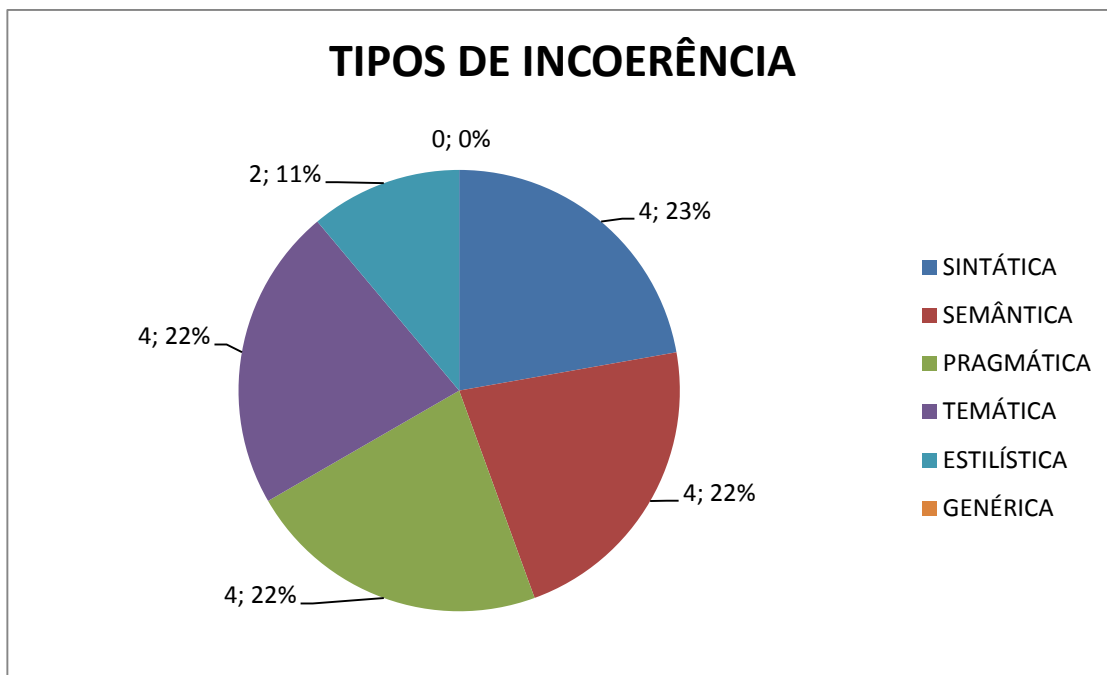


GRÁFICO 3: Quantidade de textos e porcentagem referentes aos tipos de incoerências

De acordo com o exposto no Gráfico 3, percebemos que as produções textuais produzidas pelos alunos (separadas por ponto e vírgula da porcentagem, como mostra o gráfico) apresentam problemas de ordem sintática, semântica, pragmática e temática na mesma proporção, em seguida, aparecem os problemas de ordem estilística. Quanto à coerência genérica, não houve nenhuma produção que fugisse às exigências desse tipo de coerência, ou seja, que não obedecesse às características do gênero textual proposto.

Os problemas relacionados à coerência sintática atingiram 23% e envolveram usos inadequados dos meios sintáticos, isto é, houve falta de concordância nominal, falta de elementos coesivos, uso inadequado de pronomes, ausência de artigos e uso repetido de palavras.

A incoerência semântica, por sua vez, configurou-se nos textos dos alunos por meio de contradições e relações confusas entre as ideias apresentadas. Estes problemas apontaram um índice de 22%.

A incoerência pragmática foi registrada pela falta de adequação ao tipo de atividade proposta, ou seja, não houve o cumprimento das condições exigidas na situação comunicativa. Estas falhas assinalaram 22%.

Os dados também apontaram indícios de 22% para problemas relacionados à coerência temática. Estes foram assinalados nos textos pela falta de progressão temática, por

construções que não contribuíam para a sequência lógica entre as ideias, isto é, por apresentar ideias que não eram coerentes com o tema.

Os problemas relacionados à coerência estilística atingiram uma porcentagem menor, 14%. Estes problemas dizem respeito ao uso de gírias, desvios relacionados à norma padrão e de mistura/variação entre os estilos de linguagem, como o uso de construções coloquiais e padrão em um mesmo contexto.

Referente à coerência genérica, dos quatro poemas analisados, nenhum deles apresentou problemas quanto a esta categoria, tendo em vista que os mesmos passaram pela etapa da reescrita com a intenção revê-los e de aprimorá-los, obedecendo aos requisitos de revisão do texto da Olimpíada de Língua Portuguesa. Além dos poemas, os outros textos (comentários) analisados nesta categoria estão adequados às determinações do gênero discursivo/textual comentário.

É importante destacar que a maioria dos textos analisados apresentaram falhas referentes à pontuação, acentuação e ortografia, entre outros problemas de ordem gramatical, mas nem todos não foram destacados e nem classificados como problemas referentes a algum dos tipos de coerência.

Sendo assim, podemos concluir que estas produções textuais dos alunos que participam do grupo ESPAÇO DA APRENDIZAGEM/ 6º ANO “B” 2014 WSV, apresentam problemas quanto ao estabelecimento da coerência textual e que a maior incidência de incoerência é de ordem sintática, semântica, pragmática e temática. Acreditamos que essas falhas são resultantes da falta de mobilização sobre os diferentes tipos de conhecimento como o linguístico, o textual, o cultural, o social, o cognitivo e o de mundo, pois como afirma Cavalcante (2012, p. 18):

Para compreender e produzir qualquer texto, é necessário mobilizar conhecimentos, não apenas linguísticos, mas também todos os outros conhecimentos adquiridos com a convivência social, que nos informam e nos tornam aptos a agir nas diversas situações e eventos da vida cotidiana.

Isso quer dizer que a coerência de um texto não está só na sua unidade semântica ou pragmática. É necessário que o aluno/leitor/produtor considere também, além desses fatores, a interação entre o autor/texto/leitor para a construção do sentido do texto.

Acreditamos ainda que o trabalho voltado para o desenvolvimento da capacidade leitora e escritora dos alunos, que englobe vários gêneros discursivos/textuais, pautados em

objetivos claros e em contextos reais de interação, contribuem para a construção de textos mais significativos.

Depois de analisarmos os tipos de incoerência nos textos que compõem parte do nosso *corpus*, iremos, a partir de agora, voltar nossa atenção para nossa segunda categoria de análise, os quatro parâmetros de correção de textos sugeridos por Cavalcante (2012) para avaliar os aspectos da coerência textual: continuidade, progressão, não contradição e articulação, nos textos produzidos via *Facebook*.

4.2 Aspectos da coerência

4.2.1 Continuidade

De acordo com os fatores de textualidade apontados por Cavalcante (2012), para que um texto seja considerado coerente é necessário que ele apresente continuidade, pois esta é uma das condições mais importantes da coerência.

A continuidade em um texto se dá pela recuperação das ideias e conceitos nele expressos, por meio de repetições, ou seja, a retomada do tema no decorrer do texto garante que ele apresente sequência. Portanto, no desenvolvimento de um texto, deve haver sempre o retorno às ideias já expressas para que ocorra a continuidade dos sentidos.

Para discorrermos sobre essa categoria, temos três comentários. Selecionamos apenas os que julgamos mais relevantes para a análise desta categoria e por apresentarem temáticas diferentes: seca, segurança e educação. As produções fazem parte da sexta atividade realizada pelo grupo e foram realizadas no período das eleições de 2014. A atividade tinha como proposta que o aluno apresentasse um problema, que o Brasil ou o Estado enfrentava, e uma solução para resolvê-lo. Vejamos:

Paula Veronica Ferreira Rodrigues Rodrigues

18 de setembro de 2014

Na sua opinião, qual o problema mais grave que o Brasil ou o Estado do Rio Grande do Norte enfrenta e o que você faria, se fosse governante, para solucionar tal problema?

COMENTÁRIO 19

[Robison Elias](#) O problema mais grave que atinge o rio grande do norte e a seca. A seca esta afetando todo o estado nordestino mas eu acredito que isso vai mudar. Se eu fosse governante faria reservatorios de água, represas o que fosse preciso para resolver essa situação e garanti a água durante o periodo da seca.

O comentário acima tem como tema central “a seca”. O autor desenvolve seu texto apresentando uma sequência de ideias que retomam a temática abordada através de recursos linguísticos como a repetição: “seca/seca”; hiponímio: “rio grande do norte/estado nordestino”; sinônimo: “reservatorios de água/represas” e de referências anafóricas: “a seca/isso”, “a seca/essa situação”.

Constatamos, assim, que o uso desses elementos está garantindo a sequência lógica e o desenvolvimento linear das ideias e informações em torno do referente expresso no texto.

COMENTÁRIO 20

[Herllon Maycon](#) o problema mais grave que o país enfrenta é em relação a educação. Se eu fosse presidente iria dar mais atenção a educação, pois o Brasil tem muitos analfabetos, crianças e adultos que não sabem ler nem escrever. Eu construiria mais escolas para as crianças terem mais chances e valorizava mais os professores

Neste comentário, vemos que a metarregra da continuidade é marcada através de vários elementos linguísticos que o aluno utilizou tais como: a substituição, no caso, o uso do hipônimo: “país/Brasil”; por repetições: “educação/educação”, “crianças/crianças”; por expressão nominal indefinida: “muitos analfabetos/crianças e adultos que não sabem ler nem escrever” e também por associações semânticas: “educação/escolas/crianças/professores.

Percebemos, ainda, que o assunto central do texto que é “a educação” é retomado por meio das relações de sentido entre as frases, mantendo, assim, uma articulação entre as informações em todo texto.

Dessa forma, o texto em apreciação é coerente por apresentar continuidade entre as ideias.

COMENTÁRIO 21

[Ana Kátia Ferreira Silva](#) A segurança do Rio Grande do Norte está péssima. Se eu fosse candidata ao governo do Estado colocaria mais policiais nas ruas para fazer a ronda e construiria UPP nos bairros.

Verificamos, no comentário 21, que o autor também expressou no seu texto a metarregra da continuidade. Essa constatação deve-se ao fato de observarmos a presença de vocábulos que remetem ao tema “segurança”, tais como: “policiais/ronda/UPP”. Percebemos também que o autor fez uso de elementos como: hiponômio: “Rio Grande do Norte/Estado” e palavras com o mesmo campo semântico: “ruas/bairros”.

Todas as expressões estão vinculadas ao tema central, representando, dessa maneira, a unidade semântica do texto. O autor empregou vocábulos que promoveram a sequência e o encadeamento das ideias de maneira satisfatória em seu texto.

Vimos, nessa categoria, que os três comentários analisados atendem satisfatoriamente aos fundamentos da metarregra da continuidade por manterem ligações semânticas e retomadas de elementos e opiniões capazes de manter a clareza e a sequenciação linear das ideias expressas no texto.

Atentemos, no subtópico a seguir, para mais um critério de avaliação da coerência, a metarregra da progressão.

4.2.2 Progressão

Conforme Cavalcante (2012), a metarregra da progressão ocorre no texto mediante a recuperação de ideias já apresentadas e do acréscimo de novas informações a estas ideias. É necessário que o texto apresente informatividade juntamente com a retomada de conceitos para que ele possa progredir.

A progressão de um texto engloba a continuidade de ideias por ele expostas para que a coerência possa de fato acontecer. Sem a progressão de ideias, o texto seria formado apenas por repetições de fatos, daí a importância de se inserir novos conceitos e informações ao texto para garantir que ele progrida semanticamente.

A reflexão acerca dessa categoria se dará por meio de três comentários realizados a respeito da obra “O maravilhoso mágico de Oz”, de Lyman Frank Baum. Os comentários fazem parte da sétima atividade realizada via *Facebook*. Vejamos:

Paula Veronica Ferreira Rodrigues Rodrigues

2 de dezembro de 2014 · Editado

Bom dia galerinha!

Após a leitura da obra: "O maravilhoso mágico de Oz" de Lyman Frank Baum, diga quais lições de vida a leitura do livro deixa para cada um de vocês.

COMENTÁRIO 22

[Ana Kátia Ferreira Silva](#) Eu gostei da obra do Maravilhoso Mágico de Oz e dos personagens que foram em busca do Mágico para realizar os seus desejos. A lição que o texto transmite é sobre amizade e companheirismo e que devemos acreditar em nós mesmos se quisermos alcançar nossos sonhos . Ele ainda nos mostra que o nosso lar é o melhor lugar que existe pois estamos juntos de quem amamos.

No comentário 22, observamos a ocorrência da metarregra da progressão por meio da inserção de elementos novos ao texto. Além de expor o que era solicitado, no caso, as lições de vida que a leitura da obra deixava para cada leitor, a autora do comentário expôs ainda outras lições de vida além da “amizade e companheirismo”. A autora acrescentou que: “devemos acreditar em nós mesmos” e “que nosso lar é o melhor lugar que existe pois estamos juntos de quem amamos”.

A autora conseguiu conferir sequenciação e progressão no seu texto ao utilizar conectores para ligar uma ideia à outra e acrescentar novas informações ao texto por meio da conjunção: “e”, do pronome relativo “que”, do advérbio “ainda”, e da conjunção explicativa “pois”. Todos esses elementos marcaram o acréscimo e a sucessão de ideias no texto.

COMENTÁRIO 23

[Larissa Ellen](#) Eu gostei muito dos personagens mas o que chamo atenção foi o espantalho por que ele achava que não tinha cérebro mais ele tinha o tempo todo. E não percebia nada. Através do mágico de OZ ele descobriu que tinha. O texto me ensinou que podemos ter tudo que queremos se acreditar e que também temos que olhar para dentro de nós mesmos.

Neste comentário, a autora inicia sua produção apresentando sua apreciação pela obra. Embora não tenha sido solicitado, esta foi uma forma interessante de discorrer sobre o texto, pois foi acrescentada uma informação pertinente: “aquilo que despertava a atenção do leitor na obra”.

Observamos no texto a presença de conectores como conjunções: “e”, pronomes: “que” e advérbio: “também”, indicando a inserção de informação e a progressão de ideias no texto.

COMENTÁRIO 24

[Matheus Pereira](#) Eu achei essa obra muito boa pois ela nos ensina muitas coisas como: não importa onde estejamos a nossa casa é o melhor lugar do mundo, a respeitar o próximo e de ter compaixão. A obra mostra também que não basta termos riqueza para sermos felizes na vida que com Jesus e a nossa família que é o mais importante para o nosso futuro, nós conseguimos tudo aquilo que desejamos basta acreditar.

O comentário 24, por sua vez, também cumpriu com os requisitos da progressão textual ao acrescentar informações novas ao texto e referentes ao tema em estudo. Percebemos que estão presentes no texto conjunções: “e”, “pois”; advérbio: “também” e pronome: “que”, que estabelecem relações lógicas entre as orações.

O autor expõe as lições de vida que a obra transmite apresentando também seu ponto de vista por meio de um posicionamento mais maduro e consciente e acrescenta ainda elementos novos que os julga importantes para conseguir o que deseja: “com Jesus e a nossa família que é o mais importante para o nosso futuro”.

Assim sendo, os textos analisados, nesta categoria, são coerentes por apresentarem progressão temática através da introdução de novas informações e da associação com as ideias já existentes.

Passemos agora a observar como ocorre a metarregra da não contradição no subtópico a seguir.

4.2.3 Não contradição

A não contradição é um dos fatores que devem ser levados em consideração para que um texto seja coerente. De acordo com o que Cavalcante (2012) aponta, para que um texto seja coerente, ele não pode apresentar ideias que se contrastem.

É necessário que o texto expresse conceitos que se harmonizem, que sejam lógicos, isto é, seus conceitos e ideias devem manter uma relação de concordância de sentidos respeitando o mundo textual o qual ele representa.

Como poderemos ver a seguir, o recorte de três comentários ilustra bem a categoria da não contradição. Os comentários representam a oitava atividade desenvolvida na pesquisa e foi realizada tendo como base o conto de Ivan Ângelo, “Negócio de menino com menina”, sobre o qual os alunos, após a leitura, apresentaram suas impressões sobre o mesmo. Vejamos como isso ocorreu:

Paula Veronica Ferreira Rodrigues Rodrigues

9 de dezembro de 2014

Depois de ler o conto "Negócio de menino com menina" de Ivan Ângelo, apresente as suas impressões sobre o mesmo.

Negócio de menino com menina - Ivan Angelo

O menino, de uns dez anos, pés no chão, vinha andando pela estrada de terra da fazenda com a gaiola na mão. Sol forte de uma hora da tarde. A menina de uns nove anos ia de carro com o pai, novo dono da fazenda. Gente de São Paulo. Ela viu o passarinho na gaiola e pediu ao pai:

_ Olha que lindo! Compra pra mim?

O homem parou o carro e chamou:

_ Ô menino.

O menino voltou, chegou perto, carinha boa. Parou do lado da janela da menina. O homem:

_ Este passarinho é pra vender?

_ Não senhor.

O pai olhou para a filha com uma cara de deixa pra lá.

A filha pediu suave como se o pai tudo pudesse:

_ Fala pra ele vender.

O pai, mais para atendê-la, apenas intermediário:

_ Quanto você quer pelo passarinho?

_ Não tou vendendo não senhor.

A menina ficou decepcionada e segredou:

_ Ah, pai, compra.

Ela não considerava, ou não aprendera ainda, que negócio só se faz quando existe um vendedor e um comprador. No caso, faltava o vendedor.

Mas o pai era um homem de negócios, águia da Bolsa, acostumado a encorajar os mais hesitantes ou a virar a cabeça dos mais recalcitrantes:

_ Dou dez mil.

_ Não senhor.

_ Vinte mil.

_ Vendo não.

O homem meteu a mão no bolso, tirou o dinheiro, mostrou três notas, irritado.

_ Trinta mil.

_ Não tou vendendo, não, senhor.

O homem resmungou “que menino chato” e falou pra filha:

_ Ela não quer vender. Paciência.

A filha, baixinho, indiferente às impossibilidades da transação:

_ Mas eu queria. Olha que bonitinho.

O homem olhou a menina, a gaiola, a roupa encardida do menino, com um rasgo na manga o rosto vermelho de sol.

_ Deixa comigo.

Levantou-se, deu meia volta, foi até lá. A menina procurava intimidade com o passarinho, dedinho nas

grestas da gaiola. O homem, maneiro, estudando o adversário:

_ Qual é o nome deste passarinho?

_ Ainda não botei nome nele, não. Peguei ele agora.

O homem, quase impaciente:

_ Não perguntei se ele é batizado não, menino. É pintassilgo, é sábia, é o quê?

_ Aaaah. É bico-de-lacre.

A menina, pela primeira vez, falou com o menino:

_ Ele vai crescer?

O menino parou os olhos pretos nos olhos azuis.

_ Cresce nada. Ele é assim mesmo, pequenininho.

O homem:

_ Canta?

_ Canta nada. Só faz chiar assim.

_ Passarinho besta, hein?

_ É. Não presta pra nada. É só bonito.

_ Você pegou ele dentro da fazenda?

_ É. Aí no mato.

_ Essa fazenda é minha. Tudo que tem nela é meu.

O Menino segurou com mais força a alça da gaiola, ajudou com a outra mão nas grades. O homem achou que estava na hora e falou já botando a mão na gaiola, dinheiro na outra mão.

_ Dou quarenta mil! Toma aqui.

_ Não senhor, muito obrigado.

O Homem, meio mandão:

_ Vende isso logo, menino. Não ta vendo que é pra menina?

_ Não, não tou vendendo não.

_ Cinquenta mil! Toma! _ e puxou a gaiola.

Com cinquenta mil se comprava um saco de feijão, ou dois pares de sapatos, ou uma bicicleta velha.

O menino resistiu, segurando a gaiola, voz trêmula.

_ Quero não senhor. Tou vendendo não.

_ Não vende por quê, hein? Por quê?

O menino acuado, tentado explicar:

_ É que eu demorei a manhã todinha pra pegar ele e tou com fome e com sede, e queria ter ele mais um pouquinho. Mostrar pra mamãe.

O homem voltou para o carro, nervoso. Bateu a porta, culpando a filha pelo aborrecimento.

O menino chegou pertinho da menina e falou baixo, para só ela ouvir:

_ Amanhã eu dou ele pra você. Ela sorriu e compreendeu.

COMENTÁRIO 25

[Luan Matheus](#) Muito interessante esse conto. Eu pensava que fosse falar sobre amizade ou uma investida do menino com a menina, mas não de uma venda de um passarinho. Achei que o pai da menina insistiu muito pra comprar o passarinho e o menino muito seguro em não vender. Se fosse comigo teria vendido o passarinho e voltado para pegar outro.

COMENTÁRIO 26

[Herllon Maycon](#) Existem muitos negócios de meninas com meninos e eu acho que a pessoa não precisa vender uma coisa que tem valor pra você por que você ralou para conseguir ela.se eu fosse o menino do texto tambem não venderia o passarinho porque tem coisas que o dinheiro não compra.

COMENTÁRIO 27

[Matheus Pereira](#) A parte do conto que eu mais gostei foi o fato do menino não ter vendido o passarinho. se eu fosse ele também não teria vendido.Nem tudo é comprado com o dinheiro porque ele é a raiz de todo mal, por isso temos que valorizar o que temos na vida principalmente quando conseguimos com esforço.

Ao analisarmos os três comentários em questão, constatamos que todos estão de acordo com o princípio da não contradição. Os autores dos comentários 25, 26 e 27 desenvolveram em seus textos ideias que funcionam em conjunto umas com as outras, isto é, de maneira compatível, as ideias são relacionadas, contribuindo, dessa forma, com a coerência textual.

Todos os elementos semânticos estabelecidos nos três comentários estão de acordo com o mundo textual a que se reportam. Há, também nos comentários, uma relação com o mundo real, fato que não atrapalha e nem vai contra a realidade do mundo textual. É apenas uma comparação ou uma identificação entre os dois mundos, o textual e o real, como mostram os trechos a seguir: “Se fosse comigo teria vendido o passarinho e voltado para pegar outro.”; “se eu fosse o menino do texto tambem não venderia o passarinho porque tem coisas que o dinheiro não compra.” e “se eu fosse ele também não teria vendido.”.

Assim, vimos que os três textos analisados neste subtópico são coerentes por não irem contra a realidade do mundo textual e por corresponderem aos fundamentos da não contradição.

Dando continuidade à nossa análise, passemos agora a refletir sobre a última, das quatro metarregras, a articulação.

4.2.4 Articulação

A articulação em um texto ocorre, segundo Cavalcante (2012), quando as ideias por ele retratadas se concatenam, isto é, estão associadas umas às outras. O texto torna-se bem articulado quando os fatos por ele expressos se encadeiam e vão estabelecendo relações concordantes com as ideias seguintes.

Essa relação de articulação textual pode ser manifestada pela ocorrência ou não de conectivos para o encadeamento das ideias.

Vejamos, a seguir, como é manifestada a articulação nos textos produzidos para responder à nona atividade executada pelo grupo por meio do *Facebook*, a qual consistia na produção de um final feliz para um dos quatro contos lidos do escritor Oscar Wilde.

Paula Veronica Ferreira Rodrigues Rodrigues

11 de dezembro de 2014 ·

Com base na obra "Histórias de fadas" do escritor irlandês Oscar Wilde, um livro de contos recomendado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, mas que não apresenta um final feliz como os outros contos, dê um novo final para uma das quatro histórias: "O rouxinol e a rosa", "O príncipe feliz", "O gigante egoísta" e "O Amigo dedicado".

COMENTÁRIO 28

[Robison Elias](#) "O gigante egoísta" O gigante viu as crianças no seu jardim e o menino com as mãos feridas e disse; _ eu vou curar suas feridas com o meu amor e nós vamos poder brincar e se divertir muito todos os dias debaixo dessas árvores e todos nós seremos felizes para sempre nesse lindo paraíso.

COMENTÁRIO 29

[Luan Matheus](#) "O príncipe feliz" O príncipe com o seu bom coração de chumbo junto com o passarinho continuou a ajudar o povo sofrido da cidade. todas as pessoas viram que a cada dia a estátua do príncipe feliz se tornava mais feliz ainda, então o povo resolveu cuidar bem da estátua e do passarinho que vivia junto dela.

COMENTÁRIO 30

[Larissa Ellen](#) "O rouxinol e a rosa" _como você me disse que queria uma rosa vermelha eu consegui ela pra você. Um rouxinol me ajudou a encontrá-la, ela é a mais vermelha de todas as rosas. Veja como é bonita. A moça aceitou a rosa e aceitou dançar com o rapaz e ele ficou muito feliz.

COMENTÁRIO 31

[Matheus Pereira](#) "O amigo dedicado". O pequeno Hans e o moleiro Hugo se tornavam mais amigos a cada dia. quando um precisava de ajuda o outro sempre ajudava. Hans sempre dava suas flores lindas para Hugo e ele deu seu carrinho de mão para que Hans pudesse trabalhar. No inverno, Hans sempre se abrigava na casa de Hugo e em troca disse Hans fazia alguns trabalhos para Hugo. Eles eram muito amigos.

Nestes comentários, a articulação entre as ideias é mantida quando os alunos relacionam os fatos e as ações dos personagens entre si. Cada um dos quatro alunos conseguiu desenvolver de forma satisfatória o que era proposto na atividade: um final feliz para cada conto. É possível perceber que eles cumprem com o solicitado quando apresentam elementos que se remetem e se relacionam ao tema através das passagens: “e todos nós seremos felizes para sempre”; “o príncipe feliz se tornava mais feliz ainda”; “e ele ficou muito feliz” e “se tornavam mais amigos a cada dia”.

Notamos, também, o emprego de conectores como a conjunção: “e” e o advérbio: “então”, responsáveis por relacionar as orações e estabelecer entre elas encadeamento e organização.

Portanto, a sequência de ideias que os alunos desenvolvem em torno de cada conto está articulada, pois uma frase dá continuidade à outra encaminhando para seu final de forma lógica e coerente.

Nesta categoria, diferente da primeira, constatamos que os alunos, através de um trabalho mais constante e direcionado para leitura e produção de textos, conseguiram avançar nas suas produções, ordenando e expondo de forma mais clara e coerente suas ideias e opiniões, isto é, a cada produção de texto realizada, os alunos desenvolveram melhor a competência linguística e comunicativa.

Os textos analisados nesta categoria, em relação à primeira, apresentaram uma maior unidade de sentido, onde as ideias eram retomadas e acrescidas de novos conceitos e informações. Constatamos também que as ideias nos textos não apresentaram contradições e

estavam articuladas umas com as outras. Os alunos apresentaram uma parcela maior de conhecimento de mundo e realizaram inferências que possibilitaram o estabelecimento da unidade do texto constituindo sua coerência.

O avanço ainda ocorreu em relação ao letramento alfabético e digital como poderemos ver no tópico a seguir, sobre o qual discorreremos acerca da nossa última categoria de análise.

4.3 Letramento alfabético e digital

Diante das transformações ocorridas na sociedade e do surgimento e presença das tecnologias da informação e comunicação (TIC's) na vida do ser humano, houve a necessidade de mudança no processo de ensino e aprendizagem. Já não é mais suficiente ensinar o aluno somente a ler e a escrever, ou seja, alfabetizá-lo, ou promover o uso das práticas sociais de leitura e escrita, isto é, letrá-lo.

É preciso considerar que a escola deve acompanhar os avanços tecnológicos e inseri-los no seu dia-dia para que ela possa dar conta da tarefa de além de promover o avanço do letramento alfabético, promover ou ampliar também o letramento digital. Este último entendido como a habilidade que as pessoas têm de se comunicar por meio de algum recurso tecnológico, seja ele computador, *tablet*, celular etc. Em outras palavras, é a prática social de interação por meio do uso das tecnologias.

Pensando nisto, na tarefa de alfabetizar e letrar com as novas tecnologias e de promover a inclusão digital, foram realizadas atividades no grupo do *Facebook*, por meio das quais, nesta categoria, iremos analisar o avanço do letramento alfabético e digital promovido pela prática de leitura e produção de texto no ciberespaço.

O *Facebook* é um ambiente digital que exige leitura e escrita. É um ambiente que também desperta a atenção dos usuários pela forma rápida e fácil de interagir. Por este motivo, com a intenção de motivar o aluno a desenvolver a prática da leitura e da escrita em função da sua aprendizagem e do seu letramento, desenvolvemos atividades tendo como suporte esta ferramenta digital.

Podemos perceber que os alunos desenvolveram suas capacidades textuais e leitoras, e, conseqüentemente, o letramento alfabético e digital ao observarmos e compararmos as primeiras e as últimas produções textuais/comentários realizados via *Facebook*.

A décima e última atividade realizada no grupo consistia na produção de uma mensagem de final de ano, na qual os alunos iriam falar a respeito das impressões que tiveram sobre o ano letivo e das experiências que puderam compartilhar durante o ano. Vejamos como eles se saíram:

Paula Veronica Ferreira Rodrigues Rodrigues

12 de dezembro de 2014

Estamos chegando a mais um final de ano letivo. Nossa, que ano! Estudamos bastante, nos divertimos e tivemos muitos projetos interessantes. Também fizemos novos amigos durante esse ano! Cada um de vocês tem trazido e recebido alegria na sala de aula, por isso estou tão feliz de ter um grupo maravilhoso de estudantes neste ano o qual pude aprender e ensinar. Todos tocaram a minha vida e espero manter contato, pois hoje em dia a tecnologia facilita isso e é também nesse intuito que o nosso grupo existe, para interagirmos. Obrigada por tudo que cada um de vocês tem feito para tornar o nosso ano letivo ainda mais maravilhoso, gratificante e inesquecível! São esses gestos que vão fazer o ano que vem ainda melhor. Tenham ótimas férias, feliz natal e feliz ano novo!

Agora é com cada um de vocês!

Deixe aqui sua mensagem e suas impressões sobre esse ano letivo o qual pudemos dividir e compartilhar experiências.

COMENTÁRIO 32 REFERENTE A 10ª ATIVIDADE

[Robison Elias](#) Eu quero aqui agradecer aos meus professores que me ajudaram muito esse ano. Foi mais um ano de aprendizado e de amizade. Foi muito bom participar do grupo chamado espaço da aprendizagem que foi o grupo que eu gostei de participar e de trocar experiências com minha professora e meus colegas. Eu agradeço por todas as leituras e produções que fizemos, aprendi bastante. Desejo um feliz natal e um próspero ano novo a todos.

O autor do comentário 32 inicia seu texto agradecendo aos professores. Ele também relata o quanto foi bom participar do grupo, das leituras e das produções de texto. Percebemos, nesse comentário, que o autor conseguiu desenvolver mais sua escrita no que diz respeito aos aspectos lexicais e gramaticais como também no que se refere à construção de sentido no texto.

Notamos que o aluno se preocupou em usar a pontuação adequada, em acentuar as palavras e em discorrer sobre aquilo que era proposto, apresentando suas opiniões de maneira

mais segura e expressiva, ou seja, ele foi capaz de adequar sua linguagem ao contexto interacional de acordo com a sua realidade, diferente do que vimos no comentário realizado para a primeira atividade. Isso pode ser comprovado ao compararmos o comentário 33 abaixo, referente a 1ª atividade, e o comentário 32 acima, referente a 10ª atividade.

COMENTÁRIO 33 REFERENTE A 1ª ATIVIDADE

[Robison Elias](#) esta musica fala da tecnologia que ela e inportante em nossas vidas e a tecnologia aumenta nosso criatividade em trabalhos de escola o uso da tecnologia vai ser fundamental para nos e para o mundo porque dependemos dela para vivermos

Estas mesmas impressões tivemos acerca dos comentários a seguir, nos quais os alunos apresentam um nível mais elevado de letramento. Através da utilização das Tics nas aulas de Língua Portuguesa, os alunos realizaram leituras de diversos gêneros textuais, comentaram e produziram textos, defenderam suas ideias e posicionaram-se de maneira mais crítica e consciente, em consequência disso, ampliaram suas capacidades leitora e escritora, pois de acordo com Nazaré (2013, p. 60), “ler e escrever aumenta nossa capacidade de pensar e criar mais redes neurais, ajudando nossa capacidade de entender e julgar os fenômenos que nos afetam.”

As primeiras produções dos alunos eram tímidas, descontextualizadas e com problemas de coesão e coerência, mas foram melhorando significativamente à medida que eram desenvolvidas atividades que contemplavam a leitura e a escrita. Continuemos, então, a observar as produções:

COMENTÁRIO 34 REFERENTE A 1ª ATIVIDADE

[Herllon Maycon](#) o uso da tecnologia e muita e cada dia aumenta mais a tecnologia e muito utio para vida sores humanos eu uso a internet para tudo e tipo uma tarefa um trabalho de escola e nas escolas o uso da tecnologia vai ser muito boa para o mundo.

COMENTÁRIO 35 REFERENTE A 10ª ATIVIDADE

[Herllon Maycon](#) Para falar a verdade eu gostei muito do grupo ele me fez pensar nas coisas da vida, a desenvolver a leitura e a escrita, eu aprendi muitas coisas. Conheci muitos professores e amigos. Gosto muito da professora Paula e ela foi fundamental para minha vida e vou levar os ensinamentos dela para sempre e nunca vou esquecer da diretora Zeza gosto muito dela dos professores que mesmo sendo um pouquinho chatos gosto deles de Reinaldo, Ferreira Junior, Dara. Nega, Maria Tereza, Das Chagas e sim eu adorei a escola. Que próximo ano eu possa repetir tudo de novo. Feliz Natal para todos e um próspero ano novo.

COMENTÁRIO 36 REFERENTE A 1ª ATIVIDADE

[Luan Matheus](#) A letra dessa música fala sobre a internet ela faz parte da nossa vida. Nós podemos falar com outras pessoas, podemos fazer compras. A tecnologia e a internet facilitam a nossa vida de estudante porque só temos que saber como usá-la para o nosso bem.

COMENTÁRIO 37 REFERENTE A 10ª ATIVIDADE

[Luan Matheus](#) Esse ano eu quero agradecer a todos os professores, funcionários e diretores pela dedicação com os alunos. Eu desejo um feliz natal para todos e um ano novo com muita paz que Deus abençoe com muita felicidade a todos.

COMENTÁRIO 38 REFERENTE A 1ª ATIVIDADE

[Matheus Pereira](#) a letra dessa música fala sobre a tecnologia outro aspecto importante é que as pessoas não são mais solitárias. com a ajuda dos outros são mais amigos. a tecnologia é nossa aliada.

COMENTÁRIO 39 REFERENTE A 10ª ATIVIDADE

[Matheus Pereira](#) Gostaria de agradecer aos meus professores por ter me ensinado e me orientado nesse ano. Eu gostei muito de fazer parte do grupo, de ler, comentar e de produzir textos. Foi muito interessante esse grupo gostaria de continuar no próximo ano fazendo parte dele. A tecnologia ajuda muito na nossa aprendizagem e no nosso contato. Quero desejar um feliz natal e um ano novo pra todos da escola Waldemar de Souza Veras fiquem todos com Deus.

Apesar de ainda percebermos que o autor do comentário 36 apresenta uma produção tímida e com um número de linhas reduzido nos comentários referentes a 1ª e a 10ª atividades, percebemos que os outros comentários apresentam um número de linhas maior e uma melhor organização textual. Os alunos conseguiram, como mostram os comentários referentes à 10ª atividade, apresentar de forma mais organizada, clara e precisa, suas opiniões e posicionamentos.

Neste sentido, ao propormos atividades que priorizavam a leitura e a escrita através do *Facebook* nas aulas de Língua Portuguesa, estávamos contribuindo com o nível de letramento dos alunos, oportunizando a estes diferentes formas de informação, interação, leitura e escrita.

Ao serem realizadas, na rede social *Facebook*, as práticas da leitura e da produção de textos, os alunos puderam expor suas ideias e posicionamentos acerca de vários temas, pois à medida que eram propostas as atividades, eles iam apresentando um grau mais elevado de amadurecimento das ideias por saberem que estavam publicando um texto que teria como interlocutor não apenas o professor, mas também os demais colegas.

Verificamos que, ao longo de cada produção, os alunos iam apresentando mais fluência tecnológica, pois já usavam as ferramentas digitais, como o celular, o *tablet*, o *notebook* e o computador (aparelhos deles ou da professora), com mais precisão nas tarefas que envolviam, principalmente, a escrita.

Mesmo sabendo que alguns alunos já vivenciavam a inclusão digital, pois tinham acesso a toda a diversidade de aparelhos tecnológicos conectados à internet, seja em casa ou em *lan houses*, houve o avanço do letramento digital ocasionado pela inclusão digital através do uso pedagógico das Tics. Houve também o avanço do letramento alfabético, uma vez que estavam usando a rede social *Facebook* na escola para ler e expressar suas ideias e impressões por meio da escrita, e não somente para curtir ou compartilhar postagens. Segundo Nazaré (2013, p. 56) “o *Facebook* fornece a condição de você se expressar com suas próprias palavras abrangendo um universo rico de situações e emoções.” E foi exatamente o que aconteceu, percebemos que os alunos expressaram com suas palavras o que vivenciaram nas várias situações de leitura e produção textual que incorporavam pedagogicamente o uso das Tics.

Portanto, concluímos, através da análise do nosso *corpus* nesta categoria, que houve o avanço do letramento alfabético e digital, pois os alunos fizeram o uso da leitura e da escrita efetivamente através do ciberespaço à medida que também iam atribuindo sentido para os diferentes gêneros discursivos/textuais que liam e produziam. O uso dos diferentes gêneros

em um suporte digital contribuiu de maneira significativa para uma prática mais apropriada de letramento.

5 CONCLUSÃO

[...] o ensinar a língua não pode ter outro objetivo senão o de chegar aos usos sociais desta língua, como ela acontece no dia a dia das pessoas. É a língua-em-função, que somente ocorre entre as pessoas, com alguma finalidade, dentro de um determinado contexto. (MATTA, 2009, p.16)

A prática de leitura e produção de textos dentro da escola tem sido um desafio constante para professores e alunos. De um lado, estão os professores com práticas tradicionais de ensino, do outro lado, estão os alunos pouco estimulados a realizarem tais práticas, dando, na maioria das vezes, atenção a outras formas de leitura e escrita em suportes diferentes daqueles utilizados na sala de aula.

Sendo estas atividades indispensáveis para o desenvolvimento crítico e reflexivo dos educandos, o professor precisa colaborar para que os alunos encontrem interesse e satisfação neste tipo de atividade. Neste contexto, a escola e o professor devem ter a preocupação de inserir na sua rotina educacional recursos pedagógicos que incentivem o aluno a ler e escrever. Os recursos tecnológicos podem tornar-se aliados pedagógicos importantes se inseridos e bem conduzidos em sala de aula.

Buscando mudar a realidade dos alunos envolvidos nesta pesquisa, e acompanhar as mudanças tecnológicas que atingem também a educação, é que procuramos integrar a atividade da leitura e da escrita com a tecnologia, visando promover o desenvolvimento de tais competências, como também o letramento digital por meio da prática da leitura e da produção textual via *Facebook*.

Frente a esta intenção, nos defrontamos com a seguinte questão: Como estimular a participação e a aprendizagem dos alunos na prática de leitura e produção de textos fazendo uso das tecnologias, mais precisamente, o *Facebook*, para minimizar o fracasso escolar, este, caracterizado pelo desinteresse do aluno em desenvolver tais atividades?

Para responder a esta questão, aplicamos um questionário aos alunos para sabermos se a utilização das tecnologias nas aulas de língua materna poderia estimular a participação nas tarefas que envolvessem a leitura e a produção de textos e para nos inteirarmos de quais eram as dificuldades deles para com a Língua Portuguesa. Por meio do resultado deste questionário, foi realizada uma ação interventiva, descrita no capítulo metodológico, e através da qual coletamos o nosso *corpus* e realizamos a análise descritiva e interpretativista.

A nossa pesquisa teve como objeto de análise 43 comentários/produções textuais realizados por 9 alunos no grupo do *Facebook* ESPAÇO DA APRENDIZAGEM/ 6º ANO “B” 2014 WSV, na escola Estadual Waldemar de Sousa Veras, em Alexandria-RN. Com este *corpus*, procuramos descrevê-lo e analisá-lo com base nos seguintes objetivos: i) Investigar se as produções textuais dos alunos apresentam problemas ou não quanto ao estabelecimento da coerência para analisar qual a maior incidência de incoerência (sintática, semântica, temática, pragmática, estilística ou genérica); ii) Analisar quais aspectos da coerência (metarregras) estão presentes nas produções textuais dos alunos (continuidade, progressão, não contradição e articulação) e iii) Averiguar o avanço do letramento alfabético e digital por meio de atividades que envolvem o uso do *Facebook*.

A análise realizada acerca da primeira categoria assinalou que as primeiras produções dos alunos apresentaram problemas quanto ao estabelecimento da coerência textual, sendo que suas maiores dificuldades dão-se em relação à coerência sintática, semântica, pragmática e temática. A coerência estilística apresentou uma porcentagem menor de problemas, quanto à coerência genérica, dos textos analisados, não houve nenhum que correspondesse a esta classificação. Acreditamos que esses problemas são decorrentes da não ativação dos diversos tipos de conhecimentos (textual, linguístico, cultural, social, cognitivo e de mundo) necessários para uma efetiva compreensão e produção de qualquer texto.

Relacionado à segunda categoria de análise, os quatro parâmetros de correção de textos propostos por Cavalcante (2012) para a avaliação dos aspectos da coerência (as metarregras da continuidade, progressão, não contradição e articulação), vimos que o recorte utilizado nesta categoria atende a estes parâmetros, por constatarmos que, em consequência da contínua realização de leitura e produção textual, os alunos apresentaram uma melhora significativa em suas produções textuais, desenvolvendo seus textos de maneira mais adequada e significativa. Todos os textos expressavam ideias e posicionamentos mais seguros e obedeciam a uma sequenciação linear com informatividade, encadeamento temático, relações não contraditórias e organizadas, enfim, ideias mais consistentes e coerentes.

Sobre o avanço do letramento alfabético e digital, descrito na terceira e última categoria, averiguamos que os alunos, no decorrer de cada comentário/produção textual, apresentavam mais espontaneidade e facilidade quanto ao uso dos suportes tecnológicos e da rede social da internet, como também ao ato de ler e produzir textos. As atividades de leitura e produção textual realizadas pelos alunos por meio do *Facebook*, as interações, reflexões, trocas de conhecimento e informações, os posicionamentos e ideias defendidos, contribuíram para a compreensão e ampliação do letramento alfabético e digital. E isto foi possível

mediante a incorporação pedagógica do uso das Tics, da interação mediada por estes recursos e do estímulo ao grupo para o envolvimento nas atividades que tinham como base vários gêneros discursivos/textuais. O acesso do aluno a uma variedade de gêneros em diferentes suportes oportunizou uma experiência diversificada de leitura e escrita, ou seja, uma prática de letramento mais pertinente.

Diante de tudo isto, reforçamos a ideia de que os recursos tecnológicos, quando utilizados pedagogicamente, podem contribuir de forma eficiente para o processo de ensino e aprendizagem. O desafio é fazer com que as escolas tradicionais evitem trancar seus laboratórios de informática e proibir o uso de aparelhos conectados à internet por seus segmentos, e passem a promover a inclusão digital por meio da organização de um ensino interativo e colaborativo com o uso das novas tecnologias. Nessa era digital, as Tics fazem parte do cotidiano das pessoas e a escola tem a obrigação de inseri-las criativamente na rotina de seus alunos e demais segmentos, de conduzir o uso adequado e criar condições para que o aluno possa desenvolver melhor sua aprendizagem.

Dessa forma, as Tics se tornam coadjuvantes para a modificação do perfil das escolas tradicionais, pois permitem uma ressignificação da educação por elas oferecidas. Com o planejamento e a introdução de novas propostas de ensino na escola, os professores e alunos adquirem uma nova postura frente a esta realidade. Mas é preciso que cada um, escola, professor e aluno, estejam conscientes e se abram para estas transformações e oportunidades que o ensino mediado pelas Tics oferece, pois elas, sozinhas, não conseguem e não são suficientes para dar um novo significado à educação.

Faz-se necessário, mediante o uso intensivo das tecnologias e das redes sociais pelos alunos nos mais diversos contextos, que os professores façam desses usos uma alternativa para a promoção e ampliação das possibilidades de aprendizagem pelas quais os alunos sintam-se envolvidos. Viver a realidade dos alunos, trocar e compartilhar com eles experiências e conhecimentos através de suportes tecnológicos e de redes sociais da internet também são formas relevantes de aprendizagem.

O professor deve experimentar formas diferentes de ensino com o propósito de facilitar o desenvolvimento da aprendizagem do aluno, como também o seu interesse e participação. Quando o aluno se envolve nas tarefas que lhe despertam atenção, ele passa a construir sua aprendizagem de maneira mais significativa e passa a pensar e agir em favor do desenvolvimento de sua capacidade crítica. Convém lembrar que os usos das Tics e das redes sociais da internet são um meio para se chegar a um determinado objetivo. Esses usos não

devem ser vistos como a única forma de conhecimento, envolvimento e interação, mas como um meio, uma maneira de ampliar e diversificar o ensino.

As Tics devem fazer parte da rotina escolar como forma de democratizar e de modalizar o ensino e a produção do conhecimento. Os alunos devem ser levados, por meio do acesso e da utilização dos recursos tecnológicos e das redes sociais da internet, a construir com autonomia e criticidade sua própria aprendizagem e conhecimento. Para isso, os professores também devem ter domínio quanto à utilização das Tics de forma pedagógica, ou seja, precisam compreender os seus usos, para que todos possam, dentro do processo educativo, interagir, construir e trocar saberes.

Esta pesquisa apresenta uma contribuição relevante, pois pode ser uma referência para os professores que pretendem inserir em suas aulas uma forma diferenciada de propor a leitura e a produção textual em outros formatos e suportes. É uma possibilidade de ampliar o uso das Tics e das redes sociais da internet na escola como suporte de texto e ainda como forma de interação entre professores e alunos.

É relevante ainda, porque tira o laboratório de informática da escola do rótulo de figurativo para o de espaço importante de inclusão digital e aberto para as diferentes formas de ensinar e aprender; e pode instigar aqueles professores que ainda estão acomodados e inseguros quanto utilizar ou não as Tics em suas aulas.

Além disso, serve como parâmetro, principalmente para os professores de Língua Portuguesa, na tarefa de correção textual, quando buscam encontrar a coerência ou a falta dela, nos textos produzidos pelos alunos. A relevância também dá-se, pelo fato, de este trabalho, ser o primeiro, na Escola Estadual Waldemar de Sousa Veras, no município de Alexandria, a utilizar a rede social *Facebook*, para desenvolver a prática da leitura e da produção de textos.

Contudo, estamos certos que este trabalho não encerra as discussões acerca da temática do uso das tecnologias e das redes sociais como suporte para o estímulo e a prática mais significativa de leitura e produção textual, como também do desenvolvimento do letramento alfabético e digital, mas aponta como estas ferramentas podem ser úteis para o trabalho e desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. L. M. **Um olhar objetivo para produções escritas: analisar, avaliar, comentar**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2012.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português - encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

AQUINO, J. G. **Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

ARCOVERDE, M. D.L. **Leitura, interpretação e produção textual**. A escrita como processo. Fasc. 10. Campina Grande; Natal: UFPB/UFRN, 2007.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARROS, D. M. V. **Guia didático sobre as tecnologias da comunicação e informação: material para o trabalho educativo na formação docente**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2009.

BAZERMAN, C. **Gênero, agência e escrita**. Tradução de Judith C. Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2006.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Paco Editorial, 2008.

BOSSA, N. A. **Fracasso Escolar: um olhar psicopedagógico**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: 5ª a 8ª série – língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 2001. 106 p.

BRITO, F. F. V. **Do contexto escolar ao ciberespaço: a prática de produção textual do gênero notícia via Twitter**. 2014. 193f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. RN. 2014.

CANONICE, B. C. F. **O texto dos formandos de letras: um estudo sobre a coesão e a coerência**. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Estadual de Maringá.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

CHAROLLES, M. Introdução aos problemas da coerência dos textos (Abordagem teórica e estudo das práticas pedagógicas). In: Galves, C; Orlandi, P. E; Otoni, P. (Org.). **O texto: leitura e escrita**. 3.ed. Campinas: Pontes, 2002.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A. **Preconceitos no cotidiano escolar: ensino e medicalização**. São Paulo: Cortez. Campinas: UNICAMP – Faculdade de Educação – Faculdade de Ciências Médicas, 1996.

COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Orgs.). **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.

COUTO JÚNIOR, D. R. **Cibercultura, juventude e alteridade: aprendendo e ensinando com o outro no Facebook**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

_____. **Escola e Facebook: parceiros?** Revistapontocom. Rio de Janeiro. 07 Dez. 2013. Entrevista. Disponível em <<http://www.revistapontocom.org.br/entrevistas/escola-e-facebook-parceiros>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. ver. e ampl. 12. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

DICIONÁRIO INFORMAL. 2006. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br>> Acesso em: 05 mai. 2015.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2005.

FREIRE, F. (Org.). et alii. **A leitura nos oceanos da internet**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FREITAS, M. O. **A coerência local em textos expositivos ou argumentativos produzidos em Língua Portuguesa por vestibulandos**. 2006. 25f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Letras e Linguística. Universidade Federal de Uberlândia.

G1 EDUCAÇÃO. **Índice de analfabetismo para de cair e fica em 8,7%, diz Pnad**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2013/09/indice-de-analfabetismo-para-de-cair-e-fica-em-87-diz-pnad.html>>. Acesso em: 10 de set. 2013.

GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo, Ática: 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, M. L. C. **Metodologia do ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2009.

GRESSLER, L. A. **Introdução à pesquisa: projetos e relatórios**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2007. 328p.

INAF 2011-2012. Disponível em: <http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=4.02.01.00.00&ver=por>. Acesso em: 12 de set. 2013.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012.

_____. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 9. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura: Teoria e prática**. 14. ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2012.

KOCH, I. V.; TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. 9. ed. 1ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2008.

_____; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2009.

LEAL, T. F.; BRANDÃO, A. C. P. **Produção de textos na escola: reflexões e práticas no ensino fundamental**. 1. ed. 1 reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LEITE, L. S. **Tecnologia Educacional: descubra suas possibilidades na sala de aula**. 7. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

LUGLI, R. G.; GUALTIERE, R. C. E. **A escola e o fracasso escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATTA, S. S. **Português, linguagem e interação**. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro Ltda. 2009.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2013.

NAZARÉ, Mário. **O Facebook e o Divã**: analisando as redes sociais. São Paulo: Clube dos autores, 2013.

PALFREY, J; GASSER, U. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre/RS: Artmed Editora, 2011.

PERRENOUD, P. H. **10 Novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

_____. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RIBEIRO, A. E. Letramento digital: um tema em gêneros efêmeros. **Revista da ABRALIN**, v. 8, n. 1, p. 15 – 38, jan./ jun. 2009.

RICHARDSON, R. J. (Org.). et alii. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. 11. reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.

RIOLFI, C. (Org.). et alii. **Ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

ROJO, R. H. R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

_____, MOURA, E. (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTANA, J. R. (Org.). et alii. **Inovações, cibercultura e educação**. Fortaleza: UFC, 2011.

SAUTCHUK, I. **A produção dialógica do texto escrito**: um diálogo entre escritor e leitor interno. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOUSA, M. C. **Diário Virtual de Leitura**: análise dos indícios de autoria. Pau dos Ferros, 2014.157f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2014.

TRAVAGLIA, C. L. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VERAS, G. A. O. **Alexandria** – Retratos de uma História. Alexandria: ed. do autor, 2007. 262 p. il.

VIDAL, R. M. B. (Org.). et alii. **Produção e ensino de texto em diferentes perspectivas**. Mossoró: Edições UERN, 2014. 197 p.

APÊNDICE A



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Programa de Mestrado Profissional em Letras



ProfLetras
Unidade Pau dos Ferros

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nós autorizamos a utilização, para fins de pesquisa, dos dados fornecidos à responsável pela pesquisa, a professora Paula Verônica Ferreira Rodrigues e a orientadora responsável, professora Dra. Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa, durante pesquisa realizada no Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) no Campus Avançado Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Declaramos que fomos informados (as) e estamos cientes de que:

1. A pesquisa tem como título: “ANÁLISE DOS FATORES DE COERÊNCIA NOS TEXTOS DE ALUNOS DO 6º ANO VEICULADOS VIA *FACEBOOK*” cujo objetivo geral é: investigar a prática de leitura e produção textual realizada através do ciberespaço em um grupo fechado no *Facebook* denominado de “Espaço da Aprendizagem” para podermos analisar os fatores de coerência presentes nas produções textuais dos alunos.
2. A questão da pesquisa é a seguinte: Como estimular a participação e a aprendizagem dos alunos na prática de leitura e produção de textos fazendo uso do *Facebook* para combater o fracasso escolar, este, caracterizado pelo desinteresse do aluno em realizar tais atividades?
3. A pesquisa se justifica pela necessidade de inovação e redimensionamento da prática pedagógica nas aulas de Língua Portuguesa com o intuito de promover a construção do conhecimento dos alunos estimulando seus interesses, participação, e superação das dificuldades de aprendizagem, na

- perspectiva de amenizar o fracasso escolar, utilizando como suporte o *Facebook*.
4. Os resultados da pesquisa serão estruturados a partir dos seguintes procedimentos:
 - a) Observação das aulas seguidas de anotações, aplicação de questionário com perguntas abertas com o propósito de ter uma descrição das dificuldades e interesses dos alunos em relação às aulas de Língua Portuguesa, como também quanto ao uso das Tics;
 - b) Acesso, leitura, análise e utilização pela pesquisadora dos comentários realizados no grupo do *Facebook*: “*ESPAÇO DA APRENDIZAGEM / 6º ANO "B" 2014 WSV*” a fim de verificar a coerência ou falta dela, como também analisar quais metarregras estão presentes nas produções textuais dos alunos (continuidade, progressão, não contradição e articulação) e ainda, averiguar o avanço do letramento alfabético e digital por meio das atividades que envolvem o uso do *Facebook*.
 5. A pesquisa obedece às normas éticas e não apresenta risco a pessoa, pois se compromete a utilizar os dados para finalidade pedagógica e educativa, assegurando privacidade dos sujeitos e a confidencialidade das informações na redação da dissertação final.
 6. Os dados da pesquisa podem vir a ser publicados/divulgados, desde que garantindo o disposto no item 4.
 7. Nossa participação é voluntária. Temos a plena liberdade para recusar a participar ou retirar nosso consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização e prejuízo algum.
 8. Não recebemos nenhum pagamento para participar desta pesquisa, assim como não teremos custo pela participação. Toda e qualquer dúvida que nós possamos ter sobre o processo de investigação será esclarecida através do *e-mail* da mestrandia pesquisadora paulaveronica02@hotmail.com e pelos telefones (84) 91241533 - 99842809.
 9. A pesquisa está vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) no Campus Avançado Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), situada na Br 405, km 153, Bairro Arizona, CEP: 599000-000 em Pau dos Ferros/RN e o telefone para contato é (84) 3351 2560, ramal 226

e fax (84) 3351 3909, além do endereço eletrônico profletras.pferros@gmail.com.

10. Nossa assinatura neste consentimento mostra que entendemos a pesquisa e concordamos em participar. Receberemos uma cópia deste termo de consentimento.

Alexandria - RN, _____ de _____ de 2014

Paula Verônica Ferreira Rodrigues
Mestranda Pesquisadora Responsável

Maria do Socorro Maia F. Barbosa
Profa. Dra. Orientadora

ASSINATURA DOS PAIS DOS ALUNOS

José de Arimatéia da Silva.
 Helena Emília de Lima Pontes
 Audiano Bezerra de Sousa
 Kátia Cilene Soares da Silva
 Jovelina Alves de Queiroz
 Joana Maria G. da Silva
 Maria Guilhermina da Silva
 Maria da Silva Pereira
 Ramunda Francisca Diniz de Oliveira
 Dalva Maria Diniz Figueira
 Eva Vilma Dantas de Oliveira
 Laurita Margarida Pereira da Silva
 Aldeci Rodrigues de Almeida
 Francisco dos Chagas do Nascimento
 José Roberto Domingos
 Maria Cristina Alves Mesquita
 Maria Lúcia de Sousa
 Maria Fátima Fernandes
 Rosimere Ramos da Silva Saldanha
 Alexandre Samuel dos Santos
 Jacinta Maria de Lima Ferreira
 Maria Conceição Capucho dos Santos
 Valdir Alves da Silva
 J. Lezíria Vieira da Silva
 Traída Anacleto de Silva Vieira
 Maria da Conceição Antunes Vieira

APÊNDICE B

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Programa de Mestrado Profissional em Letras



ProfLetras
Unidade Pau dos Ferros

ESCOLA ESTADUAL WALDEMAR DE SOUSA VERAS

ALUNO

Nº

ANO

TURMA

TURNO

DATA / /

QUESTIONÁRIO

1. Qual a importância dos estudos em sua vida? Por quê?
2. Você sente-se estimulado para vir para escola? Por quê?
3. O que lhe chama mais atenção na escola?
4. Quais são os seus objetivos enquanto estudante?
5. Quais motivos levariam você a perder o interesse ou abandonar os estudos?

6. Você sente-se interessado ou motivado para fazer as atividades propostas pelo professor durante as aulas de Língua Portuguesa?

7. Em que você tem mais dificuldade em Língua Portuguesa: Interpretação de texto, gramática ou produção textual?

8. Como as aulas de Língua Portuguesa poderiam ser mais atrativas para você?

9. Você costuma usar a internet com que frequência?

10. Você acha que o uso da internet ou do *Facebook* nas aulas de Língua Portuguesa poderia melhorar sua participação e sua aprendizagem?

ANEXOS

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO GRUPO: ESPAÇO DA APRENDIZAGEM / 6º ANO "B" 2014 WSV.

Paula Veronica Ferreira Rodrigues Rodrigues

21 de maio de 2014

Estimados alunos! Esse grupo foi criado para que possamos tornar as aulas de Língua Portuguesa mais produtivas com o uso do Facebook. Nesse espaço de aprendizagem, iremos desenvolver habilidades de leitura e escrita, como também, trocar experiências. Espero que essa ferramenta digital possa contribuir para o sucesso e a aprendizagem de vocês. Um forte abraço!

21 de julho de 2014

Paula Veronica Ferreira Rodrigues Rodrigues

Aí vai a primeira tarefa!

Façam um comentário a respeito da letra da música:

O Planeta Movido a Internet é Escravo da Tecnologia - Os Nonatos

O visor como tela de TV,
 O teclado acessível como book
 Pra maiúsculo ou minúsculo é Caps "Look" (Lock)
 Pra mandar imprimir é Control P
 Com os micros' Samsung e LG e os programas que a Apple financia
 A indústria da datilografia nunca mais vai fazer máquina Olivetti
 E o planeta movido a internet é escravo da tecnologia
 Quem se pluga em milésimo de segundo
 E se conecta ao portal e seus asseclas
 Basta apenas tocar numa das teclas que o visor nos transporta a outros mundos
 Desde a terra dos solos mais fecundos
 Ao espaço onde o vácuo se inicia
 Quem formata depois cola, copia e prende o mundo na grade de um disquete
 O planeta movido a internet é escravo da tecnologia
 A indústria se auto-destruindo
 Descartou o compacto e LP
 Veio o surto da febre do CD e DVD mal chegou e já está saindo
 MD não há mais ninguém pedindo
 Nu" a DAT gravar ninguém confia
 Fita BASF tem pouca serventia e ninguém quer mais nem ver videocassete
 E o planeta movido a internet é escravo da tecnologia
 Brasil SAT é mais uma criação que nos nossos vizinhos deu insônia
 O Sivam espiona a Amazônia evitando que haja outro espião
 É por via satélite a transmissão que não tem transmissão por outra via
 Uma antena seqüestra a sintonia pra DirecTV, Sky e Net
 O planeta movido a internet é escravo da tecnologia
 Transatlânticos no mar fazem cruzeiros
 E pelos micros das multinacionais

Hoje tem conferências virtuais com os executivos estrangeiros
 O email é correio sem carteiros, tanto guarda mensagem como envia
 Os robôs usam chip e bateria e videogame é brinquedo de pivete
 E o planeta movido a internet é escravo da tecnologia
 Cibernética na prática e no papel deixa os seres online e ganham IBOPE
 Com Word tem Palm e laptop e ainda mais PowerPoint e Excel
 É possível quem mora em Israel pelo Messenger teclar com a Bahia
 Se os autômatos ganharem rebeldia tenho medo que a máquina nos delete
 O planeta movido a internet é escravo da tecnologia
 Pra prever terremotos e tufões os sismógrafos têm números numa escala
 E o trem-bala é veloz como uma bala numa linha arrastando dez vagões
 No Japão e na China as construções já suportam tremor e ventania
 Torre, ponte, edifício, rodovia são perfeitos do jeito da maquete
 E o planeta movido a internet é escravo da tecnologia
 Nosso pouso na lua foi suave, um robô foi a Marte e se deu bem
 Estão querendo ir ao Sol, mas o Sol tem de calor um problema muito grave
 Mas a NASA não tem espaçonave que suporte essa carga de energia,
 Se for feita de fibra, se desfia, e de alumínio o monstrengo se derrete
 O planeta movido a internet é escravo da tecnologia
 Motorola trocou técnica e conselho, Nokia e Siemens galgaram patamares
 Já estão fora de moda os celulares que têm câmera e visor infravermelho
 Reduzindo o tamanho de aparelho, a Pantech fez mais do que devia
 Que a memória de um chip não podia ser mais grossa que a lâmina de um Gillete
 E o planeta movido a internet é escravo da tecnologia
 Hoje a Bombardier não fere as leis e a Embraer mãe de Sênecas e Tucanos
 Invisível aos radares há dois anos, já existe avião que a Sukhoi fez
 É da Nasa o XA-43 que voando tem mais autonomia
 Um piloto automático opera e guia o Airbus e o 747
 O planeta movido a internet é escravo da tecnologia.

- [Ana Kátia Ferreira Silva](#) essa musica mostra um histórico que avançou, e mostra verdadeira tecnologia através de aparelhos eletrônico, e mostra que as pessoas estão mais dependente da internet.

22 de julho de 2014 às 13:22 · [Editado](#) · [Descurtir](#) · [3](#)

- [Luan Matheus](#) Aletra dessa musica fala sobre a internet ela faz parte da nosa vida .Nós podemos falar com outro pessoas,podemos fazer compras.A tecnologia e a internet facilitam a nossa vida de estudante porquesar.Só temos que saber como usa-la para o nosso bem.

24 de julho de 2014 às 07:30 · [Descurtir](#) · [4](#)

- Carol Almeida a letra da musica fala sobre a tecnologia nao vivemos pois a tecnologia hj e'responsavel por maioria das coisas q hj vivemos pois o mundo é movido a internet

24 de julho de 2014 às 07:46 · Descurtir · 4

- Matheus Pereira a letra dessa musica fala sobre a tecnologia outro aspecto importante é que as pessoas não são mais solitarias. com a ajuda dos outros são mais amigos. a tecnologia e nossa aliada.

24 de julho de 2014 às 08:11 · Editado · Descurtir · 4

- Herllon Maycon o uso da tecnologia e muita e cada dia aumenta mais a tecnologia e muito utio para vida sores humanos eu uso a internet para tudo e tipo uma tarefa um trabalho de escola e nas escolas o uso da tecnologia vai ser muito boa para o mundo.

Curtir

24 de julho de 2014 às 08:07 · Descurtir · 5

- Robison Elias esta musica fala da tecnologia que ela e inportante em nossas vidas e a tecnologia aumenta nosso criatividade em trabalhos de escola o uso da tecnologia vai ser fundamental para nos e para o mundo porque dependemos dela para vivermos

7 de agosto de 2014 às 13:25 · Editado · Curtir · 2

Junior Roots Sangue Novo é sempre bom RAZÕES óbvias e necessários por estas e outras jovens Estudantes e também os produtivos DE PASSADOS ATUAL das ECONOMIAS BRASIL,FAZ BEM reler DIARIAMENTE.

19 de agosto de 2014 às 09:17 · Curtir

24 de julho de 2014

- Paula Veronica Ferreira Rodrigues Rodrigues
- Demonstre o seu entendimento sobre essa tirinha.



- Herllon Maycon pois se a tecnologia e tão eficiente que antes as pessoas antes precisavam ir a casa dos outro para conversa agora existe telefones e computadores e chates como facebook e orkut msn facilita nossa vida

24 de julho de 2014 às 13:16 · Descurtir · 3

- Luan Matheus a tecnologia e tão eficiente que antes as pessoas antes precisavam ir a casa dos outro para conversa agora existe telefones e computadores e chates como facebook e orkut msn facilita nossa vida

24 de julho de 2014 às 13:59 · Descurtir · 3

- Ana Kátia Ferreira Silva a tecnologia está evoluída que as pessoas não precisa mais conversa cara a cara por que agora existe celular, computador, e as redes sociais como Facebook , Twitter que pode facilita mais a comunicação das pessoas.

25 de julho de 2014 às 14:09 · Editado · Curtir · 2

Robison Elias a tecnologia estar tam envouvente porque nao precisamos mais falar cara a cara porque existe o telefone e outros meios de nos comunicar para conversamos ao telefone ou pelo facebook ou pelo twitter pode facilitar mais a comunicacao das pessoas

7 de agosto de 2014 às 13:40 · Editado · Descurtir · 2

Paula Veronica Ferreira Rodrigues Rodrigues

5 de agosto de 2014

Galerinha, aí está a proposta de produção de texto para hoje. Usem bem a criatividade para realizá-la!

Um menino seguia por uma estrada, quando viu, à beira do caminho, uma garrafa de formato estranho. Lembrou-se das histórias que ouvira sobre garrafas mágicas, com gênio dentro, que atendia a três pedidos de quem o libertasse.

Imediatamente o garoto começou a listar os seus desejos e necessidades, mesmo sem ter aberto a garrafa...

ESCREVA UMA HISTÓRIA COM COMEÇO, MEIO E FIM, NA QUAL VOCÊ OU UM PERSONAGEM CRIADO POR VOCÊ APRESENTARÁ TRÊS PEDIDOS AO GÊNIO DA GARRAFA. EXPLIQUE O MOTIVO DOS PEDIDOS.

BOA PRODUÇÃO PARA VOCÊS!

- Luan Matheus Em um dia um menino andado por uma estrada encontrou uma garrafa e parou para ver o que e ela tinha dentro. Ele pensou na historia que a vo dele contou sobre genio da garrafa que realizava desejos. Então começou a esfregar a garrafa com a intenção de ver o genio sair de dentro. de tanto esfregar a garrafa saiu um genio , ele pediu vários brinquedos, saúde para sua família e um milhão de amigos para poder brincar. o genio resolveu conceder os pedidos do menino porque viu que ele era solitário como ele. E todos foram felizes.

7 de agosto de 2014 às 08:42 · Editado · Descurtir · 4

- [Ana Kátia Ferreira Silva](#) um dia uma menina andado por um caminho ela viu uma garrafa na beira do caminho de uma forma estranha com alumínio e ai ela lembrou-se de uma historia que a mãe contava para ela dormir .

[6 de agosto de 2014 às 14:21](#) · [Descurtir](#) · [3](#)

- [Robison Elias](#) certa vez um menino foi a casa de sua vò perto de um banco. Ele chegou la e se divertiu brincou mas na hora de dormir o vò dele contou-lhe uma historia de uma garrafa da cor de ouro que tinha um genio dentro Logo amãheceu e ele foi brincar e quando chegou a tarde ele foi embora .Ele estava andando em uma estrada perto de um rio ele viu uma garrafa da cor de ouro com uma fumaça estranha dento ele foi abrir e apareceu um genio que lhe concedia tres desejos e foi correndopara casa e se alegrou muito ele pediu que tiverse felicidade, uma familia elege e que ajude a todo a minha familia e que desse saude a ela

[7 de agosto de 2014 às 08:39](#) · [Editado](#) · [Descurtir](#) · [2](#)

[Junior Roots](#) È preciso sidedicar na escola pra vencer...

[19 de agosto de 2014 às 09:05](#) · [Curtir](#) · [1](#)

Paula Veronica Ferreira Rodrigues Rodrigues

14 de agosto de 2014

Mesmo um pouco atrasado, deixo esse lindo poema para que vocês possam refletir e comentar.

SER ESTUDANTE

Se quiseres ser um verdadeiro estudante

Não aprenda só o superficial,

Pois o difícil pode se tornar barreira vencida.

Para aquele cujo momento chegou agora, nunca é tarde demais!

Aprender o ABC não basta, mas aprenda-o.

Procura na escola o que deseja para tua vida,

Pois ela te recolherá, orientará, dirigirá.

Confia nos teus mestres: eles não te decepcionarão.

Se não tens teto, cobre-te de saber,

De vontade, de garra.

Se tens frio, se tens fome,

Agarra-te ao livro: ele é uma boa arma para lutar.

Se te faltar coragem,

Não tenha vergonha de pedir ajuda.

Certamente haverá alguém para te estender a mão.

Sê leal, fraterno, amigo, forte!

Nunca te deixes ser fraco, desleal, covarde.

Pois tu, jovem estudante,

tens que assumir o comando do teu país.

Respeita para ser respeito.

Valoriza para ser valorizado.

Espalha amor para seres amado.

Não tenhas medo de fazer perguntas:

toda a resposta terá sentido.

Não te deixes influenciar por pensamentos alheios ou palavras bonitas.

Tenha a tua própria linguagem (aperfeiçoa-te).

Quando te deparares com a injustiça, a impunidade, a corrupção,

a falta de limites, o abuso de poder,

Pensa na existência de tudo o que te cerca.

Busca o teu ideal e lembra: um valor não se impõe, se constrói.

Não faça do teu colega, uma escada para subir.

Isto é imoral e a imoralidade não faz parte da tua lição.

Autora: Marina da Silva

- Alvaro Jackson e um texto muito refletivo que fala das coisas que vc tem que lutar para ter o que vc quer no estudor

18 de agosto de 2014 às 08:31 · Editado · Descurtir · 4

- Carol Almeida Esse texto significa, que sem a escola nois nao seriamos ningem pois sem a escola a nigem vive por que nois sem a escola seriamos segos e pois qem nao sabe ler hj e sego ; a vida regise de leitura e sem leitura ningem vivi e o texto fala que a gente tem que levantar a cabeça e seguir em frente pois a vida nao e so de brincadeira e sim nois todos temos um futuro ; na frente de nossas

cabeças e seremos os futuro desse pais entao nois iremos se dedicarn mais pra sermos algem nessa vida ; pois algumas pessoas pensam q a vida e uma brincadeira pra nao estuda e vao pra escola so pra brincar ; e fazer coisa errada por que pensam que nai vao ter um futuro daqui pra frente eu penso em ter um futuro mas algues nao por que pensam em brincar.

19 de agosto de 2014 às 09:15 · Editado · Descurtir · 3

- Junior Roots Essi texto mostra a verdade dos guerreiros qui querem vemcer na vida..
- Junior Roots "Nós estudantes vivemos em busca da sabedoria, portanto devemos ter a sede do saber!"

19 de agosto de 2014 às 09:15 · Curtir · 2

- Luan Matheus O poema fala sobre o papel do estudante. Para ser um estudante seeeeeeeeeeeeer educadosprecisa

19 de agosto de 2014 às 09:18 · Descurtir · 2

- Ana Kátia Ferreira Silva O poema fala que se o estudante quiser ser um verdadeiro estudante e preciso aprender mais a educação.Pois o difícil pode se torna uma barreira vencida.Aquele que chegou agora, e nunca e tarde demais para aprender a ser um estudante com vontade estuda e para ser um estudante respeitado tem que aprender a respeita os mais velhos, para que seja respeitado também.E para também um grande futuro pela frente.

19 de agosto de 2014 às 15:06 · Editado · Descurtir · 2

POEMAS DA OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Herllon Maycon

2 de setembro de 2014 · Alexandria (Rio Grande do Norte)

Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o futuro.

O lugar onde vivo

A POUCO TEMPO

Moro em Alexandria
cidade que aprendi a amar
não é minha terra natal
mas amo este lugar.

Estou aqui a pouco tempo
e já aprendi a admirar
essa cidade tão linda
do sertão potiguar.

Gosto da escola que estudo
da praça que me divirto
dos amigos com quem apronto
e que a pouco tempo convivo.

É uma pena que no fim do ano
dessa cidade vou partir
mas vou levar comigo
as lembranças daqui.

Herllon Maycon

Luan Matheus

2 de setembro de 2014

Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o futuro.

O lugar onde vivo

O MEU LUGAR

O lugar onde vivo
se chama Alexandria
é uma cidade simples
de encantos e harmonia.

aqui tem uma feira livre
com muitas variedades
qualquer coisa que quiser
você encontra na cidade.

aqui tem muitas praças lindas
que a noite vem gente passear
tem rapazes e garotas lindas
que vem para namorar.

Não saio desse lugar
que me encanta noite e dia
para sempre quero viver
na minha linda Alexandria.

Luan Mateus

Robison Elias

2 de setembro de 2014

Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o futuro.

O lugar onde vivo

A minha cidadezinha

A minha cidade
é chamada Alexandria
tem um povo muito alegre
que vive em harmonia.

Alexandria é um lugar
cheio de simpatia
seus habitantes exercem
a sua cidadania.

Aqui todos se respeitam
e vivem como irmãos
cuidam bem das árvores
não jogam lixo no chão.

Fazem bem o seu papel
de serem bons cidadãos
e para ajudar a cidade
todos unem as mãos.

Robison Elias (Elias Roque de Sousa dos Santos)

Ana Kátia Ferreira Silva

2 de setembro de 2014

Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o futuro.

O lugar onde vivo

Alexandria ou Terra da Barriguda

É simples e acolhedor
o lugar onde vivo
é uma cidade do interior
de um povo sofrido.

Alexandria ou terra da Barriguda
você escolhe como chamar
a primeira maravilha
do interior potiguar.

Aqui tem várias igrejas
para o povo rezar
tem também muitas praças
para os jovens namorar.

Não saio desse lugar
aqui eu vou ficar
nessa cidade querida
para sempre quero morar.

Ana Kátia Ferreira Silva

Paula Veronica Ferreira Rodrigues Rodrigues

18 de setembro de 2014

Na sua opinião, qual o problema mais grave que o Brasil ou o Estado do Rio Grande do Norte enfrenta e o que você faria, se fosse governante, para solucionar tal problema?

- Robison Elias O problema mais grave que atinge o rio grande do norte e a seca.A seca esta afetando todo o estado nordestino mas eu acredito que isso vai mudar.Se eu fosse governante faria reservatorios de água,represas o que fosse preciso para resolver essa situação e garanti a água durante o periodo da seca.

18 de setembro de 2014 às 09:25 · Descurtir · 3

- Herllon Maycon o problema mais grave que o país enfrenta é em relação a educação. Se eu fosse presidente iria dar mais atenção a educação, pois o Brasil tem muitos analfabetos, crianças e adultos que não sabem ler nem escrever. Eu construiria mais escolas para as crianças terem mais chances e valorizava mais os professores

18 de setembro de 2014 às 09:31 · Editado · Descurtir · 4

- Matheus Pereira O maior problema que o Brasil enfrenta é a seca. Se eu fosse candidato a presidência minha proposta era construir poços, açúdes e represas, para no período do inverno reservar água para abastecer as cidades durante a seca.

18 de setembro de 2014 às 09:48 · Descurtir · 2

Ana Kátia Ferreira Silva A segurança do Rio Grande do Norte está péssima. Se eu fosse candidata ao governo do Estado colocaria mais policiais nas ruas para fazer a ronda e construiria UPP nos bairros.

18 de setembro de 2014 às 09:55 · Descurtir · 2

Paula Veronica Ferreira Rodrigues Rodrigues

2 de dezembro de 2014 · Editado

Bom dia galerinha!

Após a leitura da obra: "O maravilhoso mágico de Oz" de Lyman Frank Baum, diga quais lições de vida a leitura do livro deixa para cada um de vocês.

- Ana Kátia Ferreira Silva Eu gostei da obra do Maravilhoso Mágico de Oz e dos personagens que foram em busca do Mágico para realizar os seus desejos. A lição que o texto transmite é sobre amizade e companheirismo e que devemos acreditar em nós mesmos se quisermos alcançar nossos sonhos . Ele ainda nos mostra que o nosso lar é o melhor lugar que existe pois estamos juntos de quem amamos.

2 de dezembro de 2014 às 09:33 · Editado · Descurtir · 3

- Larissa Ellen Eu gostei muito dos personagens mas o que chamo atenção foi o espantalho por que ele achava que não tinha cérebro mais ele tinha o tempo todo. E não percebia nada. Através do mágico de OZ ele descobriu que tinha. O texto me ensinou que podemos ter tudo que queremos se acreditar e que também temos que olhar para dentro de nós mesmos.

2 de dezembro de 2014 às 09:14 · Descurtir · 5

- Matheus Pereira Eu achei essa obra muito boa pois ela nos ensina muitas coisas como: não importa onde estejamos a nossa casa é o melhor lugar do mundo, a respeitar o próximo e de ter compaixão. A obra mostra também que não basta termos riqueza para sermos felizes na vida que com Jesus e a nossa família que é o mais importante para o nosso futuro,nós conseguimos tudo aquilo que desejamos basta acreditar.

2 de dezembro de 2014 às 09:19 · Editado · Descurtir · 5

Paula Veronica Ferreira Rodrigues Rodrigues

9 de dezembro de 2014

Negócio de menino com menina - Ivan Angelo

O menino, de uns dez anos, pés no chão, vinha andando pela estrada de terra da fazenda com a gaiola na mão. Sol forte de uma hora da tarde. A menina de uns nove anos ia de carro com o pai, novo dono da fazenda. Gente de São Paulo. Ela viu o passarinho na gaiola e pediu ao pai:

_ Olha que lindo! Compra pra mim?

O homem parou o carro e chamou:

_ Ô menino.

O menino voltou, chegou perto, carinha boa. Parou do lado da janela da menina. O homem:

_ Este passarinho é pra vender?

_ Não senhor.

O pai olhou para a filha com uma cara de deixa pra lá.

A filha pediu suave como se o pai tudo pudesse:

_ Fala pra ele vender.

O pai, mais para atendê-la, apenas intermediário:

_ Quanto você quer pelo passarinho?

_ Não tou vendendo não senhor.

A menina ficou decepcionada e segredou:

_ Ah, pai, compra.

Ela não considerava, ou não aprendera ainda, que negócio só se faz quando existe um vendedor e um comprador. No caso, faltava o vendedor.

Mas o pai era um homem de negócios, águia da Bolsa, acostumado a encorajar os mais hesitantes ou a virar a cabeça dos mais recalcitrantes:

_ Dou dez mil.

_ Não senhor.

_ Vinte mil.

_ Vendo não.

O homem meteu a mão no bolso, tirou o dinheiro, mostrou três notas, irritado.

_ Trinta mil.

_ Não tou vendendo, não, senhor.

O homem resmungou “que menino chato” e falou pra filha:

_ Ela não quer vender. Paciência.

A filha, baixinho, indiferente às impossibilidades da transação:

_ Mas eu queria. Olha que bonitinho.

O homem olhou a menina, a gaiola, a roupa encardida do menino, com um rasgo na manga o rosto vermelho de sol.

_ Deixa comigo.

Levantou-se, deu meia volta, foi até lá. A menina procurava intimidade com o passarinho, dedinho nas grestas da gaiola. O homem, maneiro, estudando o adversário:

_ Qual é o nome deste passarinho?

_ Ainda não botei nome nele, não. Peguei ele agora.

O homem, quase impaciente:

_ Não perguntei se ele é batizado não, menino. É pintassilgo, é sábia, é o quê?

_ Aaaah. É bico-de-lacre.

A menina, pela primeira vez, falou com o menino:

_ Ele vai crescer?

O menino parou os olhos pretos nos olhos azuis.

_ Cresce nada. Ele é assim mesmo, pequenininho.

O homem:

_ Canta?

_ Canta nada. Só faz chiar assim.
 _ Passarinho besta, hein?
 _ É. Não presta pra nada. É só bonito.
 _ Você pegou ele dentro da fazenda?
 _ É. Aí no mato.
 _ Essa fazenda é minha. Tudo que tem nela é meu.
 O Menino segurou com mais força a alça da gaiola, ajudou com a outra mão nas grades. O homem achou que estava na hora e falou já botando a mão na gaiola, dinheiro na outra mão.
 _ Dou quarenta mil! Toma aqui.
 _ Não senhor, muito obrigado.
 O Homem, meio mandão:
 _ Vende isso logo, menino. Não ta vendo que é pra menina?
 _ Não, não tou vendendo não.
 _ Cinquenta mil! Toma! _ e puxou a gaiola.
 Com cinquenta mil se comprava um saco de feijão, ou dois pares de sapatos, ou uma bicicleta velha. O menino resistiu, segurando a gaiola, voz trêmula.
 _ Quero não senhor. Tou vendendo não.
 _ Não vende por quê, hein? Por quê?
 O menino acuado, tentado explicar:
 _ É que eu demorei a manhã todinha pra pegar ele e tou com fome e com sede, e queria ter ele mais um pouquinho. Mostrar pra mamãe.
 O homem voltou para o carro, nervoso. Bateu a porta, culpando a filha pelo aborrecimento.
 O menino chegou pertinho da menina e falou baixo, para só ela ouvir:
 _ Amanhã eu dou ele pra você. Ela sorriu e compreendeu.

Depois de ler o conto "Negócio de menino com menina" de Ivan Ângelo, apresente as suas impressões sobre o mesmo.

- [Luan Matheus](#) Muito interessante esse conto. Eu pensava que fosse falar sobre amizade ou uma investida do menino com a menina, mas não de uma venda de um passarinho. Achei que o pai da menina insistiu muito pra comprar o passarinho e o menino muito seguro em não vender. Se fosse comigo teria vendido o passarinho e voltado para pegar outro.

[9 de dezembro de 2014 às 09:27](#) · [Editado](#) · [Descurtir](#) · [5](#)

- [Herllon Maycon](#) Existem muitos negócios de meninas com meninos e eu acho que a pessoa não precisa vender uma coisa que tem valor pra você por que você ralou para conseguir ela. se eu fosse o menino do texto também não venderia o passarinho porque tem coisas que o dinheiro não compra.

[9 de dezembro de 2014 às 10:00](#) · [Editado](#) · [Descurtir](#) · [4](#)

Matheus Pereira A parte do conto que eu mais gostei foi o fato do menino não ter vendido o passarinho. se eu fosse ele também não teria vendido. Nem tudo é comprado com o dinheiro porque ele é a raiz de todo mal, por isso temos que valorizar o que temos na vida principalmente quando conseguimos com esforço.

9 de dezembro de 2014 às 10:19 · Descurtir · 2

Paula Veronica Ferreira Rodrigues Rodrigues

11 de dezembro de 2014 ·

Com base na obra "Histórias de fadas" do escritor irlandês Oscar Wilde, um livro de contos recomendado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, mas que não apresenta um final feliz como os outros contos, dê um novo final para uma das quatro histórias: "O rouxinol e a rosa", "O príncipe feliz", "O gigante egoísta" e "O Amigo dedicado".

- Robison Elias "O gigante egoísta" O gigante viu as crianças no seu jardim e o menino com as mãos feridas e disse; _ eu vou curar suas feridas com o meu amor e nós vamos poder brincar e se divertir muito todos os dias debaixo dessas árvores e todos nós seremos felizes para sempre nesse lindo paraíso.

11 de dezembro de 2014 às 08:58 · Editado · Descurtir · 6

- Luan Matheus "O príncipe feliz" O príncipe com o seu bom coração de chumbo junto com o passarinho continuou a ajudar o povo sofrido da cidade. todas as pessoas viram que a cada dia a estátua do príncipe feliz se tornava mais feliz ainda, então o povo resolveu cuidar bem da estátua e do passarinho que vivia junto dela.

11 de dezembro de 2014 às 09:18 · Descurtir · 5

- Larissa Ellen "O rouxinol e a rosa"
_como você me disse que queria uma rosa vermelha eu consegui ela pra você. Um rouxinol me ajudou a encontrá-la, ela é a mais vermelha de todas as rosas. Veja como é bonita. A moça aceitou a rosa e aceitou dançar com o rapaz e ele ficou muito feliz.

11 de dezembro de 2014 às 09:30 · Descurtir · 4

Matheus Pereira "O amigo dedicado". O pequeno Hans e o moleiro Hugo se tornavam mais amigos a cada dia. quando um precisava de ajuda o outro sempre ajudava. Hans sempre dava suas flores lindas para Hugo e ele deu seu carrinho de mão para que Hans pudesse trabalhar. No inverno, Hans sempre se abrigava na casa de Hugo e em troca disso Hans fazia alguns trabalhos para Hugo. Eles eram muito amigos.

11 de dezembro de 2014 às 09:59 · Editado · Descurtir · 3

Paula Veronica Ferreira Rodrigues Rodrigues

12 de dezembro de 2014

Estamos chegando a mais um final de ano letivo. Nossa, que ano! Estudamos bastante, nos divertimos e tivemos muitos projetos interessantes. Também fizemos novos amigos durante esse ano! Cada um de vocês tem trazido e recebido alegria na sala de aula, por isso estou tão feliz de ter um grupo maravilhoso de estudantes neste ano o qual pude aprender e ensinar. Todos tocaram a minha vida e espero manter contato, pois hoje em dia a tecnologia facilita isso e é também nesse intuito que o nosso grupo existe, para interagirmos.

Obrigada por tudo que cada um de vocês tem feito para tornar o nosso ano letivo ainda mais maravilhoso, gratificante e inesquecível! São esses gestos que vão fazer o ano que vem ainda melhor. Tenham ótimas férias, feliz natal e feliz ano novo!

Agora é com cada um de vocês!

Deixe aqui sua mensagem e suas impressões sobre esse ano letivo o qual pudemos dividir e compartilhar experiências.

- Robison Elias Eu quero aqui agradecer aos meus professores que me ajudaram muito esse ano. Foi mais um ano de aprendizado e de amizade. Foi muito bom participar do grupo chamado espaço da aprendizagem que foi o grupo que eu gostei de participar e de trocar experiências com minha professora e meus colegas. Eu agradeço por todas as leituras e produções que fizemos, aprendi bastante. Desejo um feliz natal e um próspero ano novo a todos.

12 de dezembro de 2014 às 07:59 · Editado · Descurtir · 3

- Herllon Maycon Para falar a verdade eu gostei muito do grupo ele me fez pensar nas coisas da vida, a desenvolver a leitura e a escrita, eu aprendi muitas coisas. Conheci muitos professores e amigos. Gosto muito da professora Paula e ela foi fundamental para minha vida e vou levar os ensinamentos dela para sempre e nunca vou esquecer da diretora Zeza gosto muito dela dos professores que mesmo sendo um pouquinho chatos gosto deles de Reinaldo, Ferreira Junior, Dara. Nega, Maria Tereza, Das Chagas e sim eu adorei a escola. Que próximo ano eu possa repetir tudo de novo. Feliz Natal para todos e um próspero ano novo.

12 de dezembro de 2014 às 08:08 · Editado · Descurtir · 3

- Luan Matheus Esse ano eu quero agradecer a todos os professores, funcionários e diretores pela dedicação com os alunos. Eu desejo um feliz natal para todos e um ano novo com muita paz que Deus abençoe com muita felicidade a todos.

12 de dezembro de 2014 às 07:51 · Editado · Descurtir · 2

Matheus Pereira Gostaria de agradecer aos meus professores por ter me ensinado e me orientado nesse ano. Eu gostei muito de fazer parte do grupo, de ler ,comentar e de produzir textos.Foi muito interessante esse grupo gostaria de continuar no próximo ano fazendo parte dele. A tecnologia ajuda muito na nossa aprendizagem e no nosso contato. Quero desejar um feliz natal e um ano novo pra todos da escola Waldemar de Souza Veras fiquem todos com Deus.

12 de dezembro de 2014 às 08:26 · Descurtir · 1